

WILSON GARCIA

TÍTULO ABERTO (faça sua sugestão)

Doca de fumaça e o menino de algodão

Baseado em fatos reais

Recife, fevereiro de 2017

*DUAS VIDAS TODOS TEMOS...
MUITAS VEZES SEM SABER...
- A VIDA QUE NÓS VIVEMOS
E A QUE SONHAMOS VIVER...*

LUIZ OTÁVIO

SUMÁRIO

- I – Hora do triunfo, 4
- II – Muito prazer, Doca, 12
- III – Café matinal, 30
- IV – O lado oculto da casa, 54
- V – O chicote queimado, 71
- VI – Um grito na madrugada, 80
- VII – Onde estás?, 100
- VIII – Eu sou filho das estrelas, ele, dos barões, 122
- IX – Natal e solidão, 135
- X – O desgaste da liberdade, 143
- XI – Corações de lama, 166
- XII – Esta não lhe pertence, 186
- XIII – Água de beber, vinho de provar, 194
- XIV – O Cine Brasil e a amizade de papelão, 208
- XV – Um plano de última hora, 214
- XVI – Tudo acaba onde não termina, 234
- XVII – O documento, 250

I – Hora do triunfo

O fim do outono se aproximava quando ele entrou no pátio da antiga fazenda e deu de cara com o letreiro. Estava cansado, muito cansado. Tudo em volta denotava abandono, as folhas, secas pelo chão, as árvores nuas, e um fino e insidioso vento frio a aumentar o desconforto.

Sentou-se no velho banco de madeira sem se importar com o pó acumulado, recostou-se com cuidado e tentou lembrar-se de quando ouviu pela primeira vez aqueles versos. Perguntou-se se não era imaginação ou miragem e num último esforço levantou-se e se arrastou até o letreiro. Lá estava a trova, não restava dúvida, gravada a fogo na tábua agora quase podre.

*Na correnteza da vida
És madeira que flutua,*

*São os outros que te levam
E pensas que a força é tua.*

Sentou-se, novamente, ajeitou o cachecol xadrez em volta do pescoço, fez novo esforço mental e ouviu uma voz feminina a dizer aqueles versos com uma suavidade que somente as mulheres conseguem. Olhou em volta para se certificar se Doca não estava por ali, pois ultimamente ela dava de aparecer com uma ternura que lhe comovia. Nada.

– É outono total, resmungou.

A voz repetiu os versos e ele procurou outra vez Doca com o olhar. Inutilmente. De repente, viu-se projetado ao passado de sua infância. A memória o conduziu primeiro na direção do Largo da Matriz de sua cidade natal. Depois de contornar a imponente igreja, foi surpreendido pela lembrança do dia em que entrou pela porta principal nas vestes de

coroinha. Estava, então, com oito anos de idade. Desceu as escadarias, passou pelos imensos jardins até alcançar uma residência que havia frequentado muitas vezes. Logo, estava no quarto do amigo de infância, o Zinha. Viu Mirtes, a cozinheira, Odila, a doceira e, por último, o amigo, deitado na mesma cama de antigamente, a recuperar-se da terceira cirurgia cardíaca. Provação dura, que lhe tirava as forças e ainda reduzia drasticamente a visão. Ao lado, os óculos de grossas lentes capazes de acender uma fogueira se colocado contra o sol.

Um antigo rádio de válvulas, no criado mudo da cabeceira, anunciava o início da novela das cinco horas da tarde. Quando “Jerônimo, o herói do sertão” começasse, todos na casa estavam informados por D. Maura, a mãe, de que não deveriam importunar o Zinha. Antes, porém, entraria o momento de poesia com um locutor de voz empostada e romântica, dourando as esperanças dos corações sonhadores.

Deixou a casa e prosseguiu em seu passeio. Passou pela padaria do “seu” Chico, alcançou o imponente prédio do grupo escolar e, por fim, a rua do Descoberto, onde viveu com Doca a primeira experiência extraterrena. Ali estava, à sua frente, o pequeno prédio caiado de amarelo com o letreiro encimando a porta: Centro Espírita Carlos Alves. Recordou-se, então, daquela manhã de verão em que Doca, candidamente, chamou sua atenção para os estranhos fatos que ali ocorriam, quando se dirigiam à fazenda do Salú.

Ele menino de barro e sonhos, ela mendiga de vida e dor. Tudo era passado, apenas as lembranças confirmavam o presente. E o presente passava.

Uma força estranha, porém, o levou de volta ao lugar desértico e silencioso da velha fazenda da Braúna. O pátio que foi testemunha de muitas histórias estava totalmente abandonado. Foi naquele lugar que Doca ressurgiu das sombras pela primeira vez, deixando nele a certeza de que o

acompanharia em sua trajetória de quase setenta anos de vida física. Bastou o olhar dela, luzindo no rosto pálido e tranquilo, para que ele tivesse essa convicção que, enfim, se confirmou.

Quando era criança e Doca mendigava, ela o conduziu pelas mãos em muitas aventuras infantis, enquanto ele a acompanhou em algumas de suas rondas semanais pelas casas da pequena cidade, em busca de doações. Ela enchia de mantimentos a sacola que levava pendurada no braço direito e retornava para casa, onde separava alimento por alimento, metodicamente. Passo seguinte, saía a distribuir tudo com algumas famílias pobres da periferia com as quais mantinha contato permanente.

Quando se deu conta do que Doca fazia, o imberbe menino viu abrir-se em sua mente uma nova e surpreendente dimensão da vida. Admirou, no silêncio do olhar, Doca como nunca havia admirado alguém. E chorou lágrimas doloridas na única vez

em que a acompanhou na distribuição dos alimentos que havia recolhido.

Isso aconteceu num início de noite de uma quarta-feira. No primeiro casebre em que entraram, viu quatro rostos tristes e famintos – um casal de negros e seus dois filhos – se iluminarem a ponto de a lamparina de querosene parecer luz elétrica de mil volts. A fome cobra um preço alto à dignidade humana, mas a esperança mantém os corpos em pé. O quadro se repetiu nas outras três choupanas em que foram. Fatos como esses tocam o coração e fazem até o cérebro de um simples menino registrar para sempre.

Ali, agora, tudo parecia um sonho. Doca o amparou durante aquele tempo todo sem se deixar ver por quase mais ninguém, sem dizer palavras, apenas com o olhar compassivo e calmo. Foi-lhe inspiração e foi estímulo. Costumava aparecer em horas difíceis e quando o fazia, fazia também com seu olhar silencioso um significativo e terno discurso a

transmitir-lhe tranquilidade. Quando em vida, falava pouco, apenas o necessário. Já nas sombras, parece ter descoberto que a palavra era ainda mais inútil. Acostumou-se ele com aquelas aparições, às vezes contínuas, às vezes espaçadas. Mas sempre que ocorriam, sinalizavam segurança e propunham serenidade.

Faz uma semana que Doca falou pela primeira vez depois de tantos anos de convívio. E suas palavras foram de despedida. Ele entendeu a mensagem. Soube que em breve trocariam de lugar; ele retornaria ao mundo das sombras e ela viria ao mundo dos seres de algodão. Foi quando decidiu revisitar o passado e voltar ao momento e ao lugar onde tudo começou. Doca caminhava para o ocaso da vida, mas com o tempo necessário para dar-lhe o exemplo da boa caridade. Ele estava quase no início, frágil e cheio de sonhos, com todo um futuro pela frente.

Uma outra voz vinda de dentro do cérebro, resignada, lembrou-lhe que a vida nos alerta para a hora de nascer e a hora de morrer. O vento assobiou entre as árvores e alguém o avisou que deveriam partir. Ele olhou pela última vez o pátio.

Silêncio. Outono. Silêncio outonal.

II – Muito prazer, Doca

Aqui começa a história de Doca e o menino sem nome. O final foi quase todo descrito acima. Faltaram alguns poucos detalhes que forneço a seguir.

1956. A pequena cidade mineira guarda suas tradições com garbo e tem orgulho de si mesma, de seus habitantes ilustres e das conquistas históricas. Esconde quanto pode e mostra, também. O que não é para ser visto, permanece oculto; o que é, alardeia-se quanto possível.

– Você viu o que aconteceu ontem à noite? Menina, que coisa horrível!

Pronto, está instalada a curiosidade, a dúvida ou o despeito. Como não saber de algo importante? Como estar alheio ao que certamente será motivo de comentários e chacotas no dia seguinte?

Naquela manhã de setembro, quando os últimos sopros de vento frio se desfaziam e o calor extemporâneo antecipava o verão, Doca tomou o menino pelo braço, dizendo:

– Vamos até a fazenda do Salú.

Sabia ele que, em momentos assim, Doca já havia conversado com sua mãe sobre a intenção de levá-lo em sua companhia. Os dois subiram em direção ao Grupo Escolar Cel. José Brás, passaram pelos Democráticos, o clube da elite da cidade, e entraram pela rua do Descoberto. Doca, sempre de mão dada com o menino, de repente puxou-o para a calçada do outro lado, sem nada dizer. O menino olhou-a, meio assustado. A rua quase deserta não oferecia perigo algum, além do mais era dia de sol. Quando atingiram mais ou menos a metade do percurso, sussurrou ela nos ouvidos do menino:

– Não olhe, mas ali, naquela casa – disse, apontando para um prédio caiado de amarelo do

lado oposto – fazem-se umas reuniões estranhas à noite. Dizem que é coisa do diabo, assombrações, sei lá.

– Que é isso, Doca? – Perguntou o garoto, surpreso.

Doca preferiu o silêncio e, segurando-o pelo braço, apressou o passo.

A ligação do menino com aquela curiosa mulher era de pura afinidade. Não havia outra explicação. Claro, quando queria companhia para alguma coisa que precisava fazer, ela lhe prometia sempre alguma recompensa. Sabia ele que na fazenda do Salú poderia se deliciar com as frutas que apanharia no próprio pé, principalmente no extenso pomar de goiabas vermelhas e brancas que lá existia. E para ele era sempre tempo de goiaba...

Mas aquele dia foi frustrante para os dois. Não havia ninguém em casa de Esmeralda, a amiga de Doca. Tudo estava vazio e silencioso. Surpresa, Doca deu meia-volta e sequer se lembrou da

promessa que fizera ao menino antes de partir. Retornaram da mesma forma que foram: a pé, oito quilômetros de estrada poeirenta pela frente. Na chegada à cidade, Doca recusou-se a seguir pela rua do Descoberto, imaginando que aquela casa amarela lhe dera azar. Preferiu fazer um caminho mais longo a passar novamente pelo lugar mau falado, e quando chegou no seu destino revelou à mãe do menino toda sua frustração. Nem se deu conta de que também ele estava frustrado, tremendamente frustrado.

– E minhas goiabas, resmungou baixinho.

O menino não sabia que aquela história de assombrações ficaria registrada em sua memória. O silêncio de Doca quando ele perguntou do que ela estava falando foi suficiente para que percebesse que não deveria insistir. Por outro lado, ele mesmo não tinha então qualquer interesse no assunto. Mas ficou, como muita coisa fica, quer percebamos, quer não. A vontade, aí, não funciona,

principalmente quando se tem sete anos de idade. Mais tarde, as memórias retornam, se não se transformarem antes em desejos latentes a exercer influência na construção da história individual.

Doca era uma figura curiosa. Já estava incorporada ao folclore da cidade e tinha lá seus mistérios. Permita-me falar um pouco dela, que igual nunca vi em lugar algum. Se estivesse viva hoje, estaria com cento e vinte e um anos. Barbaridade, só agora me dou conta de que também envelheci. Mas vamos lá.

Doca era de estatura mediana, magra, branca e deveria ter sido muito bonita quando moça. O tempo e a vida cuidaram de criar sulcos e rugas em seu rosto. Tinha os cabelos claros e lisos, andava com certa altivez, usava vestidos abaixo dos joelhos e calçava sempre a mesma sandália surrada. Quem a visse jamais diria que estava diante de uma pedinte.

Pendurada no braço direito, podia-se vê-la nas suas caminhadas matinais com a mesma sacola. Saía vazia, voltava cheia, se o dia era de sorte. Isto mesmo, Doca mendigava. Conheciam todo mundo na cidade, e todos acreditavam que a conheciam. Menos eu, que até hoje desconfio das minhas memórias...

Doca mendigava, mas com absoluta discrição. Ambiguidade? Não, certamente. Na rua, andava quase sempre calada, não conversava senão com aqueles a quem conhecia de intimidade e mesmo assim quando lhe dirigiam a palavra. Ela não puxava conversa, mas também não negava um cumprimento. Tinha seus endereços certos, não parava em esquinas. Era de absoluta confiança, de modo que se encontrava a porta aberta de uma casa conhecida ia entrando e anunciando-se através de ruídos e um arrastar de pés, para que ninguém se assustasse.

Sorria, cumprimentava, sentava, tomava café, conversava, levantava, fazia menção de ir-se, retornava, conversava e quando finalmente alguma coisa caía na sua sacola, desaparecia, agradecida. Era assim, sempre. Que espírito!

Não poucas vezes, despedia-se e ao chegar à porta de saída dava meia-volta e continuava a prosa infundável. Acostumadas, as pessoas da casa brincavam de apostar quantas vezes ela se despediria antes de ir-se de vez. Doca sabia, mas não ligava. Parecia até que agia conscientemente, só para sentir o prazer de fazer as pessoas falarem dela, mesmo que jocosamente. Tudo o que desejava era encher sua sacola...

Estava o menino certa ocasião em casa de dona Niroca fazendo não sei o quê quando Doca chegou. Sem perceber a presença dele, sentou-se e começou a contar seus casos. Dona Niroca continuou fazendo o que fazia, ou seja, o almoço. Doca falava, andava, falava, dirigia-se à porta da

rua, retornava. Fez isso umas dez vezes. Até que dona Niroca calmamente abriu um armário e de lá tirou um embrulho e deu-lhe. Agora, sim, Doca se foi dispensando o convite para o almoço, que tinha muita coisa ainda a fazer naquele dia.

Aos poucos, o menino foi percebendo que as pessoas sabiam que Doca tinha dia certo para aparecer e antecipavam o que iriam doar. Seu tempo era o tempo de a sacola encher. Então rumava para casa, ou seja, a casa do menino. Lá, conferia, dividia tudo em duas ou três partes, entregava a parte que julgava caber à mãe do menino e às famílias que ajudava e depois tomava o rumo da casa de sua irmã, onde dormia num velho e ruidoso colchão de palha de milho.

Doca mendigava, sim, mas para dar aos outros. Um dia, o menino conheceu o caminho completo que ela fazia quando estava na cidade. Ao retornar do seu giro matinal depois de visitar umas dez, doze famílias, chegou contente, com duas sacolas cheias,

que uma havia ganhado de dona Nicinha, uma senhora simples e negra que esbanjava simpatia.

– Olha, Doca – disse dona Nicinha – leva também esta sacola aqui, senão não vão caber todas essas coisas que você já recolheu hoje.

Doca depositou na mesa da cozinha todos os embrulhos, ajudada pela mãe do menino, e naquela tarde-noite dividiu tudo em quatro partes. Sem dizer nada, colocou os embrulhos novamente nas sacolas cuidando para não os misturar, e pediu autorização à mãe do menino para que ele pudesse ajudá-la na distribuição.

Saíram os dois em direção ao bairro do Caxangá, atravessaram uma pequena ponte, entraram por uma estreita estrada de terra e finalmente chegaram a um local quase ermo. Havia ali alguns casebres de taipa iluminados por lamparinas de querosene. Uma pobreza grande. No primeiro em que Doca entrou moravam um casal e seus dois

filhos pequenos. O fogão à lenha estava apagado, as panelas, vazias, e tudo levava a crer que não havia alimentos ali há algum tempo. Mas era de ver a alegria nos rostos simples das crianças e do casal quando Doca surgiu pela porta.

Uma sensação estranha, diferente, percorreu todo o corpo do menino. Sem saber por que, certo constrangimento o alcançou, fazendo-o recolher-se a um canto do casebre, de onde assistiu, calado e atento, a uma cena que jamais esqueceria.

Doca, rosto sereno e, diria, quase impassível, disse um boa noite cordial, parecendo não querer demonstrar qualquer emoção mais forte – ou então por estar há muito acostumada com cenas desse tipo. Em seguida, depositou sobre uma velha e tosca mesa as sacolas que trazia, retirando com cuidado de uma delas os pacotes que havia separado. Conferiu para ver se não havia se enganado por alguma razão, sussurrou palavras de conforto para o casal, perguntou pela saúde dos

filhos e ouviu, atenta, por alguns minutos o relato que lhe fez a mãe deles. Antes de sair, virou-se para o marido e disse:

– Olá aqui, “seu” João, o Dr. Nico mandou dizer que precisa de você lá na casa dele, para cuidar do quintal e dos jardins.

Abraçado a uma das filhas, João sorriu e balançou a cabeça positivamente.

A mesma cena se repetiu em cada um dos outros três casebres em que estiveram. As pessoas não tinham palavras para agradecer, mas demonstravam uma felicidade impossível de descrever, felicidade que transbordava dos olhos e gestos de cada um, misturados à expectativa ante o conteúdo daqueles pacotes.

Doca procurava demorar-se o mínimo possível a fim de deixá-los à vontade. Sabia que os alimentos não durariam muito tempo e que antes, muito antes que ela pudesse voltar a fome bateria naquelas

portas novamente. Sabia disso e de muitas outras coisas, mas seguia a sua rotina de mendiga dos necessitados que não pedem nas ruas e avenidas por vergonha e dignidade.

Depois de completada a distribuição, sacolas vazias e enroladas debaixo do braço de Doca, ela e o menino tomaram o caminho de volta. Apesar da idade, estava ele deveras impressionado. As cenas foram muito fortes. Teve vontade de perguntar para Doca por que aquelas pessoas viviam assim, mas desistiu ao vê-la séria e absorta em seus pensamentos.

Ele também era pobre, sua mãe recebia ajuda, mas morava na cidade em casa de tijolos, com cama para dormir. Havia reparado que naqueles casebres o chão era de terra batida, as camas de esteira de bambu esticada sobre tocos de madeira e cobertas por velhos trapos de roupa que escondiam colchões feitos com enchimento de palha de milho. Ao reparar esse detalhe, perguntou-se se aquelas

crianças não acordavam com o corpo doendo, pois tudo lhe parecia muito duro. Lembrou-se da ocasião em que seguiu na companhia de Doca para uma festa na casa de uma amiga dela na roça, onde chegaram já de noite e encontraram a casa cheia de gente e música de viola rolando solta. Cansado, foi levado a um quarto onde dormiu pela primeira e única vez em um colchão de palha. Acordou no dia seguinte com o corpo todo dolorido.

Terminada a distribuição dos pacotes, Doca e o menino retornaram à cidade. No dia seguinte, Doca tomou rumo desconhecido muito cedo e ficou cerca de duas semanas sem aparecer. Essas ausências eram comuns, mas o menino só foi perceber quando começou a ter atenção de fato em Doca. Tempos depois ficou sabendo que ela frequentava uma cidade próxima, distante cerca de vinte e quatro quilômetros dali, onde fazia invariavelmente a mesma coisa. Ou seja, pedia sem pedir para cuidar sem descuidar.

A última vez que a viu tinha lá seus nove anos de idade. Era um sábado e ele estava na casa de dona Neném Sachetto, ajudando-a a fazer aqueles deliciosos doces de figo que ela preparava com extremo cuidado. Ele adorava. Os figos eram do próprio quintal de dona Neném, colhidos de véspera. Ela os lavava, enxugava, raspava, lavava, cortava em cruz no lado contrário da haste, colocava num grande tacho, cozinhava em água, acrescentava açúcar cristal, cozinhava, tirava o ponto, punha para esfriar e depois cristalizava. Lá se ia o dia todo naquela azáfama.

Ajudante interesseiro, a boca do menino enchia d'água quando dona Neném separava alguns figos cristalizados e os colocava à sua frente, sorrindo. Ele os devorava em instantes sob os insistentes e inúteis pedidos dela para que comesse devagar.

Naquele dia, mais ou menos pelas onze horas da manhã, Doca apareceu e logo iniciou conversa, no que foi prontamente acolhida por dona Neném.

Uns trinta minutos decorridos, depois de inúmeras despedidas e retornos, Doca saiu carregando o embrulho que recebeu, dizendo que voltaria no dia seguinte para provar os doces de figo. Não apareceu naquele e nos dias posteriores. Não apareceu nunca mais.

Certa manhã, o menino acordou com os choros soluçantes de sua mãe. Intrigado, perguntou pelo motivo e ficou sabendo que Doca havia morrido em casa de uma de suas irmãs da cidade vizinha. O corpo já havia sido enterrado quando a notícia chegou. Viu a mãe sair pela porta da cozinha e seguiu-a com os olhos. Lá fora, ficou ela olhando o céu distante, e ficou assim por alguns minutos, como quem procura algo perdido e faz perguntas sem destinatário certo.

Ele não chorou, como a mãe. Apenas vestiu o uniforme e se preparou para ir à escola. Em sua cabeça esse negócio de morrer não estava muito bem definido. Não era também algo assim tão

trágico, apesar da experiência que tivera com a morte do próprio pai. Eis como viveu essa dura experiência.

Era domingo. Os primeiros raios de sol surgiam no horizonte quando o menino acordou com o barulho da movimentação no quarto ao lado do seu. Ele sabia que a doença do pai vinha piorando muito, embora desconhecesse a causa e a extensão. Mas um pressentimento ruim lhe dominou quando viu a agitação da mãe naquela manhã. Ela dava sinais de que passara a noite em claro cuidando do marido. O menino já estava postado a cabeceira da cama do pai quando Bolote entrou e o ajudou a levantar-se, conduzindo-o cuidadosamente até o seu Chevrolet preto estacionado à porta. Depois de ver o amigo acomodar o pai no banco da frente do carro, o menino surpreendeu-se com o convite para acompanhá-los até o Hospital São João. Foram, ele no banco traseiro, sozinho, atento ao que os dois conversavam. E conversavam sobre a doença do

seu pai, que se confirmava muito séria. Uma lágrima escorreu pelos olhos do menino, logo seguida de outras. Bolote, que o observava pelo espelho retrovisor, consolou-o:

– Fica tranquilo, seu pai vai se tratar e logo volta para casa.

Não voltou. Próximo da meia-noite daquele mesmo dia, o pai levantou-se desejando caminhar pelo corredor da ala em que estava internado, no que foi repreendido pelo enfermeiro de plantão. Com a ajuda deste, retornou ao quarto, deitou-se, olhou para um ponto distante qualquer e seus olhos fecharam-se definitivamente. Os médicos foram chamados e tentaram durante algum tempo reverter a situação, sem sucesso.

Bolote foi dar a notícia por volta das seis horas da manhã de segunda-feira. O menino acordou com os gritos de desespero da mãe e a presença dos vizinhos, que acorreram em solidariedade. Após dar

a notícia, Bolote foi tomar as providências para o enterro do corpo.

O velório ocorreu no necrotério do próprio hospital, embora fosse comum na época fazê-lo na residência da família. De tão abalada, a mãe decidira não ver o corpo do marido e também não acompanhar o enterro, marcado para as dezesseis horas daquele mesmo dia. O menino, que fora o último membro da família a ver o pai com vida, seria também um dos poucos a acompanhá-lo até o túmulo, não lhe passando despercebido o baixo número de pessoas presentes no féretro.

O falecimento de Doca era, portanto, a segunda experiência com a morte em que o menino estivera diretamente envolvido. Morte e vida já tinham dado o seu recado a ele, antes mesmo que completasse dez anos de idade.

III – Café matinal

Ela acordou cedo, como cedo todo dia acordava. Não fez nada diferente do que todo dia fazia. Abriu a pequena janela que dava para o quintal, olhou o sol que ameaçava despontar, ajeitou a lenha no fogão e riscou o fósforo. Tomou da chaleira, encheu de água e depositou na trempe para ferver.

Foi até o velho armário calçado com um graveto, solução encontrada para mantê-lo em pé, pegou a lata de mantimentos, balançou-a e abriu a tampa para conferir se de fato estava vazia. Estava. Mais uma vez, não havia pó de café. Prosseguiu no preparo da primeira refeição, pois dali a pouco os dois filhos mais velhos deveriam ser acordados para ir à escola.

Enquanto a água na chaleira esquentava, foi até o quarto onde todos os seis filhos dormiam e chamou os dois, sussurrando nos seus ouvidos para não

acordar os demais. Retornou à cozinha, colocou açúcar na água, esperou que fervesse. Pôs água fria na bacia sobre o tanque do lado de fora da casa, pegou uma velha e surrada toalha, fez os filhos ainda sonolentos lavar o rosto e escovar os dentes.

Eles retornaram ao quarto para vestir o uniforme do grupo escolar enquanto ela se dirigiu novamente à cozinha. A água com açúcar já havia fervido. Transferiu-a para o pequeno bule esmaltado de cor verde, já bastante machucado pelo uso, depositou-o na mesa juntamente com as canecas de alça também esmaltadas na mesma cor. No armário, pegou a lata de pães dormidos. Havia apenas três unidades, já enrugadas. Partiu cada uma ao meio, de modo a poder atender aos seis filhos e colocou as metades num prato de alumínio sobre a mesa.

Quando os dois filhos escolares reapareceram, nada disse. Fê-los sentarem-se e comer, cada um, a sua metade com o café que não era café. Sabiamente, para não demonstrar emoção,

também sentou e tomou sua água com açúcar. Sem pão.

Os dois fizeram menção de esboçar reclamação, mas, aí, sim, encontraram o olhar sério e firme da mãe. Desviaram o seu, beberam e comeram, pegaram o material escolar e saíram em direção ao colégio.

Na esperança de que eles pudessem ter algum tipo de lanche na hora do recreio, que a escola fornecia quando havia alimentos na dispensa, a mulher dirigiu-se ao tanque de roupas onde duas imensas trouxas a esperavam, mandadas na tarde anterior pela esposa do prefeito. Dali, tiraria o necessário para comprar o pó de café e outros alimentos para os dias seguintes.

Passou-lhe pela lembrança a figura de Doca. Seu olhar, por um instante, se perdeu num espaço qualquer, mas foi um tempo suficiente para ela se recordar daquela figura, que tão bem conhecera,

mas a ninguém jamais coisa alguma revelou. Mesmo porque coisas haviam que era preciso permanecer no esquecimento.

Seus olhos brilharam. Algo lhe despertou a curiosidade, porque ela virou-se lentamente para trás, como a procurar por alguém. Era Doca? Ah, como gostaria que Doca ali estivesse, suas agruras seriam bem menores. Como era importante vê-la entrar com aquelas sacolas cheias, periodicamente, sempre trazendo algo para dividir. Mas Doca não estava mais, não viria mais e suas sacolas eram coisa do passado.

A mulher sacudiu a cabeça como que despertando de um breve devaneio para retomar a dura rotina. Água, sabão em pedra, calças e lençóis, camisas e roupas íntimas, varais, enxágue, anil, quarador de taquara, varais novamente, secagem e depois o velho e pesado ferro com brasa no sufocante esforço que costumava varar a noite, sob a

bruxuleante luz de uma velha e fumacenta
lâmpada de querosene.

Em meio a tudo isso, os seis filhos para criar. Viúva
e desenraizada de suas origens muito cedo, estava
no mundo, mas não tinha certeza se o mundo sabia
dela. Entretanto, não havia tempo a perder. Logo,
logo os dois filhos mais velhos chegariam da escola,
suados e com uma fome imensa.

Com a agilidade de quem adquiriu experiência nos
duros embates da vida, concluiu a primeira fase do
trabalho e demandou à cozinha. Ajeitou as brasas
que ainda restavam no fogão, pegou de umas achas
de lenha ao lado e arrumou-as. O fogo logo cresceu.

Uma panela na beirada do fogão ainda estava a
meia medida, restos da sopa que viera na noite
anterior da casa do Sr. Henrique, o vizinho quase
em frente, que espontaneamente, dia sim, dia não,
mandava entregar no início da noite. Agradecida
sem agradecer, a mulher fazia o conteúdo render,

limitando as porções dos filhos, e só se servia após todos comerem. Não poucas vezes, ficava de estômago vazio, mas a cabeça cheia de satisfação pela fome saciada da prole miúda. Sua rotina só mudava quando as trouxas de roupa rareavam por qualquer razão. E quando acontecia, se arrumava e saía para conversar com alguma vizinha próxima ou conhecida distante. Precisava espairar, tomar ares, relaxar.

Logo depois de completar oito anos, o segundo filho começou a cobrar-lhe a ausência dos parentes. Se estivesse com paciência, a mulher soltava qualquer informação, mas nada que pudesse trazer esperança ao menino. Ele queria alguma coisa palpável, uma presença, uma possibilidade de pelo menos conhecer um tio, uma avó, mas ela tinha pouco a oferecer. Saía de casa muito cedo, aos catorze anos, seguindo um parque de diversões que passara por aquele lugar distante, e nunca mais retornou. Encantou-se com o proprietário da

barraca de tiro ao alvo, despediu-se da avó que a criara, pois perdeu os pais muito cedo, e assim sem mais avisos formou um lar itinerante.

A barraca servia ao mesmo tempo de residência e local de trabalho. Durante o funcionamento do parque, ela e o companheiro se revezavam no atendimento aos frequentadores. Expediente encerrado, a barraca virava quarto e cozinha. Foi assim durante um bom tempo. Viajou para Santa Catarina, passou pelo interior do Paraná, entrou por São Paulo e foi dar em Minas Gerais. Cidades vinham, cidades iam, e ela seguia em frente, tudo isso pelos idos de 1930, 1940. Somente aos trinta e três anos de idade, engravidou do primeiro filho. O parque seguia e ela com ele.

Logo, porém, o segundo filho deu sinais de vida. O casal resolveu fixar residência em alguma cidade e escolheu aquela pequena, mas altaneira, que se auto intitulava cidade garbosa de Minas Gerais. Enquanto cuidava dos filhos, o marido prosseguia

na sua atividade junto ao parque de diversões. Vez por outra, vinha, trazia algum pouco dinheiro e logo retomava a estrada. Quando adoeceu, deixou o parque e foi morar com a família. Mas a doença o levou rapidamente, ainda moço. A mulher ficou com seus seis filhos e mais um a caminho, que nasceria três meses após a morte do marido.

Como se viu, não aceitou, movida por um incontrolável sentimento de medo e frustração, acompanhar o enterro. Sequer quis ver o marido no caixão. Ficou o dia inteiro sentada na sala olhando para o chão. As amigas à sua volta. Vez por outra, uma lágrima escorria pelos seus olhos. Estava agora sem o marido, sozinha naquela terra desconhecida, e logo ficaria também sem a amiga Doca. Pareceu-lhe um peso muito grande, uma dor imensa, uma solidão terrível. Vazio que ela não tinha certeza se poderia suportar.

Quando a tarde caiu, como se tocada por alguma coisa, ela se levantou e foi à cozinha preparar o

jantar dos filhos. As amigas compreenderam que era hora de ir. No dia seguinte, a rotina do tanque foi retomada. Lençóis, camisas, varais, quarador, sabão e água, algo que só deixaria de fazer alguns anos mais tarde, quando os filhos começaram a voltar para casa com algum dinheiro no bolso. Nunca mais falou do marido e sequer foi à missa em intenção à sua alma que alguns amigos mandaram rezar na Igreja Matriz, onde o padre Jaci dividia as atividades com o velho Monsenhor Trajano.

A insistência do segundo filho confirmava a admirável ingenuidade das crianças. O menino continuava a cobrar pelos parentes, mas ela tinha muito pouco a revelar. Do marido, ela só sabia que era paulista e os parentes moravam na região de Osasco. Nunca os conhecera, de fato. Dizia, por exemplo, que ele, por alguma razão guardada em segredo, saiu de casa muito jovem e não fez nenhum esforço para continuar mantendo contato com os irmãos. A atividade no parque de diversões

o distanciou cada vez mais do lar paterno, cortando os frágeis laços familiares. Mas o marido tinha histórias que a mulher revelava a conta-gotas, apenas quando estava com paciência e bom humor. Uma delas o menino guardou quando ouviu sua conversa com uma vizinha a propósito da religião. Disse a mãe à amiga que seu marido não gostava de padres e jamais ia à Igreja. Dizia ele que os padres eram parasitas sociais, viviam à custa dos outros e muitas vezes eram aliados do sistema dominante, que sufoca os pobres. Essa informação sobre o pai que distraidamente captou ficou registrada em sua memória.

Um dia, o menino chegou para a mãe com um envelope nas mãos, dizendo que escrevera uma carta para a avó desconhecida e queria que colocasse nos Correios. Apesar de analfabeta, a mulher sabia que carta sem endereço jamais chegaria a canto algum. Tentou dissuadir o filho de seu intento, inutilmente. Disse que postaria a carta

e quando o filho pareceu esquecer o assunto, rasgou o envelope e o jogou no lixo. O silêncio da mãe, daí por diante, acabou por colocar um ponto final no assunto. Aos poucos, o filho foi esquecendo a avó e os parentes, até que deixou, definitivamente, de demonstrar interesse por eles.

Outras preocupações e sentimentos ocuparam o lugar daquele desejo de ser como se é quando menino, ou seja, de ter uma avó para chamar de vó, tios, primos, coisas comuns que toda família tem. A dele era estranha, diferente. Sabia que era família por que tinha mãe e irmãos e um dia tivera pai conhecido e registrado. No mais, nada.

Estava agora envolvido com o curso primário e a necessidade de ganhar alguns trocados para poder ajudar a mãe, ter uma casa com banheiro e chuveiro, e uma cama só dele. Já aos sete anos tentara fazer isso, mas foi uma experiência frustrante. Ele e o irmão mais velho foram vender verduras para uma senhora de meia idade, esposa

de fazendeiro. A mulher deu a cada um deles um baliaio grande carregado de couve, alface, cenouras e outras coisas. Um peso enorme, que lhes consumiu energia e suor, a rodar pela cidade de casa em casa. Quando finalmente retornaram já próximo do horário do almoço com os balaios vazios, sentiram como nunca o peso da insensibilidade humana: a mulher deu-lhes apenas duzentos réis em pagamento pelo pesado trabalho. Ficou com todo o dinheiro da venda, cujo montante era muitas vezes superior aqueles míseros tostões, que mais não permitiriam que comprar um picolé de limão na padaria do “seu” Chico.

O irmão mais velho, revoltado, soltou uns palavrões, que aos ouvidos da mulher soaram extremamente agressivos. E avisou logo que aquela fora a primeira e última vez que fazia o serviço. A mulher deu de ombros e retornou para casa, assim como quem diz: não quer, tem outros querendo.

O menino ficou triste com o desfecho, mas conformado com a lógica do irmão. A seus olhos, aquela mulher era de fato muito má. Logo, formou-se em sua cabeça uma opinião: pessoas más são pessoas insensíveis. Pensou, então, que ser verdureiro era muito duro e pesado, talvez fosse melhor plantar sementes vida à fora.

Terminado o primário, já com dez anos de idade foi ele empregar-se numa fábrica de cintos de couro lá pelos lados da rua do Sapo. A fábrica na verdade ocupava um cômodo da casa onde o Sr. Manoel, o proprietário, residia com “seu” Domingos, o sogro, uma cunhada solteirona, uma empregada e um papagaio falante, daqueles que denunciavam qualquer presença estranha no local. Era temido, o papagaio. Havia ainda a filha do Sr. Manoel, Rita de Cássia, de cerca de nove anos e uma tia solteirona. Pouco tempo depois, mudaram-se todos para um novo prédio construído em bairro próximo, onde a residência e a fábrica agora ocupavam prédios

separados, embora no mesmo terreno. A mudança não foi boa para o menino franzino. Deram-lhe então como uma das ocupações diárias alimentar um casal de porcos de um chiqueiro construído próximo da residência. Devia ele chegar ao trabalho pelas seis horas da manhã e dar a primeira refeição aos suínos. A outra refeição deveria ser servida pelas onze horas da manhã e a última às cinco horas da tarde, antes que encerrasse o expediente. Para isso, carregava pelos braços duas enormes latas com lavagem que, às vezes de tão cheias, iam derramando pelas suas pernas e sujando-o com aqueles restos malcheirosos de sobras de comida.

O menino aguentou firme o quanto pôde. Havia algumas outras compensações, além do dinheiro, pouco, mas muito útil, então. Toda vez que havia porcos prontos para o abate, iam todos para uma fazenda próxima, onde passavam o final de semana imensamente prazeroso para ele. Verdadeira aventura que jamais teve até então.

Havia lá um casarão enorme em estilo colonial, cozinha ampla com um fogão à lenha que nunca se apagava, e vários quartos. À noite, costumavam reunir-se na cozinha para jantar e, depois, os mais velhos ficavam contando “causos”, alguns assustadores, que deixavam as crianças de cabelo em pé. Nessas ocasiões, após servirem o jantar, afastavam a mesa para um dos cantos da cozinha e arranjavam os compridos bancos de madeira junto às paredes. A reunião, sempre muito concorrida, entrava pelo início da noite, mas não terminava nunca depois das vinte e duas horas e era intercalada com o café de coador de pano, cujo bule permanecia sobre a trempe do fogão aceso.

Uma das muitas histórias assustadoras o menino guardara nas lembranças daquele tempo sofrido e ao mesmo tempo cheio de sonhos. Certa noite, alguém se recordou da história ou a inventou, contando com tais detalhes que deixou as crianças assustadas. Era possível vê-las tirar os pés do chão

e cruzá-los sobre o banco onde estavam sentadas enquanto a cena se desenrolava. Falava-se de uma cobra enorme que tinha até nome: Aparecida, capaz de engolir pessoas.

Havia na fazenda sempre muita coisa para fazer. Bem próximo do casarão tinha uma represa construída para seiva de peixes, alimentada pela água desviada do Rio Novo. As crianças se divertiam tentando pescar na vara de anzol piabas e lambaris, mas os adultos, quando queriam pescar, usavam tarrafas e devolviam às águas os peixes ainda filhotes.

A alegria de ir à fazenda de tempos em tempos, sempre que a oportunidade aparecia, contudo, foi subtraída abruptamente do menino. O que era motivo de felicidade para ele rápido transformou-se em angústia. A segunda-feira chegou e o fim de semana não poderia ter sido melhor. A lembrança dos últimos momentos passados na fazenda estava muito viva em sua memória quando a voz do Sr.

Manoel, no exato momento em que o menino abria o portão para iniciar o trabalho da semana, soou-lhe aos ouvidos:

– Você está demitido. Pegue suas coisas e volte para casa.

O menino olhou-o, espantado, sem entender o que se passava, porém, o patrão foi incisivo:

- Então você pensa que é da família, não é? Saiba que você não passa de um empregado, e empregado pouco importante. Eu não preciso de você.

Com os olhos lacrimejantes, o menino colocou no bolso o dinheiro do acerto de contas e se foi sem coragem de despedir-se de Tiana e as outras pessoas da casa. No caminho de volta refletiu à procura de explicações para a situação constrangedora que acabara de passar. A primeira experiência com o balaio de verduras foi breve, mas marcante. Nada, contudo, parecida com essa de

agora. E pior, ele não atinava com as causas de sua demissão do emprego. Na fábrica todos gostavam dele, na casa do Sr. Manoel dava-se bem com Tiana, Rita, até com o Sr. Domingos. Não se recordava de haver faltado ao trabalho, apesar da dureza de certas tarefas, de maneira que não via motivos para aquela situação.

Outra alternativa não lhe restou senão tomar o caminho de volta. A Praça Carlos Alves já àquela hora da manhã estava repleta de gente. Passou direto, desviou-se pela rua Duque de Caxias e foi dar nos bancos dos jardins do Grupo Escolar Cel. José Braz, uma construção imponente localizada entre os dois principais clubes da cidade, o Democráticos e o Trombeteiros. Dali, ouvia ao longe as vozes misturadas dos alunos nas salas de aula. Chocado, coração ainda disparado, buscou na memória explicações para o que acabara de passar. Não queria se conformar. Tanto forçou a memória que começou a vislumbrar alguns acontecimentos

que pareciam não ter importância quando se deram, mas agora começavam a fazer sentido. Aos poucos, as peças do tabuleiro passaram a se encaixar, a ter lógica, causando-lhe um misto de tristeza e mágoa. Surpreso, disse a si mesmo: – vida, vida, então é isso que é você?

De repente, viu-se diante do Sr. Manoel que o olhava estranhamente, com ar de reprovação. Na ocasião em que isto se deu, o prazer de saborear um pedaço de pão francês frito na manteiga fez com que não desse importância ao fato. Agora, porém, tudo mudou. Recordou-se de que chegara um dia para trabalhar pouco depois das seis horas da manhã, entrou pela cozinha da residência, como de praxe, e Tiana, a empregada da família, preparava o café matinal. Em pé mesmo mastigou duas metades do pão francês que a risonha empregada lhe entregara, junto com uma xícara de café. Conversa animada, à qual se uniram a esposa e a jovem filha do Sr. Manoel que, chegando e

deparando-se com a cena, cravou os olhos no menino como a desaprovar aquela intimidade. Não, na ocasião o menino não deu atenção ao olhar do patrão, mas agora lhe parecia claro como o dia que o Sr. Manoel já então manifestava seus sentimentos contrários a ele. Ali estava o princípio, o começo de tudo, mas também a explicação que procurava para o ato desumano da perda do emprego. Sim, é desumano cortar os sonhos dos meninos pobres, tolher suas esperanças e, principalmente, seus poucos momentos de alegria.

Uma lembrança puxa outra. Estava o menino agora na fazenda em companhia de Rita, a filha do Sr. Manoel. Riam sob a sombra de uma enorme jaqueira, das malucas histórias inventadas pelo simpático José Antonio, irmão da esposa do patrão. De novo aquele olhar desaprovador. Postado à porta da cozinha do casarão, o Sr. Manoel assistia à cena, impassível, olhos fixos no menino. Percebendo-o, José Antonio acena, convidando-o

para incorporar-se ao grupo, mas vê apenas o Sr. Manoel virar-se e desaparecer cozinha a dentro.

A sucessão de lembranças de cenas como aquelas deu ao menino a certeza de que fora alvo de uma grande injustiça. Seu coração continuava batendo forte. Ali, naquele banco de jardim, pela primeira vez, injustiça e mágoa, esses dois sentimentos consequentes, mostraram sua face verdadeira e se incorporaram, definitivamente, ao seu repertório emocional e psicológico. Talvez fosse capaz de distinguir os dois sentimentos sempre que se manifestassem daí em diante. Talvez. Agora, porém, precisava informar à mãe do ocorrido – na certeza de que ela desaprovava a perda do emprego – e resolver o problema do dinheiro, que fazia falta, muita falta.

Preferiu que a mãe não soubesse, por ora. Achou mais conveniente encontrar novo emprego e só então dar a notícia. Assim, uma coisa compensaria a outra e as duas se anulariam, naturalmente. Mas

à tardezinha quase noite, quando retornou para casa, percebeu a estratégia equivocada que adotou. Bastou olhar para a mãe para ver que a notícia havia chegado antes, muito antes de um novo emprego.

Deitado em sua cama no quarto iluminado pela luz dançante da lamparina, ruminava sobre os recentes acontecimentos. O dia começara sob lembranças do fim de semana rural e terminava na incerteza do futuro próximo. Assim, sem mais, veio-lhe à lembrança a figura de Doca. Pareceu-lhe mesmo ver o rosto dela projetado na parede caiada de branco desbotado à sua frente. Ela o olhava, serena, do mesmo jeitinho de quando viva, talvez desejando tranquilizar seu coração tingido de amarguras. Quis dizer-lhe algumas palavras, ouvir seus conselhos, mas Doca estava longe, se é que estava em algum lugar. Certeza dessas coisas, quem a tem?

Imagem, imaginário, imaginação. O menino, aos poucos, foi-se aquietando, abraçado por uma sonolência agradável, e assim adormeceu o sono bom e reparador. Nada resiste, nenhuma dúvida se sustenta depois que a noite cai. E as dores da alma, principalmente elas, cedem, sedadas, quando o dia recomeça.

Alguém – já não me lembro mais quem foi – indicou-lhe e lá estava o menino, dias depois, atrás dos balcões da Padaria do Popó. Para cicatrizar de vez as feridas da experiência da perda do primeiro emprego, o salário agora era um pouco melhor. Ah, claro, e o mau cheiro da comida dos porcos foi substituído pelo perfume dos pães quentes a cada fornada. O novo emprego tinha outra vantagem adicional: de agora em diante, tomaria café feito de café, e comeria pão, fresco, quente, cheiroso, e se deliciaria com a manteiga derretendo-se e a escorrer por seus dedos. Longe, muito longe dos olhares maldosos e dos ciúmes desumanos.

IV – O lado oculto da casa

A perda do marido e a responsabilidade de criar, sozinha, os sete filhos produziram uma consequência imediata. Um princípio de AVC levou a mulher pela primeira vez ao leito de um hospital. Felizmente, porém, o evento foi cuidado a tempo, tendo deixado pequena seqüela: semiparalisia na perna esquerda, logo superada por aquela mulher baixinha, de muita fibra e determinação. Passaram-se cerca de trinta dias até que pudesse retomar sua antiga rotina. Parecia ter redobrado as forças, como se a doença produzisse efeito contrário. Cedo acordava, tarde dormia. Se reclamava, ninguém via. Se acreditava num futuro melhor, diferente, também ninguém sabia. Não era mulher de muitos pensamentos ou projetos, mas do imediato, das coisas do agora. Tudo o que se podia ver é que não

tinha descanso nem se dava ao luxo de qualquer diversão.

Um dia, chamou o filho e mandou-o falar com o padre Jaci. Este o encaminhou a uma das Irmãs de Caridade que trabalhavam no Hospital São João, o único da cidade, por sinal. A irmã conhecia o Latim e a liturgia da missa, e ensinou o menino a recitar as falas na velha língua, preparando-o para ajudar o padre a dizer as missas dominicais. Ao que me lembro, não lhe explicou o significado da cerimônia nem das palavras, talvez por puro esquecimento... Os paramentos foram costurados e doados pelas beatas Sacota e Mirna, irmãs em tudo, na devoção e fisicamente.

A atividade de coroinha não lhe traria dinheiro, que isso era coisa que a Igreja não dava, pedia, mas proporcionou algumas experiências e boas aventuras. Padre Jaci dividia a condução da paróquia local com monsenhor Trajano, idoso e quase cego, cuja atividade então se resumia a dizer

uma missa por semana, aos domingos pela manhã. Frequentavam-na os católicos mais liberais e apressados, pois a missa durava no máximo trinta minutos. O velho Monsenhor dizia apenas as partes principais do ritual na companhia de Juquita, um sacristão quase tão idoso quanto ele. Entre as brincadeiras que circulavam na ocasião, envolvendo Juquita, o Monsenhor Trajano e as beatas Sacota e Mirna, uma dizia assim: “Chuta Juquita, rebate Trajano, cuidado Sacota com a bola de pano”.

Mais tarde, já quando tinha abandonado a função de coroinha, o menino também gostava de ir à missa do Monsenhor Trajano, que começava impreterivelmente às sete horas da manhã. Entrava pela porta lateral da igreja, subia as escadas que davam para ao piso superior e dali acompanhava a cerimônia na companhia de seus colegas. Devido às condições físicas do velho e alquebrado clérigo, cabia ao padre Jaci cuidar de fato da paróquia e dos

paroquianos. Era ele que agendava os pedidos dos fazendeiros da região para dizer a missa em suas fazendas e nos distritos. Duas vezes por ano, padre Jaci subia em seu velho Jeep 4x4, coroinha ao lado, demandando às fazendas onde era aguardado com ansiedade.

Tudo era feito com extremo cuidado. O roteiro, as datas, os horários e os percursos, mas acima de tudo considerava-se a importância política de cada solicitante. Qualquer deslize aí teria consequências mais desastrosas que os acidentes eventuais nas difíceis condições das estradas estreitas e barrentas dos períodos chuvosos.

Padre Jaci era recebido com verdadeira pompa, digna mesmo de um santo e salvador de almas. Davam-lhe o melhor quarto para descansar, banheiro exclusivo, toalhas e lençóis e empregados para atender às suas necessidades a qualquer hora. O menino, quando percebido, era levado para a ala dos empregados e tratado como tal, como

aconteceu numa fazenda que ficava pelos lados da Cachoeira da Fumaça. Na ocasião, Padre Jaci, sem alarde, mandou colocar uma outra cama em seu quarto, onde espaço não faltava, e o acomodou ali, para tranquilidade do garoto que agora estava conhecendo um outro mundo, uma realidade nova.

Cada fazendeiro queria proporcionar a festa mais suntuosa. A missa era apenas um pretexto e disso ninguém duvidava. Tudo começava muito cedo. Já pelas seis horas da manhã os convidados principiavam a chegar e iam se aglomerando no pátio em volta da casa grande, formando grupos em animadas conversas. A missa teria início às nove horas e terminaria por volta das onze. Padre Jaci até nisso caprichava, para não perder a oportunidade de destacar, em seus longos sermões, as contradições do espírito e da matéria, da formalidade e dos sentimentos. Fazia-o, é verdade, com cuidados linguísticos e evangélicos, sempre amparado pelo que chamava de “vontade de

Deus”. Ocorre que esses arroubos verbais não passavam despercebidos pelos presentes mais argutos, e vez ou outra o bom padre era lembrado desses “deslizes”, seja em conversas mais reservadas, seja em momentos de descontração. Ou dava de ombros, fingindo nada entender, ou desculpava-se dizendo que era preciso atender às exigências do evangelho do Cristo. E seguia em frente, sorriso nos lábios e óculos de lentes grossas no rosto, consciente de que era o único padre disponível na região. E era.

A capela da fazenda, normalmente pequena, era reservada à família do proprietário, sempre muito numerosa então, e a uns poucos convidados escolhidos entre aqueles mais próximos ou que o fazendeiro desejasse agradar. A maioria ficava do lado de fora, olhando pelas janelas e portas, num silêncio que parecia ser obedecido até pelos animais da fazenda. Quando, enfim, terminava a missa, todos se dirigiam animadamente à sala

principal do casarão, onde uma imensa mesa com todo tipo de iguarias os aguardava. Era um quadro impressionante, que parecia natural aos presentes, mas não ao menino. Porco, boi, cabrito, capivara, tatu, pato, frango, tinha de tudo, tudo preparado com esmero, assados, cozidos, fritos e ensopados. E muita, muita salada, arroz e feijão em suas variadas apresentações, tropeiro, tutu, farto, farto, farto.

Ao final da refeição outra não menos impressionante mesa de sobremesas esperava a todos. Doces variados, da própria fazenda, de leite, abóbora, jaca, cidra, mamão, banana, goiaba, doces a não mais acabar, e queijos frescos e curados, tudo ao bom estilo mineiro.

Na primeira vez que se deparou com aquela cena, o menino ficou paralisado, sem saber onde sentar-se. Mandavam as boas maneiras que os donos da casa e seu convidado especial, o padre, ocupassem a cabeceira da mesa, o que era rigorosamente

obedecido por todos. O coroinha não estava incluído no protocolo e isto aumentava as dificuldades do menino. Gente por todos os lados, ele espremido em um canto da sala já nem conseguia avistar o padre do outro lado. Enfim, depois que todos se acomodaram sobrou-lhe uma ponta da mesa, longe de tudo. Sentou-se ali, assim mesmo, meio desenxabido, o frango distante, os braços curtos e os olhos de lágrimas sentidas.

Olhou de lado e o que viu? Doca. Isso mesmo, Doca. Imaginação ou não, a visão trouxe-lhe algum alívio. Por uma dessas sensações inexplicáveis, sentiu que algo aconteceria, algo bom. Eis que da porta da cozinha distante surge uma empregada simpática, com um prato nas mãos, já feito. Aproximou-se do menino e ante o seu sorriso agradecido entregou-lhe o alimento. Tinha de tudo, ou quase tudo o que ele gostaria que tivesse. Só lhe restou, então, pensar na mesa de sobremesas, mas essa não lhe trouxe a mesma dificuldade, já que a corrida a ela

era menos tumultuada. Satisfeito e saciado, feliz e conformado, tomou o rumo do pátio e buscou sossego em um banco de madeira rústica, à sombra de uma enorme mangueira. Ali, à distância, observava o movimento, as primeiras famílias a se despedirem, e crianças correndo em sua alegria ingênua. A imagem de Doca retornou. Sorriu um sorriso invisível, agradeceu um agradecimento mudo e teve certeza, pela primeira vez, que a veria de novo, o que lhe deixou muito feliz.

O menino foi, aos poucos, se acostumando com aquelas recepções, com a fartura de comida e gente bem vestida, e passou a esperar pelas viagens, como antigamente esperava pela oportunidade de ir à fazenda do sacrifício do porco, onde passou tempos bastante felizes e da qual depois foi repentinamente alijado. Sim, a mágoa ainda estava dentro do seu peito, mas percebeu que já não era tão grande como antes. Quando uma nova

experiência feliz substitui outra, o coração tende a liberar as pesadas energias acumuladas.

O semestre seguinte lhe traria novas surpresas. Entre tantas experiências semelhantes por ele vividas, que lhe ficaram na lembrança daquele tempo, uma em particular marcou-lhe profundamente. O proprietário da Fazenda da Braúna, que ficava pelos lados do distrito de Taruaçú, combinou com muita antecedência a missa com o padre Jaci, pagou-lhe adiantado e garantiu que faria uma festa inigualável. Quando chegou a ocasião, padre e menino-coroinha subiram no velho Jipe, que fora adquirido pelo clérigo com muita dificuldade, e tomaram o rumo da fazenda. Havia chovido na véspera e a estrada estava lamacenta e muito perigosa. Era mês de março, época de chuvas constantes na região e para não correr risco algum, padre Jaci resolveu se antecipar e seguir na tarde do dia anterior. Assim,

dormiriam na fazenda e na manhã seguinte já estariam prontos para dizer a missa.

Não foi sem muita dificuldade que os dois conseguiram chegar ao destino. Passaram enormes sustos, mais de uma vez o Jipe derrapou, andou de lado ou ameaçou bater no barranco. Padre Jaci suava frio, acelerava, girava o volante para um lado e outro, sempre na tentativa de avançar e manter o veículo na estrada. Até mesmo depois de colocar as correntes nos pneus passaram sufoco. Quando finalmente chegaram ao destino a escuridão já havia tomado conta do dia. Ao vê-los se aproximarem, os empregados da fazenda respiraram, aliviados e mandaram recolher o veículo destacado para uma eventual necessidade de socorro. O padre e o menino chegaram enlameados, mas são e salvos. A missa do dia seguinte estava garantida. Cansados, dormiram logo depois do jantar.

O alvoroço dos primeiros convidados chegando pela manhã os acordou. Padre Jaci olhou no relógio de bolso e os ponteiros marcavam seis horas menos dez minutos. Esfregou os olhos, vestiu-se, acordou o menino e dirigiu-se ao banheiro, localizado fora do quarto.

Os empregados retornavam da ordenha com uma enorme carroça de boi transportando cerca de dez latões de leite quando o padre e o menino se sentaram para o desjejum. A mesa estava repleta: queijos frescos e curados, leite, café, pães saindo fumaça, frutas, sucos, chás, doces e não sei mais quantas coisas prontas para serem devoradas. Não havia ninguém, senão os dois ali, cercados por duas empregadas sorridentes e atentas.

Padre Jaci, muito à vontade, ajeitou-se e se refestelou. O menino, acostumado com água e açúcar, demorou-se a decidir por onde começar. E quando acabou de comer o primeiro pedaço de pão com manteiga caseira, já o padre ameaçava

levantar-se, de tão ligeiro que era nessas ocasiões. O menino já devia ter se habituado com o padre, pois quando ficaram hospedados tempos antes numa residência do distrito de Ituí, após o almoço foram os dois conduzidos ao pomar onde padre Jaci se mostrou ligeiro, ligeiríssimo ao consumir deliciosas laranjas Bahia que ia colhendo do próprio pé e descascando com incrível habilidade. Manuseava o canivete afiado que mantinha sempre no chaveiro com invejável destreza. Quando se deu por satisfeito, o menino não tinha sequer terminado a primeira laranja. A compensação do menino viria logo depois, não em forma de comida, mas por conta de dois acontecimentos que viveria, inusitados e surpreendentes.

Em sua batina preta e ladeado pelo coroinha, o padre foi ter com um dos vários grupos de pessoas do lado de fora da casa. Depois de efusiva saudação entre eles, teve início uma conversa animada e descontraída. Falavam do tempo, da plantação de

feijão, da criação de porcos, do preço do leite e de tantos outros assuntos que naturalmente lhes interessavam, mas não ao menino, que os não compreendia e sequer prestava atenção à conversa. Distraído sob a sombra de uma frondosa goiabeira, o menino divisou cerca de três metros à sua direita a figura de uma simpática menina, que o olhava furtivamente e comentava alguma coisa com a amiguinha com quem dividia as brincadeiras. Ele se desconcertou com esta descoberta e mais ainda quando percebeu ao lado dela a figura de uma mulher que conhecia bem. Estranhamente para ele, a mulher pairava cerca de meio metro acima do solo, e aquilo o intrigou. Era Doca, outra vez.

A visão não lhe trouxe desassossego ou preocupação; aos poucos ia acostumando-se com os aparecimentos da antiga mendiga. Estava apenas surpreso com os dois acontecimentos simultâneos. Doca à sua frente, olhar sereno e

perdido no espaço. Os olhos eram os mesmos, a expressão facial a mesma, a tez clara e o corpo magro, iguaizinhos quando a conheceu. Vestia um lindo conjunto de saia e blusa branca, de caimento impecável, e nos pés uma sandália novinha. Mas era a primeira vez que a via totalmente calada, sem mesmo dar a entender que iria dizer alguma coisa.

Doca não o olhava diretamente, mas era como se o estivesse observando. Ele sentia isso. As duas meninas continuavam na sua brincadeira alegre, sem nada perceber. Ao aceno de uma delas, ele se aproximou, timidamente, e quando estava bem perto das duas a figura de Doca esvaneceu-se, desaparecendo totalmente.

Apesar da timidez, sentiu-se encorajado a participar das brincadeiras com as duas. Maria Clara logo se antecipou e disse seu nome, enquanto a outra apenas sorria, correndo de um lado para outro. Mas quando as duas o ladearam, iniciando conversa, aproximou-se uma senhora sisuda aparentando

cinquenta anos mais ou menos, e as conduziu pela escada que dava para a cozinha. Antes de entrarem, Maria Clara virou-se para trás e sorriu. O menino correspondeu e não a viu mais.

Quando a missa ia a meio caminho e as dez horas da manhã já se faziam anunciar, padre Jaci, discretamente, repreendeu o seu auxiliar, que se distraíra com alguma coisa, perdendo o tempo da resposta a uma das falas do sacerdote. Rezada então em Latim, à época o padre ficava a maior parte do tempo de costas para os fiéis, somente virando de frente para eles no momento da oferenda ou do sermão. O menino-coroinha perdera-se quando divisou do seu lado direito o olhar de Maria Clara, como se ela estivesse encantada com a sua destreza nas respostas ao padre. Ficou desconcertado, mas a pronta ação do padre fez o menino recompor-se e voltar ao seu ofício.

V – O chicote queimado

Ele queria me atingir, e atingiu. Queria me responder, e respondeu. Moveu-se para debaixo da ponte, escorregou na lama e desceu na correnteza do caudaloso rio do nada. Quis gritar, eu vi, mas só pôde movimentar as mãos sem ter ninguém para percebê-las no seu clamor por socorro. Ai, minha dor é terrível, e a dele mil vezes maior que a minha...

O quadro era chocante e revelava os tênues laços da vida. O menino nem bem havia chegado à casa do amigo Zinha para mais um dia de distrações quando percebeu uma aglomeração próximo ao porão da casa. Tendo entrado pelo portão lateral e descido até o quintal, deu de cara com Mirtes e Odila, que choravam, desconsoladas, à porta do alojamento que havia no local. Sem atinar com a situação, o menino entrou e viu a terrível cena da

garota sentada na velha cadeira, a cabeça pendendo para um dos lados, os olhos semicerrados e os cabelos lisos incrivelmente bem penteados. Ninguém diria que estava morta, mas os sinais eram evidentes. Caída ao chão, no lado direito do corpo, estava a caneca de alumínio que utilizou para ingerir o formicida. Na prateleira acima, o pote ainda aberto do veneno utilizado na tresloucada atitude. Tudo indicava que ela havia tomado a decisão do suicídio alguns minutos atrás, dado que seu corpo estava ainda firme. Mas o que ninguém sabia era o motivo para aquele insano ato.

Odila e Mirtes haviam se levantado antes dela, como de costume, mas sem deixar de avisá-la que também deveria levantar-se. Eram cinco horas da manhã e o sol já mostrava seus primeiros raios sobre a copa das árvores. As duas empregadas subiram as escadas que davam para a cozinha da casa e iniciaram suas atividades rotineiras. Meia hora depois, diante da demora da jovem para se

juntar às duas, Odila desceu até o porão para reforçar o aviso. Assim, foi a primeira pessoa a ver a cena.

Mirtes, assustada pelo grito de Odila, largou o que estava fazendo ao fogão e quase tropeçou ao descer as escadas. Ao chegar, Odila já estava de costas, negando-se a continuar olhando a menina morta. Chorava, copiosamente. Mirtes, também surpresa, abraçou Odila e a tirou dali. Levou alguns minutos para colocar os pensamentos em ordem, de modo que correu para cima a fim de avisar o Dr. Nico, que já se aprontava para tomar o café e se dirigir à fazenda.

O choque deixou o menino sem fala. Ele retrocedeu alguns passos e sem nada dizer girou sobre os pés e saiu, indo sentar-se sob a mangueira do pomar. Ali ficou um bom tempo a perguntar-se sobre as razões que levam uma linda menina, de olhos azuis e cabelos loiros, de apenas catorze anos de idade, tomar uma atitude tão drástica e tão definitiva. Um

estranho sentimento de fraqueza o envolveu e ele agradeceu aos céus por isso, consciente de que jamais tomaria uma atitude igual, não importa se sabia ou não sabia porque não o faria. Apenas lhe ficara a certeza de que não daria cabo de si em hipótese alguma. A única coisa que o angustiava agora era entender a razão daquela morte.

Ele conhecerá a jovem a pouco tempo. Sabia que era filha de um antigo empregado da fazenda do Dr. Nico e que viera à cidade para trabalhar durante o dia e estudar à noite. Tivera por ela, desde o primeiro instante em que se conheceram, uma afeição sincera, tanto que sentira o seu olhar triste já na primeira vez em que a viu. Mas não teve tempo de conhecer os reais motivos que faziam a jovem, de beleza física tão admirada, portar-se assim retraída e silenciosa. Imaginou a situação dela, criada que fora na fazenda e de repente levada para a cidade, onde não tinha amigos.

Pensou que possivelmente era essa a causa de sua tristeza.

A questão que o aborrecia amargamente, agora, diante daquele quadro final que não lhe saía da retina, era o ato extremo tomado pela menina quase moça. A surpresa tornava-se ainda mais penosa devido ao fato de ser a primeira vez que se via diante do suicídio de uma garota de sua idade, pois vivera outras experiências delicadas com este tipo de morte, mas sempre ocorridas entre as pessoas adultas. Agora, não; era uma vida em período de sonhos, de fantasias, aberta para um futuro incerto e ao mesmo tempo desafiador.

A morte natural o havia alcançado em família, quando viu seu próprio pai envolvido por ela numa noite de inverno. Sentiu, mas superou. Viu Doca ir-se, ela, a mendiga, depois de convivência bastante próxima. Viu, também, Suzana morrer, mas Suzana tinha já seus 18 anos e partira depois de um prolongado período de sofrimentos causados pelo

câncer. Foi uma morte anunciada. Regina estava ali, bem próximo, e ele a vira. Era uma presença a falar agora de uma ausência.

Dois representantes da polícia entraram, discretamente, no alojamento e deram início às formalidades que o caso requeria. O médico da família também chegou e deu o atestado de óbito. Na fazenda, os pais entraram em um profundo torpor quando receberam a notícia e não quiseram ver filha morta. Dr. Nico ordenou que o corpo fosse levado para o necrotério do hospital, de onde sairia para o cemitério ainda naquela tarde.

Quando tudo voltou à rotina, o menino, tomado por um impulso cujas causas não atinava, dirigiu-se ao alojamento vazio e silencioso. A cadeira onde a menina falecera havia sido levada embora. A cama, simples, onde costumava dormir estava arrumada, como se esperasse por outro ocupante. Não havia mais sinais, nem um, de que ali havia sido palco de terrível tragédia. Incomodado por estar de novo

naquele lugar, o menino decidiu ir embora e principiou a caminhar para a porta de saída, mas olhou, antes, para o teto de madeira, bastante baixo, sobre sua cabeça. Ergueu maquinalmente o braço esquerdo e tirou de uma fenda que havia na viga transversal um pedaço de papel dobrado, e fê-lo distraidamente, sem maiores curiosidades. Saiu com o papel entre os dedos e foi sentar-se novamente sob a mangueira. Ali ficou, pensativo. Alguns minutos após, lembrou-se do papel que tinha na mão e resolveu abri-lo. Diante de seus olhos foram surgindo as letras miúdas de um bilhete escrito a lápis, as linhas irregulares como se feitas por mãos trêmulas. Dizia assim:

“Meu pai, por que o senhor me abandonou? Por que não me deixou ficar onde eu estava? Por que recusou que eu voltasse? Se não me quer no meu lugar, então não serei de lugar algum”.

Agora era ele quem estava trêmulo. Por um desses acasos da vida, tinha nas mãos as razões que

levaram aquela frágil menina ao ato extremo de pôr fim à própria vida. Quem mais saberia disso? O que fazer? Pensou em entregar o bilhete a Odila para que ela o encaminhasse aos pais. Não seria melhor dar ao patrão, o Dr. Nico? Por que não ao Zinha, o seu amigo? Ficou, ali, olhando para o vazio, sem saber que decisão tomar. Sabia que o bilhete era importante e que deveria chegar às mãos do destinatário. Mas será que era necessário mesmo ou iria apenas aumentar o sofrimento dos pais? Não teria sido esse o desejo da morta, como meio de punir a quem julgava ser o culpado de seu próprio sofrimento também?

Nesse momento, uma como que brisa suave o envolveu e o menino, a divagar sem rumo, viu formar diante de si a leve figura da mulher que ele bem conhecia. Sim, Doca estava ali, à sua frente, silenciosa, como sempre, mas agora com um olhar meigo e firme. Parecia que uma tênue linha ligava o seu ao pensamento de Doca e por ele a mulher lhe

dizia que o bilhete deveria ser destruído, para não aumentar as dores daqueles que já sofriam imensamente com o acontecimento inimaginável. Da mesma forma que surgiu, Doca foi desaparecendo lentamente até não sobrar nenhum resquício dela. O menino ainda permaneceu ali por um tempo, só se levantando após sentir que havia tomado a decisão certa. Colocou no bolso o bilhete, subiu até a cozinha e abraçou as duas empregadas, que conversavam ao lado do fogão ainda morno. Dirigiu-se, então, ao quarto do amigo Zinha, mas ele estava dormindo. Resolveu ir embora e por uma semana manteve no bolso o bilhete. Depois desse tempo, retornou ao pomar daquela casa e à sombra da velha mangueira rasgou-o, lentamente, atirando os pedacinhos de papel nas águas do córrego que havia ao fundo. Certificou-se de que ninguém o observara e de que os papeizinhos desaparecessem correntemente abaixo.

VI – Um grito na madrugada

A Padaria do Popó ficaria para trás, como uma página virada. Não, porém, como ficara a fábrica de cintos. Estava o menino vagueando pela cidade quando resolveu sentar no banco da praça do grupo escolar para se concentrar num projeto que começou a delinear-se em sua cabeça. Sentiu um calafrio correr por seu corpo em pleno sol do fim de tarde. Ajeitou-se no banco. Era como se algo ao seu lado o incomodasse. Ficou com medo de olhar e mesmo não virando o rosto naquela direção tinha certeza de uma presença ali. Fosse noite e estivesse muito escuro haveria pelo menos uma justificativa para o fato. Mas não. Se havia algo que o tranquilizava razoavelmente era o de que a praça estava deserta e poucas pessoas passavam por ali naquele momento. Seu gesto de levantar-se e mudar de banco apenas aguçou a sensação. Era ela,

não tinha dúvida, mas agora não se mostrava, apenas fazia sentir-se presente. Então, pensou, se é Doca não preciso temer nada. O calafrio aos poucos cedeu lugar a um sentimento de paz e o menino interpretou isso como um recado: alguma coisa estava prestes a acontecer e era coisa boa. Permaneceu assim, ali sentado. Não precisou de mais do que alguns minutos para que aparecesse à sua frente a figura do Bolote, com sua objetividade viril:

– Onde você está trabalhando?

Não era preciso responder, Bolote sabia de tudo o que se passava na cidade, tanto que depois de ouvir a confirmação pelo menino de que trabalhava ainda na Padaria do Popó, o homem gordo, de altura mediana, fiscal da Prefeitura da cidade, que se tornara uma espécie de tutor dele, disse: esse emprego não dá futuro. Já conversei com o Carlos Rocha, ele vai lhe empregar na Tipografia. Corre lá e diga que foi eu que mandei.

Os Rocha eram proprietários da Papelaria e Tipografia Moderna, que editava o jornal “Voz de São João”, cujo prédio ocupava um grande terreno na principal rua da cidade. O menino obedeceu e foi imediatamente recebido pelo Sr. Carlos, que o admitiu sem maiores perguntas. Afinal, ninguém negaria um favor ao Bolote...

No dia seguinte, às vésperas de completar catorze anos, o menino se tornou aprendiz de tipógrafo, profissão pela qual se apaixonaria e com a qual conviveria por longos anos, até que o progresso tecnológico anunciasse a sua completa extinção. Nessa época, o processo de transformação já estava em curso, mas somente um vidente seria capaz de percebê-lo com alguma clareza.

Naquele interior da Zona da Mata mineira, Gutenberg dava ainda as cartas. A composição do jornal utilizava o antigo sistema de tipos móveis colocados naquelas caixas-gavetas grandes, em pequenos compartimentos, de modo que o

tipógrafo tinha de pegar letra por letra e ir formando palavras e frases até completar o texto num instrumento apropriado conhecido por componedor. O jornal semanário começava a ser composto na quarta-feira e só terminava na sexta, quando não ficava alguma coisa para concluir no sábado pela manhã. Dali, as imensas ramas de cada página eram colocadas na velha impressora francesa, onde um profissional e um ajudante colocavam manualmente o papel na máquina, folha por folha, num processo bastante demorado. Enquanto a impressão ia sendo feita, uma equipe de auxiliares encartava os cadernos e dobrava o jornal, para que ficasse pronto para distribuição e venda até o meio-dia. Os dias de segunda e terça-feira eram utilizados para repor todo o material tipográfico nas suas caixas de origem, a fim de poder iniciar o novo ciclo semanal de preparação da próxima edição.

O mundo começou a abrir-se para o menino. No íntimo, desejava retomar os estudos parados quando da conclusão de primário aos dez anos de idade. A oportunidade surgiu naquele mesmo ano, com a inauguração do Ginásio Dr. Augusto Glória, um projeto do governo voltado para a população mais pobre. Ali, depois de um processo seletivo que todos conheciam por Admissão, o menino ganhou o direito de matricular-se no curso ginasial, onde poderia se preparar para a sonhada carreira de escritor. Rabiscava e recebia elogios desde o primeiro instante em que começou o primário. Lia livros emprestados dos colegas, com os quais ganhava asas e voava. Agora na tipografia, começou a ter contato com autores nacionais de vanguarda e a ler textos diferentes, que vinham em jornais também diferentes, onde as crônicas, poesias e prosas eram diagramadas com arte, conferindo-lhes não apenas qualidade textual, mas também

visual. Para ele, aquilo era o máximo. O modernismo entrara em sua vida.

Mas o mundo também se apresentou para o menino em sua contradição e ambiguidade. Pouco tempo atrás – recordou – vivera uma felicidade imensa que ainda não passara: adquiriu um velho rádio de válvulas com o qual sonhara durante um bom tempo. Era de segunda mão, sim, mas estava em perfeitas condições de uso. Costumava entrar madrugada a dentro caçando emissoras nas ondas curtas, principalmente as internacionais que tinham programas em português. Foi numa dessas madrugadas que deu de cara com a notícia que mudaria a face do país: a Rádio Nacional do Rio de Janeiro estava anunciando, repetidamente, que havia uma revolução militar em andamento. O menino lembra bem: o locutor dizia que o General Mourão Filho, da 3ª Região Militar localizada em Juiz de Fora estava na estrada com sua tropa a caminho do Rio de Janeiro. O menino não

compreendia se aquilo era bom ou ruim, mas um sentimento que não conseguia definir o incomodava. Pensou que Doca poderia lhe dizer alguma coisa e nem raciocinou sobre a irracionalidade daquele desejo, afinal, Doca, depois de morta, nunca lhe disse nada, uma palavra sequer. Como queria ouvi-la agora? Quando a voz da mãe o chamou para o café da manhã, desligou com certa tristeza o rádio e foi cumprir sua obrigação.

A vida do jornal o envolvera. Cada dia era uma nova descoberta e o mundo da escrita e dos homens, contraditórios e cheios de ambiguidades, descrevia uma imensa parábola diante dele. Sua ingenuidade pouco a pouco cedia espaço ao pragmatismo da realidade: o mundo estava dividido entre os que tinham poder e os que obedeciam. Ao mesmo tempo em que ganhava projeção com seus textos e sua destreza na tipografia, via-se diante da

competição com os demais tipógrafos e aí ele estava em desvantagem.

Ciúmes, orgulho e maldade; a questão não se restringia à mulher das verduras, logo percebeu, nem ao Sr. Manoel, o dono da fábrica de cintos. Ali, naquela oficina gráfica esses três sentimentos comuns aos seres humanos explodiam diante de seus olhos e cobravam seu preço. O fato de descobrir-se no mundo tipográfico que lhe era desconhecido e ao mesmo tempo tão familiar o levou a dominar rapidamente a técnica, o que despertou os piores sentimentos nos profissionais mais antigos, especialmente em dois deles. Viu-se, de repente, obrigado a competir e cada vez que respondia com desenvoltura pouco vistas em um aprendiz, atiçava contra si o ciúme daqueles que deveriam, em lugar de sentirem-se ameaçados pelo novato, oferecer-lhe apoio. Era o que ele pensava, mas não o que ocorria. A realidade costuma ser

dura, muito dura com os que estão começando sua vida.

Mas logo percebeu também que um equilíbrio de forças se esboçava no ambiente de trabalho, melhorando consideravelmente o clima para ele. Se alguns dos profissionais experientes se colocavam como adversários gratuitos do menino, outros profissionais mais jovens percebiam nele uma vocação inata para a profissão e passaram a admirá-lo tornando-se, assim, um contraponto aos demais, o que lhe dava incentivo para seguir em frente.

Um dia o chefe da oficina o chamou para passar-lhe a montagem do rótulo de uma famosa cachaça regional – Osvaldina – e o menino ficou tão contente que nem percebeu o sorriso matreiro estampado no rosto do colega ao lado. Afinal, sem nunca dizer nada a ninguém, era o que ele deseja há tempos, ou seja, enfrentar uma tarefa desafiadora que em geral era dada aos profissionais experientes. Mas a tarefa veio

acompanhada de um aviso: o tempo curto exigia rapidez na entrega. Com a tranquilidade natural de quem se sente seguro do que faz, o menino deu início à montagem da chapa tipográfica, passo a passo, matematicamente, somando espaços, corpos, entrelinhas e, assim, bem antes do tempo determinado concluiu, feliz da vida, a chapa do rótulo. Informado pelo menino, o chefe sentenciou:

– Agora é que nós vamos ver.

Alguém deixou escapar um “vai cair tudo”. Sorrisos maliciosos pipocaram na oficina. Sem se abalar, o menino disse quase que a si mesmo: – Não vai.

Rama na pedra, chapa na rama, aperta aqui, aperta ali, levanta devagar. Silêncio no ambiente. Expectativa geral. Perfeito. Alguns, céticos, quiseram pôr a mão na chapa presa na rama para ter certeza do que seus olhos diziam. Estava firme mesmo. Mas o chefe, ainda esperando algo mais, arrematou:

– Vamos ver se as cores encaixam.

A antiga arte de Gutemberg dos tipos móveis exigia que os impressos a cores fossem montados separadamente; para cada cor uma chapa. Quando eram levadas à impressora, as montagens deveriam combinar entre si de modo a encaixar cada uma nos seus espaços. Matemática pura, sim, mas não era incomum as chapas voltarem para correção, mesmo quando entregue nas mãos de profissionais experientes.

O quadro de apreensão se ampliou; o clima continuava tenso. O rótulo era tricolor, significando que o menino fizera três chapas combinadas. O detalhe mais intrigante era que duas das cores resultavam da combinação de textos inclinados e cuja montagem exigia do profissional destreza e habilidade, daí porque naquela ocasião a tipografia era ainda considerada verdadeira arte.

Rama na pedra, chapa na rama, aperta aqui, aperta ali, levanta tudo, devagar. O passo seguinte era a impressão das provas. Se a primeira etapa fora vencida honrosamente pelo menino, o teste final estava a caminho. Essa era a hora esperada ansiosamente pelos colegas ciumentos e por aqueles que torciam pelo menino. Este cuidava de deixar todos com certo grau de angústia por conta de sua aparente tranquilidade. Se pudessem ler sua mente naquele momento saberiam que ele era o mais ansioso de todos. O menino tinha razão suficiente para não se abalar, para manter-se otimista e pensava lá com seus botões: – Tudo é questão de matemática. Se meus cálculos estiverem certos, nada de pior vai acontecer.

Imprime o preto, imprime o verde e por último o vermelho. Papel na mesa de luz, conta fio nos olhos; análise feita nos mínimos detalhes para ver se nada escapa, afinal o cliente era importante e pagava em dia. Até mesmo empregados de outros setores da

empresa foram acompanhar o embate. Ou o menino ganhava o respeito definitivo, ou ficava envergonhado e cairia em descrédito perante todos. Quando o chefe anunciou o resultado favorável ao menino, levou os amigos dele a uma explosão de alegria. Todos os adversários se recolheram às suas bancadas, visivelmente contrariados, ruminando palavras silenciosas e sentimentos infelizes.

O menino, calmo e calado, foi retomar a parte que lhe cabia na composição da próxima edição do jornal. Os comentários surgiram, timidamente a princípio, em alto e bom som depois, mas as máquinas impressoras logo dominaram com seu barulho característico o ambiente e ao final da tarde os rótulos já estavam empilhados na secadeira, cumprindo assim o ritual da arte tipográfica.

Doca sorriu para o menino; o menino sorriu um riso interior de felicidade, mas não deixou transparecer

nada. Ao soar das cinco horas da tarde, lavou as mãos, pendurou o jaleco e dirigiu-se, em silêncio, para casa.

O tempo foi bastante somente para uma ligeira refeição, pois deveria estar no colégio às 18:30h para o início das aulas do curso ginásial.

Em condições normais, estaria ele abertamente feliz, mas naquela noite passou o tempo todo envolto em pensamentos confusos, sem atinar com a causa. Parecia esperar com ansiedade o final das aulas e se algum dos colegas percebeu, ninguém sabe. Nem mesmo quando chegou em casa e deitou-se, sonolento, sentiu alívio. O pequeno quarto, que ocupava sozinho, ficava na parte mais alta da casa localizada numa rua descalça e inclinada, popularmente conhecida por rua do Vai e Volta, casa que ele havia alugado com o salário da tipografia. A única janela ali estava fechada. O sono não tardou e ele se viu, pela primeira vez, envolvido numa atmosfera estranha e ao mesmo tempo

agradável. Parecia que viajava por um interminável túnel, em voo solitário, e quanto mais descia mais a sensação de prazer aumentava. Acordou de repente, sem saber a princípio onde estava, mas logo tomou pé da situação e lamentou o sonho haver acabado tão rápido. O relógio no criado mudo era testemunha de que não se passara mais do que quarenta minutos desde que adormecera.

O primeiro sono foi sucedido por outro, mas agora pesado. De repente, estava num ambiente escuro, inóspito, onde vozes de seres invisíveis se misturavam e se faziam incompreensíveis. Vez por outra, um grito distante ecoava até silenciar por completo. O menino sentia-se só e não sabia o que fazer. A escuridão era total, mas a sensação era de que em algum compartimento próximo havia luzes e pessoas conversando. Ele, no entanto, não saía do lugar. Se o tempo é a duração, o tempo para ele ali era inacabável.

Pareceu-lhe ter permanecido assim horas a fio, mas o que viria a seguir ele sequer imaginaria. Num átimo de segundo, viu-se de novo em seu quarto, paralisado na cama, sem conseguir mover um músculo sequer. Tinha plena consciência de si mesmo e isso o fazia sentir um medo imenso. Viu quando a janela à sua frente começou a abrir-se vagarosamente, até ficar completamente escancarada e por ela surgir a figura de um homem vestindo apenas um pequeno calção, portando entre os dentes uma faca. Teve certeza de que aquele ser mal-encarado intencionava projetar-se sobre ele e quando de fato parecia que o pior aconteceria, o menino, assim com o corpo enrijecido como estava, projetou-se para fora da cama, soltando um grito horripilante que ecoou por toda a casa.

O som do baque do corpo no assoalho misturou-se com o grito, acordando sua mãe, que assustada logo apareceu na porta, não lhe foi difícil perceber

que o filho tivera um pesadelo. Ajudou-o a levantar-se e com palavras carinhosas incentivou-o a voltar a dormir. Quando ficou só no quarto, ainda sentado na beirada da cama, o menino percebeu que o cotovelo lhe doía bastante. Olhou para a janela e não precisou levantar-se para constatar que estava bem fechada e trancada por dentro. Teve receio de voltar a dormir, mas o relógio marcando ainda uma hora da madrugada lhe dizia que era preciso. Depois de algum tempo, o sono foi novamente tomando conta do menino e ele então adormeceu.

Durante as várias noites seguintes ele reviveu a experiência do túnel, em que sentia-se projetar sempre de cima para baixo, caindo sem nunca chegar ao fim. O túnel era iluminado, largo, transmitia uma sensação de segurança inexplicável e a queda se dava em mediana rapidez, em um nunca acabar. Aquela sensação de bem-estar levava-o ao êxtase e por isso tinha ele verdadeira ansiedade de terminar as atividades diárias e poder

ir para casa para deitar-se à espera de outra viagem. Havia dominado o medo dos primeiros tempos e foi assim que refez incontáveis vezes a viagem que parecia acontecer num túnel sem tempo, desprovido de qualquer materialidade conhecida.

Mas estava ele fadado ao fracasso aí e não demorou para perceber que viver essa experiência não dependia apenas da sua vontade. Ou não dependia em nada, contrariamente ao que sempre acreditou. Assim que se deitava sob a expectativa de viajar no túnel as coisas pareciam obedecer ao seu comando, mas estava enganado. A descoberta se deu quando tentou, em vão, renovar a viagem numa noite em que se deitou cedo ansiando pela experiência e nada aconteceu. Insistiu, fechou os olhos, procurou no cérebro as imagens das noites em que viajou longamente, imaginou-se solto no espaço, mas não não foi o bastante.. Nem o sono chegou, nem o túnel surgiu, nada, absolutamente nada aconteceu

Eis que alguns dias depois o túnel ressurgiu em sua tela mental e ele se alegrou com o retorno. Sorriu para a parede, ajeitou-se como nunca antes e preparou-se para viajar e quando tudo parecia caminhar para a descida, viu surpreso o túnel desmoronar lentamente até desaparecer por completo. Quiz projetar-se sobre as ruínas, gritar que aquilo não era verdade, que não passava de uma ilusão, de um sonho ruim, de qualquer coisa menos da realidade. Mas era a realidade que lhe dizia que a viagem acabou.

A frustração surgiu em seu rosto e a notícia do fim da experiência de tanto tempo se confirmou quando a figura de Doca se formava ao mesmo tempo em que o túnel ruía. A mendiga apareceu, dessa vez, sentada na cadeira próxima dos pés da cama e olhava-o com expressão de carinho. Mas não disse palavra, apenas meneou a cabeça negativamente, como a afirmar que ele deveria se conformar com a situação. Nunca soube ele para

que servira aquela experiência, senão que lhe dera imensa satisfação enquanto aconteceu e grande decepção depois que acabou.

VII – Onde estás?

O tempo da poesia se instalara definitivamente na vida do menino, coincidindo com o tempo do aluno ginásial, das paqueras, de uma certa fama intelectual que já se espalhava pela cidade e do apreço dos admiradores que o reconheciam espontaneamente. Eram tantas as atividades e solicitações que o menino se deixou levar pelo sucesso momentâneo, esquecendo-se de muitas outras coisas importantes. Esqueceu inclusive de Doca, mas desleixos dessa ordem só atrasam as relações humanas e de certa maneira não demoram para ter consequências desagradáveis. Era esperar para ver.

É preciso lembrar que o gosto do menino pela língua portuguesa começou muito cedo, logo no primeiro ano do curso primário, o que intrigava alguns professores já naquela época. Ele mesmo

não dava grande importância para isso, vendo tudo com naturalidade, mas as pessoas em volta costumavam se surpreender com a desenvoltura intelectual que aquele menino tão cedo demonstrava. D. Nazira, a simpática e competente professora de língua portuguesa percebeu nele uma criança promissora a ser estimulada, especialmente por vir das classes sociais mais baixas. Por isso, encheu-se de cuidados com o menino e costumava levá-lo duas tardes por semana para sua residência e ali dar-lhe aulas de reforço, junto com dois outros alunos. Ele adorava, não tanto pelo estudo em si, é preciso dizer, mas pelo chá que vinha acompanhado de biscoitos assados em forno à lenha, servido sempre que as aulas se encerravam.

Pompéia, com suas curiosas e intrigantes aulas de geografia, e sua mãe, D. Alice, esposa do “seu” Afonso, o sapateiro, ela exímia professora de artes, todos os três tinham pelo menino uma atenção

especial, pois conheciam-no desde muito pequeno e sabiam de sua história. Ele, por sua vez, adorava as aulas de arte, que eram de fato encantadoras pela habilidade com que D. Alice conduzia os alunos nos caminhos do belo. As duas, junto a D. Nazira, foram fundamentais no desenvolvimento escolar do menino.

Agora que chegara ao curso ginásial, seu potencial aparecia na facilidade com que dominava as matérias, em contraste com outros alunos de classe social acima que, salvo algumas exceções, apresentavam imensas dificuldades para acompanhar o curso. Mas se isso era bom, teria também algumas consequências paralelas desagradáveis.

Mércia, aluna de terceiro ano da Escola Normal, sabendo das habilidades do menino foi à sua procura e sem nenhum constrangimento disse-lhe, depois de abrir um encantador sorriso:

– Queria que você me ajudasse. Tenho de apresentar uma redação de fim de curso sobre o aprendizado no ensino primário e não sei nada do assunto.

O menino, entre lisonjeado e orgulhoso, concordou em fazer a redação por ela. Poucos dias depois, entregou-lhe o manuscrito, que Mércia leu, adorou e assinou antes de entregar na escola. Quando tomou conhecimento da nota máxima atribuída à redação, correu para avisar ao menino. O detalhe: ela foi a única aluna a alcançar tal classificação. Por essas e outras sua fama crescia, mas ele continuava tímido e muitas vezes se mostrava retraído diante dos adultos.

As coisas do amor, que lhe despertaram lá atrás, quando ainda era coroinha e andava com o Padre Jaci, estavam cada vez mais intensas. O impulso para escrever poesias e crônicas românticas levaram-no a princípio a um certo isolamento, temeroso de compartilhar os seus poemas e textos

senão com aqueles que lhe inspiravam confiança. Temia críticas negativas e, principalmente, as chacotas que os colegas invejosos com certeza espalhariam. Mas depois que viu a receptividade pelos seus escritos, deixou de lado qualquer temor.

Ainda no primário, conheceu Rosilene e andaram os dois flertando com toda a ingenuidade dos seus poucos anos de idade. Chegou até a subir algumas vezes as íngremes escadarias do bairro de Santa Rita, só para estar mais próximo da casa dela. Isso durou somente até conhecer Maria Helena, uma menina bem branquinha de rosto arredondado e sorriso cativante. Mas esta possuía planos diferentes para si, planos que ficaram claros apenas depois que ela, por orgulho e um pouco mesmo de maldade, alimentou os sonhos do menino dando-lhe esperanças de namoro, logo cortados quando Maria Helena percebeu que a amizade estava ficando muito perigosa.

Grande decepção sofreu o menino. Para compensar, escrevia cada vez mais suas crônicas românticas e poesias cheias de lirismo que lhe resplendia o coração angustiado e esperançoso de contrapartida.

Os dias seguintes, passou-os em parcial solidão. Doca, parecendo precavida, apareceu-lhe apenas quando a mágoa do amor desfeito começara a reduzir-se. E o fez com um jeito bastante simples, silencioso como sempre, com seu sorriso de canto de boca e o olhar cheio de meiguice. Foi o bastante para que ele se decidisse a superar mais um amor não correspondido e se preparasse para conviver com Maria Helena todos os dias que ainda teria pela frente no Ginásio Dr. Augusto Glória, resignado porque nem mesmo uma amizade sincera entre os dois podia ele esperar.

Seu ar de menino sério o tornava, cada vez mais, alguém visto como uma personalidade que se colocava além do seu momento, mais velho do que

de fato era. Tinha ares de adulto, rosto e corpo de jovem. De repente, descobre que os colegas do seu círculo mais próximo, especialmente as meninas, o viam também como conselheiro.

Aspirava ter um romance com Sônia, que morava no Beco das Flores, mas descobriu logo que a simpatia dela por ele não incluía namoro, pois seu eleito era outro. Sentados numa noite de verão no Bar do Mangueira, ele, Sônia e duas outras colegas conversavam sobre tantas coisas até que a prosa passou a versar sobre relacionamentos amorosos e expectativas de vida. Envolvido em pensamentos que lhe chegavam não se sabe de onde, confidenciou ele às três:

– Acredito que muitos de nós ao pensar em relações amorosas, elegemos as pessoas com o perfil que desejamos levando muito em consideração as aparências.

E, sem que ninguém esperasse, perguntou:

– Qual de vocês seria capaz de se casar com um negro?

Para surpresa dele, Sônia – logo ela – respondeu imediatamente:

– Eu me casaria, desde que gostasse dele. A cor para mim não tem nenhuma importância.

O menino sentiu ali um misto de alegria e tristeza, esses sentimentos conflitantes que às vezes nos desafiam. Enquanto as duas outras colegas permaneceram silenciosas para não demonstrar seus verdadeiros sentimentos, Sônia foi tomada de uma sinceridade espontânea. Teve prazer em ouvir da boca da pessoa que admirava e por quem nutria mais do que simpatia uma afirmação que gostaria de ouvir, mas nem por isso deixou de sentir-se surpreendido.

Anos mais tarde, quando a vida já havia distanciado para sempre todos eles, Sônia se casaria com um rapaz de cor negra e de cujo casamento nasceria um

casal de filhos. Mas então já não haveria mais surpresa da parte do menino, senão a confirmação daquilo que ele mesmo não tinha qualquer dúvida de que era verdade.

Sônia permaneceu simpática para com ele e entrou na lista das amigas mais sinceras e confiáveis. Por mais que a admirasse, sabia que manter com ela uma amizade respeitosa era tudo o que podia aspirar.

Naquela mesma noite, quando seguia sozinho em direção à sua casa, de repente percebeu que alguém caminhava ao seu lado. Sentia sem ver. Olhava à direita e à esquerda, de modo rápido, com certo receio. Queria e não queria ver. Estava intrigado com aquela sensação e nutria uma certa vergonha de si mesmo, por temer algo que já lhe era familiar. Somente quando subiu o degrau da varanda de casa e olhou para trás foi que percebeu o rosto de Doca, mas foi tão rápida a aparição que

não chegou a distinguir suas feições, nem saber se queria lhe dizer alguma coisa.

– Se era Doca, era bom – pensou em voz alta.

Sônia permaneceu sua amiga. Com ela podia trocar ideias sérias, falar de assuntos mais profundos, pois ela correspondia à altura e se mostrava sempre diferente das outras colegas, que gostavam mais de conversas fúteis.

Um dia, o olhar do menino cruzou com o de Marlene, uma jovem de rosto bem torneado, olhos grandes e negros, porte altivo embora fosse de estatura baixa. Vestia-se com certo apuro, dir-se-ia bom-gosto, sem os exageros da moda nem do requinte. A troca de olhares entre os dois logo deixou nele uma certa esperança de algo mais próximo e íntimo.

Os dois passaram a conversar mais amiúde e os assuntos se intercalavam entre os estudos e os planos de futuro. A expectativa do menino parecia

cada dia mais se firmar sobre aquela figura feminina que também despertava interesse dos outros colegas.

Numa terça-feira, pelas oito horas da noite, após serem dispensados do colégio por conta de uma aula cancelada, desciam os dois pela rua da Matriz em direção ao Grupo Escolar Coronel José Brás em animada conversa. Quando se aproximavam da residência dela, já bem em frente ao Clube Democráticos, Marlene deixou escapar alguns pensamentos que surpreenderam o menino, deixando-o desconcertado. De repente, a moça ficou um tanto distante e fria e começou a falar de uns planos de vida para ele estranhos, planos que a colocavam longe dali, daquela cidade. Ela desejava mais, queria encontrar alguém de melhor classe, já sonhando com um belo casamento que lhe facilitasse a ascensão social e a distanciasse daquele lugar onde os juízos alheios sempre a lembravam de que era filha de pais operários e não

devia sonhar com nada que fosse além dessa condição.

A garbosa cidade, tão orgulhosa de si, era o protótipo perfeito de uma sociedade onde as classes se distinguiam de modo acentuado. Marlene tinha noção clara dessa realidade e sabia que sua ascensão dependia menos de sua beleza física e mais das conquistas que viesse a fazer. Quem não a conhecesse jamais diria que era filha de pais operários. Tinha bom-gosto no vestir-se, caminhava com altivez embora sem afetação, mantinha uma certa doçura na voz combinada com um olhar firme, além de um belo sorriso marcado pelos dentes muito alvos e os lábios grossos.

Naquela cidade a separação entre as classes tinha um outro componente: um forte preconceito de cor, que lutavam para esconder, mas ficava explícito em algumas ocasiões como quando dos famosos festejos juninos. Por essa época, os clubes enfeitavam as suas dependências e estabeleciam

verdadeiras disputas entre si para ver qual era o mais bonito e recebia o maior público. Mas durante as festas brancos e negros não ocupavam o mesmo espaço nem se misturavam. Dir-se-ia que a festa era para os brancos e aos negros era permitido o ingresso apenas nos locais para eles destinados. O mesmo ocorria com as atrações musicais e as danças. Os brancos contavam com patrocínios e bandas reconhecidas enquanto que os negros deviam satisfazer-se com música de baixa qualidade. Todos tinham convicção de que essa realidade assim apresentada era perfeitamente normal, quiçá natural. A desigualdade entre as classes era, portanto, explícita. As raízes dessa história remontam à época colonial em que toda a região concentrava um grande contingente de escravos, e ao final do século XIX, quando a cidade recebeu sua primeira indústria têxtil e, assim, deu origem à classe operária formada por centenas de trabalhadores.

O menino jamais esqueceu o dia em que o Dr. Derval lhe sugeriu um namoro com sua secretária, uma jovem de uns 15 anos de idade, morena, simpática, filha de pais operários. O fato ocorreu logo que o menino se recostou na cadeira para iniciar o tratamento dentário. Dr. Derval, além de dentista era também presidente do Clube Democráticos e pertencia à elite da cidade. Era conhecido por sua ideologia conservadora e pela defesa intransigente da manutenção das classes sociais, sem as aventuras sempre fadadas ao fracasso da mistura entre elas. Seu argumento foi de que os dois jovens faziam parte da mesma classe e por isso tinham tudo para que o romance desse certo. Ao ouvir a sugestão do Dr. Derval, a primeira reação do menino foi de surpresa e silêncio. Depois, de constrangimento por ver que a secretária ouvira a conversa e ficara visivelmente incomodada, talvez porque tivesse lá seus sonhos e escolhas românticas que não o incluíam. Quando, enfim, o

Dr. Derval concluiu o serviço, o menino levantou-se da cadeira, passou as mãos no cabelo para ajeitá-lo e com um quase inaudível obrigado tomou a direção da porta de saída decidido a procurar outro profissional para seguir com o seu tratamento.

Dias depois desse fato, um outro episódio semelhante teve intensa repercussão na cidade envolvendo o próprio dentista e um militar negro, de alta patente no Exército Brasileiro. O Clube Democráticos abriu suas portas para o Baile de Gala do ano e o militar compareceu com seu uniforme apropriado e a companhia da esposa, mas foi impedido de entrar sob o argumento de que o clube não permitia a presença de negros. Aquilo virou o assunto da semana na cidade. O militar requisitou a presença do Delegado de Polícia e de outras autoridades exigindo o cumprimento da lei constitucional que garante a igualdade de direitos para todos os cidadãos do país. E pela primeira vez

em toda a sua história, o Clube Democráticos teve entre os seus frequentadores negros e brancos.

O menino percebeu que Marlene não demonstrava preocupação com as questões sociais e a injustiça, mas pensava apenas em si e aquilo foi como uma ducha de água fria sobre ele. Ela se mostrara calculista e determinada e só de pensar que poderia passar a vida toda ao lado de uma pessoa assim sentiu um abalo no mais fundo de sua alma. Por isso, quando se despediu dela à porta da casa em que morava, sentiu um grande alívio em perceber que aquela história terminava ali.

O tempo e a distância costumam ajudar na cura das doenças da alma. Doca com suas aparições oportunas, embora raras, colaborava com ele, pois sua presença transferia ao menino segurança e bem-estar. Claro que ele gostaria de vê-la com mais frequência, mesmo que ela se mantivesse em silêncio todas as vezes que se mostrasse, mas isso era pedir demais e ele não ousava fazer.

Eis que um dia a turma do colégio aumentou com a chegada da jovem Elisabeth, transferida de cidade próxima. Estatura baixa, tez clara e muitas espinhas no rosto, foi inicialmente objeto de pouco caso de parte dos colegas, um pouco por conta de seu jeito desleixado e meio caipira. Elisabete percebeu a situação, mas parecia não se importar muito. Pelo contrário, mostrava-se espirituosa, aberta às brincadeiras e estava sempre disposta a colaborar com o grupo de colegas no que fosse preciso. Com o tempo, as resistências desapareceram e parecia até que ela já fazia parte do grupo desde o começo. Quando as férias de meio de ano se aproximaram, Elisabete convidou dez colegas para passar um final de semana na fazenda de seu pai que ficava nas cercanias do pequeno município de Argirita. A Kombi que os transportaria foi enviada da fazenda e quando lá chegaram o menino se viu envolto em lembranças dos momentos vividos tempos antes quando os sentimentos de prazer e frustração se

misturaram, deixando marcas duradouras. Mas agora era preciso aproveitar a nova experiência e então preferiu esquecer o passado.

A casa principal era uma construção colonial antiga e muito bem conservada, de cômodos amplos. Na cozinha, três empregadas se revezavam no preparo do almoço, invariavelmente servido às 11 horas da manhã. Atento aos detalhes que talvez não interessassem à maioria dos colegas, o menino percebeu que o fogão a lenha tinha dois fornos e ambos estavam em uso naquele momento. Notou mais, que por dentro do fogão passavam dois grossos canos de cobre que subiam pela parede e desapareciam no teto de telhado à mostra. Não teve dúvidas de que aquelas serpentinas iriam terminar no banheiro levando água quente. De fato, ao final da tarde, quando foi tomar o seu banho, o fato pôde ser confirmado. Mas foi preciso que exigissem aos gritos sua saída de lá depois de

mais de uma hora em que permanecia sob o chuveiro de água abundante e bem temperada.

O grupo era formado por seis moças e quatro rapazes, aos quais foram destinados três dos numerosos quartos daquela construção. Meninos de um lado, meninas de outro. Estavam todos certos de que era preciso aproveitar ao máximo aquele sábado, porque na tarde do dia seguinte tudo terminaria. Elisabete então providenciou para que fossem conhecer o curral, onde se fazia a ordenha das vacas, o estábulo, a criação de porcos, o galpão destinado à produção de manteiga e queijos e finalmente o amplo pomar de variadas frutas.

De volta à casa grande, o pai de Elisabete os aguardava na cozinha onde inspecionava o almoço. Era um homem baixo, de mais ou menos 1,50m de altura, atarracado, de olhar firme e uma calva pronunciada. Elisabete sempre que se referia ao pai o fazia com carinho e jamais deu a conhecer suas

condições físicas, por isso mesmo naquele momento em que os colegas eram apresentados a ele vivia grande expectativa interior. Mas quando o “seu” Luiz, como o pai era chamado por todos ali, virou-se e cumprimentou um por um os jovens, a filha respirou aliviada. Nenhum dos colegas esboçou qualquer reação estranha diante do pai anão. Após o almoço, eles se distraíram com peculiaridades da fazenda e no início da noite saíram em direção à cidade de Argirita, onde puderam participar de um baile no clube local.

Por volta das treze horas do domingo, a Kombi que iria transportar de volta os estudantes já estava pronta e à espera dos passageiros. Este foi o único momento em que as algazarras cessaram, deixando transparecer em todos uma certa tristeza por ter de retornar à realidade do dia a dia. Elisabete despediu-se de um por um, pois só retornaria na manhã após o término das férias, mas ao abraçar o menino demonstrou particular afeto por ele, o que

o deixou um tanto incomodado. Vinha ele percebendo nos últimos tempos essa aproximação afetiva da moça e imaginou que era simples resposta à sua preocupação em vê-la bem integrada ao grupo, mas ali soube que algo mais forte havia por parte dela. As férias terminaram, mas Elisabete não apareceu no colégio e ninguém sabia porque, até que a notícia chegou e logo se correu entre os colegas: “seu” Luiz foi acometido de um mal súbito ainda naquele domingo à noite na fazenda após a partida da Kombi levando os estudantes e foi imediatamente transportado para o hospital de Juiz de Fora, a cidade mais próspera da região. Uma semana depois, veio o desfecho: acometido de insuficiência cardíaca, “seu” Luiz faleceu. Elisabete nunca retornou ao colégio e ninguém mais soube dela, menos uma das suas melhores amigas, Roberta, que pouco quis revelar sobre o destino da filha de “seu” Luiz. Dizia apenas que ela estava bem, embora muito abatida.

O tempo escoou pelas frestas da duração e colocou um véu sobre aquela aventura na fazenda. Vida e morte, mais uma vez, se mostraram em toda a sua intimidade ao menino atento, que, como bom aprendiz, usava cada vez mais o banco do jardim da Praça Coronel José Braz para refletir sobre si e o destino, destino que arquitetava nos sonhos, mas sem a menor noção da realidade que o aguardava. Esta, só permanecendo na duração do tempo para conhecer.

VIII – Eu sou filho das estrelas, ele, dos barões

O professor experiente disse ao menino, num momento de intimidade:

– Não és filho de pai abastado nem de mãe imaculada, mas isso não faz de ti um ser indigno. Só uma cultura perversa incute em nos seus herdeiros a ideia da inferioridade racial, a ponto de os levar à envergonha dos antepassados ou, ao contrário, sentir inoportuno orgulho pelos pais de suposta condição superior.

O menino, na sua idade de sonhos, pouco entendeu daquilo que ouviu, mas, sem o saber, aquelas palavras mansas e enérgicas encontraram lugar no seu inconsciente, e dali emergiriam quando o momento chegasse. Estava em sua fase de muitas contradições, aquela fase da puberdade em que o

bem e o mal se travestem de muitos significados diferentes ao mesmo tempo. De um lado, sabia-se resultado da realidade, a dura realidade que o colocava perante a sociedade local como filho da viúva, pobre, quase miserável. Tal fato provocava certa vergonha nele e o fazia sofrer, especialmente porque parte dos seus amigos vinham de famílias conceituadas. Era uma fraqueza do seu espírito, sabia-o. Por outro lado, tinha como certo que sua inteligência compensava um pouco, situando-o acima mesmo amigos de boa origem, mas – pensava com certo desânimo – a inteligência nem sempre é suficiente para garantir um lugar na primeira fila da admiração.

Doca não aparecia já há algum tempo. E mesmo que aparecesse não poderia fazer nada, afinal o problema demandaria tempo, talvez uma vida inteira para encontrar solução que amenizasse essa duplicidade de sentimentos. Queria ter nascido em lar abastado e assim o quadro estaria completo:

seria rico e inteligente, como algumas pessoas são. Mas para ele isso não fora possível e agora precisava, sentia que precisava se conformar. Outra condição difícil de aceitar. A conformação quase sempre significa fuga da luta e algumas vezes precipita o aparecimento de angústias a resultar do estar, do conviver, do suportar situações indignas apenas para manter as aparências.

A noite de verão estava em seu início e o menino sentou-se no primeiro banco do jardim da Praça Coronel José Brás, o único que estava vazio naquela naquele momento, pois o verão tem essa característica de encher as praças de pessoas. Esperou que ninguém viesse incomodá-lo. Sentia-se desconsolado e pensava em Alba, a menina loira de olhos azuis que conhecera recentemente. Tivera com ela dois dedos de prosa, não mais. Foi quanto bastou para que se colocasse no seu devido lugar. Alba era ambiciosa por formação e tinha segurança de suas origens superiores. Logo que se

encontraram casualmente na fila do banco, ela o deixou ciente do seu lugar social, muito atrás do dela e fê-lo com elevada dose de educação sem demonstrar nenhum sentimento, nenhum afeto por ele ou por sua figura humana. Sua beleza física incontestável tornava-a aos seus olhos carente de brilho, daquele brilho viçoso que se desmancha na empatia.

O menino não teve opção senão permanecer sentado naquele banco quando ao seu lado se acomodou o João Antônio, um jovem bem mais velho que ele, apelidado de Don Juan, visto se vestir com esmero e viver em companhia das moças mais lindas daquela cidade. Embora não desejasse, o menino acedeu à conversa iniciada pelo recém-chegado, num discurso que aumentava ainda mais a sua ânsia por solidão.

– Olá – foi dizendo como quem tem o domínio da situação. Você é o filho daquela viúva, não é? Falou com lustrosa empáfia, de modo a deixar clara a

distância social entre os dois. – Ela continua lavando roupa para fora, perguntou como quem já conhece a resposta. E arrematou: –Estou sabendo que você escreve muito bem. Um dia, vou conversar com você sobre filosofia. Até lá, vai estudando bastante para que nossa conversa seja proveitosa.

Logo estacionou à frente dos dois um automóvel que tinha na direção uma jovem da alta sociedade, conhecida por suas liberalidades femininas, pouco comuns na época. Para o menino foi uma felicidade saber que voltaria à sua solidão, para o jovem foi a alegria que aguardava. Segundos depois, o automóvel desaparecia na esquina do prédio da Companhia Força e Luz.

O menino ali ficou, entre ensimesmado e carente de afeto por um bom tempo sem ser perturbado. Se soubesse o que o aguardava no futuro, teria observado nas palavras do Don Juan um certo tom profético. De fato, alguns anos depois, encontravam eles em situação opostas, mas cada

qual marcado por experiências de vida diferentes. Vivam, sem o saber, na mesma metrópole e suas aparências haviam mudado muitíssimo. João Antônio estava famoso e rico com o sucesso de suas esculturas. O menino crescera e já havia escrito alguns livros de relativa aceitação pública. João Antônio chegou imediatamente após o menino e se colocou atrás dele na fila. No primeiro instante, nenhum notou o outro, mas algo os aproximava, de modo que João Antônio iniciou o diálogo:

– Esta é a fila do tratamento? – Perguntou.

Aquele som, aquela entonação pareceu ao menino bastante familiar e enquanto revirava sua memória em busca de lembranças, respondeu:

– Sim, é aqui.

João Antônio prosseguiu sem nada notar, assim como se conversasse pela primeira vez com uma pessoa desconhecida.

– Fui recomendado a procurar este tratamento, nunca estive aqui nem pensei que pudesse estar num lugar deste algum dia. Mas estou muito esperançoso. E você, por que está aqui?

– Ocasionalmente. Pensei em estudar o tema, vim procurar informações e alguns dias depois descobri que tinha um problema de estômago e poderia obter tratamento aqui mesmo. Por isso, me mandaram para cá. Também não pensava estar aqui com essa finalidade, mas se posso me beneficiar não tenho porque recusar.

Logo tomou conhecimento que aquele que fora um dia um Don Juan era agora portador de uma doença terrível, apesar de sua idade ainda baixa. Sentindo-se à vontade na presença daquele de quem nem por sombra desconfiava ser o antigo menino do banco do jardim, Luiz Antonio abriu seu coração e desfiou todo o seu rosário de dores. Contou que saiu de sua cidade natal, onde tinha uma vida livre para fazer o que quisesse, mudando-se para a

grande metrópole certo de que poderia crescer com sua arte, o que de fato ocorreu. Ficara famoso e mais rico ainda, mas não abria mão de aproveitar ao máximo a vida. Há pouco mais de um ano atrás foi surpreendido pelo diagnóstico avassalador: era portador de um câncer em estado bastante avançado. Os médicos não lhe davam muito tempo de vida, já estivera até nos Estados Unidos, mas suas esperanças de cura desapareciam uma a uma diante dos sucessivos diagnósticos sombrios. Um amigo querido, que o acompanhava a alguns anos, recomendou-lhe procurar este tratamento, dizendo-lhe: o que não tem remédio, remediado está. A velha sabedoria popular.

O menino, assim sem mais nem menos, olha para o lado e vê, de repente, a figura de Doca um tanto esmaecida. Só aparecia do nariz para cima, no entanto, na mesma altura dos olhos com os dedos segurava algo parecido com um pedaço de papel

onde estava escrito um nome. O menino não teve dúvidas e perguntou ao moço:

– Você é o João Antônio?

Antes da resposta do interlocutor, a memória do menino revelou-lhe uma série de imagens da infância na pequena cidade mineira, onde Don Juan aparecia em diversas situações naquele passado um tanto distante. Sim, era então um daqueles que buscavam aproveitar a vida sob todos os aspectos, despreocupado com as consequências fossem quais fossem. Sem demonstrar surpresa, mas visivelmente sensibilizado pelas lembranças, acrescentou:

– E é mineiro de...

– Como você sabe? – Indagou.

Desde então, João Antônio e o menino começaram uma amizade que durou tempo bastante para estreitar-se, apesar das circunstâncias. Aquele

buscava se agarrar em qualquer coisa que pudesse trazer-lhe uma nesga que fosse de esperança de vida e o menino iniciando uma trajetória que ainda não compreendia muito bem, mas sentia ser importante. João Antônio já não tinha mais a beleza do passado, marcado que estava pelas muitas experiências degradantes e agora pela doença insidiosa e indomável. Seus traços, porém, mostravam que ali houvera um homem de beleza incomum, os olhos azuis e o porte dominante. Seu orgulho estava submetido às preocupações com os sinais indicadores de que sua trajetória física caminhava para o final, como qualquer animal irracional, o que o perturbava. Entretanto, bastava uma conversa mais demorada com ele para perceber que as ideias de classe superior e de sangue azul continuavam ainda presentes nele de modo muito forte, como raízes culturais das quais ninguém se desvencilha com facilidade. Tornara-se mais contido, dir-se-á com propriedade, mas não

despojado daqueles sentimentos incutidos em seu cérebro desde a mais tenra infância pela família que se sabia descendente de nobres europeus e com poder financeiro suficiente para externalizar hábitos, crenças e modos de vida que poucos poderiam aspirar.

Quando em sua companhia, o menino se enchia de paciência para suportar aquilo que João Antônio não conseguia superar, mesmo sabendo-se próximo da morte. Mas era evidente o seu esforço para não o demonstrar. Nas conversas que travavam, era comum ouvir do ex-Don Juan suas longas narrativas sobre os antepassados, uns com destaque nas altas camadas sociais, outros nas letras e outros mais na área médica. Ele nem mesmo escondia seus preconceitos raciais quando o assunto se voltava para as conquistas dos negros, ou então quando ingressava, mesmo que ocasionalmente, nos temas das raças arianas.

A vida, contudo, tem seus mistérios impenetráveis. Agora vivendo praticamente só em uma mansão, João Antônio teve de conviver com uma filha rebelde a essas coisas de diferenças sociais e que acabou se casando com um jogador de futebol negro e muito famoso. Quando isso ocorreu, seu orgulho desceu ao nível mais baixo e doloroso para ele. Filha única, aquela que lhe restou de um casamento frustrado, como de fato frustradas foram todas as suas relações amorosas, educada com esmero, a demonstrar tendências para o balé clássico, tendo, inclusive, sido aluna do Teatro Municipal, encantou-se um dia com o jogador e abandonou tudo para viver com ele em suas aventuras num grande clube europeu. Dizia-se agora já acostumado à convivência com o genro, que lhe dera um neto, mas em seu íntimo sabia-se despreparado para lidar com a situação.

O resultado daquele tratamento foi diferente para os dois. O menino se mostrou feliz em ver os

desconfortos estomacais praticamente eliminadas após algumas sessões, mas João Antônio estava com a doença adiantada e nada podia ser feito além de transfusões energéticas paliativas, que apenas ajudavam a diminuir as dores e a passar os dias com menos dificuldade.

O menino soube do falecimento dele por terceiros. Estava em viagem ao Nordeste brasileiro quando João Antônio foi internado às pressas no Hospital Sírio Libanês e veio a óbito dois dias depois. A notícia lhe chegou pelas redes sociais e com ela estava encerrado mais um ciclo de sua vida. João Antônio, o filho dos barões, partiu. O menino, filho das estrelas, ficou.

IX – Natal e solidão

A pobreza desperta o orgulho próprio e instala o desprezo por aqueles que parecem lucrar com o infortúnio alheio. Era nisso que pensava o menino quando recebeu a notícia de que a família Valente, cujo patriarca era seu padrinho de batismo, se ofereceu para promover o Natal da família dele. Queriam presentear os filhos da viúva e as crianças deveriam dizer que presente desejavam que os substitutos do bom velhinho trouxessem. O menino, preso aos limites do orgulho e desejoso de manter sua privacidade, não revelou o desejo e ninguém num primeiro instante tentou dissuadi-lo do silêncio que resolveu adotar sobre o assunto. Quando o padrinho chegou e insistiu com ele, para terminar com aquela situação que o constrangia, respondeu que não queria nada. As reações que observou nos anfitriões o levaram a acreditar que

pensavam ter sido melhor assim, dentro daquela ideia: menos um presente a dar e pelo qual gastar. Todos os seus irmãos revelaram o desejo, mas o menino percebeu que nenhum falou a verdade por estarem constrangidos, afinal era preciso escolher dentre os presentes que lhes eram indicados, e o menino concluiu ter agido corretamente para não participar da farsa.

Lá consigo imaginou-se longe daquele cenário. Todos sorriam, menos ele, que se mantinha arredio pelos cantos da bela e confortável casa. Dizia a si que o presente que desejava não estava à venda nem se encontrava ali, onde a aparência substituía a alegria sincera. Em toda a sua vida, o padrinho sempre se mantivera à distância, nunca lhe dera qualquer atenção. Suas filhas, adultas, uma casada e a outra solteira, ambas com mais de 30 anos, não eram de muita conversa e a esposa, essa, sim, sequer se dava ao trabalho de disfarçar aquele ar de superioridade que sempre a acompanhava.

O menino se lembrava de alguns momentos em que estivera em presença dela na casa do amigo Zinha. Ela era ali quase um familiar, tinha trânsito livre, conversava sobre as intimidades da casa e dava até voz comando sobre Odila e Mirtes, as empregadas de D. Maura. Jamais demonstrou afeição pelo menino e ele sentia até que a matrona o desprezava, visto o olhar estranho que lhe lançava algumas vezes, sem motivo aparente. De que o acusava, lá isso não sabia.

No dia aprazado para a entrega dos presentes, já próximo da data consagrada pelo velhinho de barbas brancas, lá estava toda a família, o menino, inclusive, que não teve outra opção senão ir. Cada presente era entregue por mãos diferentes e sorrisos forçados. Quando todos já estavam com seus carrinhos e bonecas, chegou a vez dele. Como não havia solicitado nada, não se incomodou. Mas não o deixaram de fora. Deram-lhe um guarda-chuva embrulhado de tal forma que o cabo ficava à

mostra. Sim, um guarda-chuva. Constrangido, recebeu o presente e ficou pensando sobre o que havia por trás daquilo gesto. Nunca descobriu. Apelou para Doca, queria que ela surgisse, nunca tinha necessitado tanto dela, mas a mendiga não deu o ar da graça. Pelo menos ele não a viu.

Quando todos estavam visivelmente envolvidos naquela atmosfera que não era a sua, aproximou-se do menino o Vicente e, sem que ninguém percebesse, colocou-lhe nas mãos um pequeno pacote que pela forma parecia conter o exemplar de um livro. Disse-lhe, simplesmente:

– Espero que goste.

Ato seguinte, abraçou-o com sincero afeto, e afastou-se. Então, o menino sorriu pela primeira vez. Vicente tivera com ele uma história singular, curiosa mesmo. Estava casado com a filha do padrinho há apenas dois anos. Antes de casar, porém, nutria pela moça grande simpatia, mas não

encontrava meios de se aproximar, visto que ela, já com seus 35 anos de idade, parecia não esperar mais abandonar a vida de solteira. Sabendo que o menino era afilhado do pai, o futuro sogro, Vicente o encontrou um dia na rua do Sarmento e chamou-o para uma conversa. O menino ficou desconfiado, pois, embora o conhecesse, não tinha noção de que tipo de conversa o homem queria. Vicente tratou de tranquilizá-lo dizendo que precisava apenas de um favor dele. E para ganhar sua confiança, disse que lhe retribuiria muito bem no momento oportuno. Ato seguinte, tirou do bolso um envelope de correspondência com a seguinte frase: “para a jovem Cinila. Confidencial”

– Só preciso que você entregue este bilhete a ela – falou com brandura.

O menino foi em direção à antepenúltima casa da rua Dr. Péricles de Mendonça, abriu o portão da frente, passou pelos jardins e entrou pela porta dos fundos. Perguntou à Maria Antônia, a empregada,

se Cinila estava. A moça que se encontrava na sala contígua colocou o rosto pela porta e perguntou:

– Quem procura por mim?

Sem muitos dizeres, que a presença dela não lhe era nem um pouco agradável, o menino estendeu-lhe a mão direita e entregou o bilhete dizendo secamente:

– Me pediram para trazer isto.

Sem esperar reação, virou-se e saiu pela mesma porta que entrou. Sem disfarçar um certo constrangimento, Cinila recolheu o bilhete e desapareceu. Seis meses depois, o casamento foi anunciado e o menino só ficou sabendo por conta do zum, zum, zum da cidade.

Já fazia dois anos que isso acontecera. Vicente, ao dar-lhe o presente espontaneamente, não apenas cumpria a promessa feita na ocasião do pedido do favor, como também foi o único que teve pelo

menino um sinal de afeto sincero, afinal um livro é sempre uma oportunidade a aproveitar. Em casa, o menino colocou o guarda-chuva num canto do quarto e nunca mais o tocou. Via, vez ou outra, sua mãe usando-o, mas sem muito proveito, afinal era um guarda-chuva infantil e por isso mesmo muito pequeno, de modo que era pouco útil na maioria dos casos. O menino sentou-se na cama e desembrulhou vagorosamente o presente do Vicente. O título era interessante. Pôs-se a ler ali mesmo e seu prazer pelo tema crescia a cada frase. Como os irmãos estavam todos entretidos com seus carrinhos e bonecas, ficou ele ali sem ser incomodado, sorvendo as páginas de Charles Dickens em “Três espíritos do Natal”.

O acontecimento daquilo que denominava falso natal foi suficiente para que se afastasse de vez daquela família, a qual, por sua vez, também não mais se interessou por ele. O padrinho, do alto da sua altivez, passava por ele como se não houvesse

visto ninguém e o menino por dentro agradecia por não precisar viver novas e frustrantes experiências. Doía-lhe, e doía muito, ter de sorrir quando no íntimo guardava tristezas e mágoas. Vez por outra, dava de ver o Vicente, que sempre perguntava como ia e demonstrava o mesmo e sincero afeto.

X – O desgaste da liberdade

Sentado na cadeira colocada no parapeito do Bar do Mangueira, no andar superior do prédio da piscina, o menino ensimesmava, como gostava de fazer de vez em quando – e o fazia tantas vezes que se tornou hábito. Em baixo, muitos banhistas aproveitavam o sol forte do final de tarde, mas ele praticamente não os observava, preferindo recuperar lembranças de épocas recentes, que pareciam lhe fazer bem. E misturava divagações e desejos, projetos e sonhos, coisas que pretendia viver, mas não tinha certeza de nenhuma.

Alguém gritou seu nome tão forte que o menino se assustou. Era Totonho, que saía todo molhado da piscina, com um sinal para que ele também fosse aproveitar. Em lugar de sentir-se estimulado a nadar, preferiu sorrir e menear a cabeça negativamente, enquanto se recordava, sem atinar

por que, de um evento que envolvia a mãe de Totonho.

Alguns anos antes, o menino costumava frequentar a casa deles e Totonho filho do primeiro casamento da D. Terezinha, que trabalhava como servente do Grupo Escolar Cel. José Braz. Depois que cresceu, foi praticamente proibido de continuar indo lá, não porque fizera qualquer coisa desabonadora, mas por conta de algumas precauções que considerou injustas. É por isso que atualmente tinha mais contatos com Totonho, apesar deste ser um pouco mais velho e andar em companhias diferentes das dele.

O grito de Totonho fez o menino voar para o dia em que, como então fazia regularmente, entrou porta a dentro da sala da casa de D. Terezinha para se divertir com os dois filhos menores, que nasceram do casamento com o Sr. Luís, funcionário da Companhia Força e Luz. D. Terezinha era clara, baixinha e gorda, em verdadeiro contraste com o

seu marido, que era magro, alto e negro. D. Terezinha mantinha um sorriso afável permanente em seu rosto arredondado, mas o Sr. Luís, embora sempre cavalheiro com as pessoas, tinha um semblante mais sisudo, exteriorizando preocupações que só os seus íntimos deviam conhecer.

Dois acontecimentos marcaram o menino naquela manhã, ambos desagradáveis para ele, que teimava em tentar compreender o ser humano já tão cedo e sentia-se impotente a cada experiência dessa ordem que vivia. Assim que se viu na sala da casa, foi chamado por D. Terezinha para uma conversa a sós. Ficou apreensivo, sem atinar com a razão daquilo. Tentou lembrar-se de algum malfeito, de alguma situação ruim a que dera causa, mas nada lhe veio à mente. Sentou-se na cadeira da cozinha e ficou à espera, desconfiado. A mulher puxou a outra cadeira e se colocou à sua frente. Não demonstrava

nenhuma grande contrariedade, o que o deixou mais tranquilo.

– Olha aqui, D. Maura está muito contrariada com você. Ela me disse que você se comprometeu a limpar o jardim da casa dela e não apareceu por lá. Acho bom você se explicar com ela.

– Não sei de nada disso, resmungou o menino.

– Você não esteve lá na semana passada para fazer companhia ao Zinha? Pois é, ela disse que lhe permitiria almoçar e ficar, mas queria em troca que você fosse limpar o jardim no dia seguinte e você não apareceu. Daqui para frente não quer ver você lá, nunca mais.

Aquilo lhe caiu como uma bomba. Não poder ver o Zinha tinha outras implicações que o desagradavam, como deixar de ouvir os programas de rádio, usufruir de todos os brinquedos que o amigo possuía, não comer mais a comida saborosa

da Mirtes e deixar de raspar o tacho da doceira Odila.

Mas logo pôs-se a pensar em algumas outras coisas que o acalmaram, afinal frequentar a casa do amigo significava, também, conviver com os olhares superiores de D. Maura e dos outros filhos mais velhos, orgulhosos que eram de suas condições sociais. Nenhum deles escondia seu desagrado com a proximidade do menino e a mãe do Zinha só permitia sua presença por saber que seu filho, sempre doente, precisava de companhia. Mais de uma vez, o menino ouviu de D. Maura repreensões sem que atinasse com a causa e, pior, na frente das empregadas e às vezes até das eventuais visitas.

Mirtes e Odila, que ali trabalhavam há muitos anos, desde que vieram da fazenda onde seus pais eram empregados, diziam ao menino para não ficar triste nem se preocupar com as repreensões, afirmando que D. Maura era assim mesmo. Era melhor se acostumar, afirmavam.

O menino, porém, tinha lá seu orgulho próprio e seu sentido de justiça, alguma coisa que para ele parecia dignidade, de modo que ao ouvir de D. Terezinha o recado de D. Maura, tomou a decisão de não aparecer mais naquela casa. Antes, tentou lembrar-se do acontecimento como forma de saber se devia dar razão a D. Maura, mas baldados seus esforços, nada conseguiu. Sim, estivera lá na semana passada por umas duas ou três horas, lembrava-se de ouvir de D. Maura alguma coisa, mas do compromisso com a limpeza do jardim, não, não se recordava.

O menino não afastou a possibilidade de ter se comprometido com a orgulhosa matrona, mas também não se culpou por aquilo, afinal, se ocorreu de ter aceitado limpar o jardim, certamente foi mais por fraqueza dele do que por concordância, uma vez que aquilo lhe parecia claramente uma imposição do lado dela, que sempre exigia algo em troca da comida que permitia que lhe fosse servida,

enquanto que ele tinha certeza de que muito mais que a comida, o que gostava mesmo era da companhia do Zinha, o único da família que não o tratava como inferior. E depois, pensou, eu nunca limpei um jardim. Decisão tomada: se não seria benquisto, lá não apareceria mais, malgrado saber que isso desagradaria o Zinha, que outro amigo não tinha.

Quando voltou a si, D. Terezinha já havia se retirado da cozinha. O menino dirigiu-se, então ao quarto das duas crianças, que o esperavam ansiosas para brincar. Foi quando viveu uma segunda e dolorida experiência. Retornando do plantão na Companhia Força e Luz, o Sr. Luís deu de cara com os três brincando e ficou parado na porta, pensativo. Ato seguinte, virou-se para a esposa e sem se preocupar com mais nada, disse em tom de ordem:

– Acho que este menino está muito grande para brincar com nossos filhos. Não é boa companhia mais. Fale para ir embora e não voltar.

Entre surpreso e chocado, o menino ouviu claramente o que dissera o Sr. Luís. Sabia que não haveria da parte de D. Terezinha qualquer reação contrária, pois uma decisão do marido era algo que não se discutiria. Pelo menos não na frente de estranhos à família. D. Terezinha não teve tempo sequer para se despedir do menino, pois quando voltou da cozinha onde terminava o almoço, não o encontrou mais. Dali para a frente, só o veria esporadicamente, em encontros casuais, ocasião em que demonstrava por ele afeto e queria saber como estava.

Ao lembrar esses dois episódios, o menino não pôde evitar a recordação de Doca. Não fosse por ela, talvez demorasse mais a se recuperar do choque provocado pelas duas separações simultâneas. Doca lhe apareceu no quarto enquanto ele ouvia as duras palavras do Sr. Luís, com seu rosto compassivo, e lhe fez sinal com os olhos para que saísse dali sem reclamar. Era como

se esperasse que ele, sendo ainda um simples menino, rapidamente esquecesse desses acontecimentos, deixando para o futuro os momentos mais graves.

Após concordar com Doca ele se foi tomando a direção do Cartório Civil, onde sabia que iria encontrar “seu” Nonô, um senhor de quase oitenta anos que passava boa parte do tempo sentado em uma cadeira à porta, observando as pessoas e conversando com os mais chegados. Dito e feito, “seu” Nonô lá estava e ficou contente por vê-lo. Tinham simpatia um pelo outro e, verdade seja dita, “seu” Nonô gostava dos assuntos que o menino trazia, sempre sérios, diferente da maioria dos moleques da época. O menino, por sua vez, tinha grande atração pelas experiências que os mais velhos ofereciam. Ali ficaram proseando por um bom tempo, o que fez o menino esquecer completamente os acontecimentos matinais.

Bolote, que residia do outro lado da rua, quase em frente ao cartório, costumava rir com a cena do velho e o menino em conversa animada. Tanto que, jocosamente, colocou no menino o apelido de Nonô, pelo qual passou a chamá-lo dali em diante. Mas o fazia com carinhosa afeição, pois gostava também, e muito, do menino.

O tempo da infância é lento, o tempo da juventude é natural, mas o tempo da idade adulta é rápido. Só os velhos para compreender isso. Se o menino pudesse antecipar naquela ocasião o futuro próximo, ver-se-ia diante de um quadro curioso, mas ao mesmo tempo de intensa dor. O que ele viveria anos depois, antecipo agora.

Após completar o serviço militar, o menino resolveu seguir para Juiz de Fora, a setenta quilômetros de sua cidade. Ali teria emprego fácil e poderia retomar os estudos. Alojou-se, inicialmente, em casa de conhecido, depois foi morar numa pensão

no centro da cidade. À noite, frequentava o curso de Contabilidade no Colégio Machado Sobrinho.

Certa noite, ali pelo início da madrugada, o menino e um amigo recém feito conversavam animadamente na esquina da rua Marechal Deodoro com a avenida Rio Branco quando uma cena chamou a atenção deles, especialmente do menino. Um jovem se arrastava pela calçada, amparado por outro que o mantinha em pé à custa de muito esforço. Parecia conduzi-lo para algum lugar onde pudesse deixá-lo em segurança.

Quando se aproximaram, o menino ficou estarecido ao reconhecer na figura do jovem que era carregado ninguém menos do que o Zinha. Sim, era ele. Carregava no rosto aqueles óculos pesados de lentes grossas, mas a cruel magreza de antes fora substituída por uma pronunciada barriga, os cabelos em desalinho.

O menino se dispôs a ajudar, o que tornou ainda mais fácil a tarefa do outro jovem. Logo entraram num prédio ali próximo, abriram a porta de um apartamento e o colocaram na cama, onde se esparramou, praticamente desacordado. Quando o amigo do Zinha foi agradecer pela ajuda, houve um reconhecimento mútuo: o menino viu nele a figura do Aldo, que conhecera na cidade natal, mas não mantivera relações próximas. Aldo reconheceu no menino o filho da viúva.

Assim foi que o menino ficou sabendo que o Zinha lutava ultimamente contra o vício das drogas e do álcool. Ficara praticamente sozinho, com a morte dos pais e a mudança dos irmãos para a capital mineira. Portador de doenças crônicas, vivia em depressão, buscando no álcool e nas drogas uma forma de se sustentar.

A lembrança da infância ao lado do amigo Zinha logo ressurgiu na tela mental do menino, mas este preferiu afastá-la para não sofrer com algo que

propositalmente havia esquecido. Com visível tristeza, despediu-se de Aldo e demandou ao local onde deixara o outro amigo, mas não o encontrou. Tomou então a decisão de retornar à pensão da rua Mister Moore e descansar.

No dia seguinte à tarde, a lembrança do Zinha ainda o incomodava. Não se conformava com o destino do antigo amigo, mas sentia-se impotente para qualquer intervenção positiva. Afinal, havia anos que se separaram, de modo que um não soubera mais do outro. Só agora ele pode tomar conhecimento, e mesmo assim superficial, dos caminhos tomados pelo filho de D. Maura. Como havia assumido um compromisso para aquela noite, tratou de dirigir-se rápido à pensão, tomar um banho e fazer uma refeição leve. Após, foi até a loja de chocolates do pai de um amigo, no início da rua Halfeld, ponto de encontro com quatro outros companheiros. Dali seguiriam para uma residência

no bairro do Bom Pastor. O que fariam lá não tinha a menor ideia.

Eram exatamente 19:30 horas quando o carro que os conduziu estacionou no endereço marcado. Estavam diante de uma residência de classe alta, uma construção toda branca, em estilo moderno, um amplo jardim bem cuidado na frente onde dois grandes cães rosnavam para os visitantes.

Foram recebidos por um casal atencioso que esbanjava mesuras com o Marco Antonio, a quem pareciam conhecer de longa data. Depois de alguns minutos de conversa amena, todos se dirigiram a uma sala reservada, onde se instalaram em duas confortáveis poltronas. As luzes se apagaram, ficando acesa apenas uma pequena lâmpada de coloração azul de um abajur de mesa.

Não demorou muito e o silêncio foi rompido por uma voz gutural que saía da boca do Marco Antonio, cujas palavras eram pouco audíveis, mas

que agradaram de imediato aos anfitriões. Podia-se ver em seus semblantes um leve sorriso de felicidade. Imediatamente, Marco Antonio se pôs a caminhar a passos pesados pela sala, indo de um canto a outro, os olhos esbugalhados que pareciam fixar-se em alguns detalhes que só eles enxergavam. Logo pediu um copo de cachaça, no que foi imediatamente atendido. Bebeu-o de um só gole.

Ao mesmo tempo, Antonio José, que ocupava uma poltrona mais distante, principiou a falar, solicitando a presença da moça filha do casal que ali estava, como também do menino. Este, sem saber o que estava acontecendo de fato e sem mesmo atinar o porquê de estar sendo solicitado, dirigiu-se ao local e ali ficou. A voz se dizia um preto velho de nome Pai João e dava conselhos morais aos dois jovens, alertando sobre fatos futuros e comportamentos que deveriam ser revistos.

Entraram em cena, também, os outros dois membros do grupo, Gustavo, pai, e Fernando, filho. Ambos se levantaram e tomaram de dois ramos de arruda que estavam em um jarro, e com eles passaram fazer uma espécie de limpeza, percorrendo todos os espaços daquela grande sala. Agiam como se estivessem varrendo todo o chão. Não satisfeitos, disseram que precisariam sair e fazer o mesmo em outros pontos da casa, no que foram seguidos pelo casal anfitrião.

Toda esta atividade durou cerca de uma hora. Ao fim, as luzes foram novamente acesas e tudo voltou à normalidade. O casal e a jovem filha pareciam muito satisfeitos com o resultado da noite. O grupo todo, menos o menino que permanecia em silêncio, entrou em animada conversa, comentando os efeitos daquela reunião e definindo os propósitos de encontros futuros. Uma farta mesa de bolos e outras tantas iguarias os esperava na sala de jantar, para onde se dirigiram.

No carro que os levou de volta ao ponto de encontro, as conversas giravam em torno do mesmo assunto, mas agora outros componentes que só foram observados pelos quatro participantes entraram em cena. Comentários do tipo ambiente pesado, trabalhos que precisariam ser desmanchados surgiram e foram unanimemente aceitos.

O menino desceu do carro deveras intrigado. No trajeto até a pensão, perguntou-se se algo do tipo não poderia ser feito para o Zinha, de forma a auxiliá-lo a se libertar do peso das drogas. Foi quando decidiu que no dia seguinte indagaria do Marco Antonio sobre essa possibilidade, afinal este era visivelmente o líder do grupo.

Depois ficou sabendo que somente veria de novo o Marco Antonio na sexta-feira, ou seja, dois dias à frente, devido a uma viagem que o amigo fizera. Não querendo demorar-se com aquela dúvida, procurou pelo Antonio José, que disse que talvez o

Pai João pudesse ajudar e como eles estariam juntos no encontro marcado para o final de semana, seria uma boa oportunidade para falar do assunto.

O menino estava totalmente alheio ao que poderia ocorrer no encontro marcado para a sexta-feira. Sabia, apenas, que o grupo se reuniria novamente com aquele casal e sua filha, mas agora haveria outras pessoas presentes e o encontro se daria fora dos limites da cidade. Tudo o mais era mistério para ele.

Eram quase nove horas da noite quando o menino entrou no carro de um desconhecido, uma antiga Vemaget de cor creme. Três outras pessoas já ocupavam lugar no veículo e o motorista imediatamente tomou a direção do bairro de Gramado. Depois de rodar por cerca de uma hora e subir uma longa e estreita estrada, o carro entrou por um sítio do qual se tinha uma vista excelente da cidade.

A casa de estilo moderno já estava tomada por cerca de vinte pessoas que se dividiam em rodas de conversa animada. Em pouco tempo, o silêncio tomou conta do lugar e a mesma voz gutural que o menino ouvira na sua primeira experiência dois dias antes, fez-se presente por intermédio do Marco Antônio, que agia como se executasse um ritual previamente estabelecido.

O menino olhou à sua direita e divisou a figura do Antonio José, agora sentado no chão com as pernas cruzadas e soltando baforadas de um cachimbo que portava na boca. Ao seu sinal, o menino se aproximou juntando-se a duas outras pessoas desconhecidas que estavam sentadas no chão de frente para Antonio José. Este ria um riso que não era seu, falava baixo e dizia palavras amorosas, sem esconder um certo ar irônico estampado no rosto. Eis que se vira para o menino e diz:

– Acho que você quer saber de mim alguma coisa.

Utilizava um linguajar diferente do habitual. Um tanto constrangido e sem saber como começar, depois de alguns segundos de hesitação o menino falou:

– Estou preocupado com um amigo e gostaria de saber se o senhor pode fazer alguma coisa por ele.

Com aquele riso cheio de afetividade e olhando fixo para o menino, Antonio José, ou quem quer que seja que ali estivesse fez uma breve dissertação sobre questões humanas e as dificuldades que os indivíduos têm de cumprir com suas obrigações enfrentando os problemas de frente ao invés de fugir deles, após o que concluiu:

– Estive observando aquele seu amigo desde a última quarta-feira, quando você manifestou mentalmente sua preocupação com ele. Não é um caso fácil, ele se entregou aos vícios e anda em más companhias. Não estou falando apenas das companhias que vocês conhecem, mas daquelas

que ninguém vê e que são muito ruins também. Ele perdeu a vontade de viver e aceita essas companhias com facilidade, tem até prazer de estar com elas. Enquanto estiver desse jeito nada poderá ser feito. Mas prometo que vou ficar atento à espera de uma oportunidade para tentar dissuadi-lo do caminho que tomou. Mais do que isso não posso fazer agora.

O menino agradeceu e mesmo não compreendendo muito bem tudo aquilo, ficou observando o movimento geral e as ações de Antonio José. Várias pessoas passavam por ali à espera de algum conselho ou para fazer pedidos diversos e todos eram atendidos com paciência, mas poucos saíam plenamente satisfeitos, como se podia perceber de seus semblantes. Alguns queriam coisas estranhas, como namoro, casamento; outros solicitavam oportunidade de ganhar dinheiro fácil e havia até quem desejasse o sofrimento de outros. A voz mansa mas enérgica

daquele ser a todos repreendia com admoestações e aconselhava exatamente o oposto, o que explica porque saíam todos em busca de alguém que pudesse atender os seus desejos em troca de alguns favores.

Na manhã seguinte, o menino acordou disposto a procurar o Zinha e para tanto dirigiu-se ao endereço onde o havia deixado naquela madrugada, mas lá não tinha mais ninguém. O apartamento estava vazio e um vizinho, que ocasionalmente saía naquela hora explicou que o local era alugado por períodos, de maneira que muitas pessoas entravam e saíam dali de forma anônima.

Triste, o menino voltou às suas atividades corriqueiras e nunca mais teve notícias do antigo amigo. Tentou, algumas vezes, ver se Doca sabia de alguma coisa, mas Doca não era de falar, só de olhar e ele não conseguia traduzir sempre o que ela expressava no seu rosto quase permanentemente compassivo.

Pouco tempo depois, decidi que era hora de retornar à sua cidade natal. No fundo, porém, sabia que não ficaria lá para sempre.

XI – Corações de lama

Ser semelhante a outros é possível, mas nem sempre; ser igual aos outros, aí, sim, é impossível. O menino chegara aos catorze anos de idade com alguns dilemas bem nítidos e um deles derivava do fato de saber-se diferente de muitos dos outros meninos daquela época. Haveria alguém entre seus colegas ou conhecidos que sentisse vontade de ser como ele? As duas cogitações faziam sentido em sua mente, mas a primeira era dominante em alguns momentos.

Desde quando fizera dez anos, ou talvez antes mesmo, às vezes se juntava com colegas muito mais corajosos e atrevidos, que provocavam coisas que a ele, embora pudesse divertir aqui e ali, não satisfaziam. Elísio, neto da D. Maria Sachetto, era o tipo de jovem destemido e arrojado, daqueles de difícil controle. Fora criado pela avó com muitos

mimos, embora sem luxos, e possuía uma inteligência desenvolvida para certas tarefas, principalmente arquitetar molecagens.

Com semelhantes virtudes havia outros, mais velhos ou da mesma idade do menino. Eram rapazes bem conhecidos na cidade por suas quase loucuras. Roubar frutas no quintal alheio era das menores estripulias, mas constante. Sabiam burlar a presença dos cachorros que os proprietários dos pomares colocavam como segurança, pegavam passarinhos raros sem que os donos das fazendas próximas percebessem, boa parte deles para vender no mercado negro.

Tudo isso, porém, era coisa corriqueira. Combinar encontros com grupos de adversários para brigas era ocorrência comum, que ninguém ficava sabendo senão depois que a notícia da prisão ou hospitalização de alguns desses moleques se espalhava. Enfim, não se podia classificar essas

coisas de simples travessuras, pois ia além, muito além delas.

O menino era visto pela maioria como fracote e medroso, algo que o perturbava em certos momentos. Seria apenas falta de coragem para certas maldades não tão inocentes? Certamente, não. Ele percebia que a coisa tinha outras conotações, pois faltava-lhe capacidade para arquitetar planos maldosos, mentalmente não se colocava bem nesse terreno. E mais, não possuía prazer quando feitos assim prejudicavam pessoas de bem.

Mas ser diferente também significa sofrer. Nem mesmo o reconhecimento público de que sua inteligência para as letras o destacava entre os seus lhe dava orgulho, pois também aí vivia, vez por outra, as consequências da inveja dos mais fortes, que absolutamente não se preocupavam com o saber enquanto valor.

Fernandinho era bem mais velho do que o menino e podia ser reconhecido como um chefe de gang. Sua maldade não tinha limites. Batia nos mais novos por puro prazer e ao mesmo tempo era um excelente jogador de futebol. Aldo tinha um outro tipo de maldade, que se expressava nas quadras de futebol de salão, quando exercia sua liderança pelo excesso de violência com que participava das jogadas, até que um dia se viu diante de um outro colega que estava disposto a mostrar-lhe as maldades que fazia com satisfação. Desse encontro de violências só não foi parar na Delegacia por conta da intervenção do Bolote, que, chamado, deu-lhes uma lição de moral. O resultado, porém, é que Aldo passou a ser menos viril para com os adversários, abrandando bastante sua ânsia de vencedor.

O menino, distante desse quadro de garotos que infernizavam a cidade, voltava-se cada vez mais para os estudos e aos colegas que o tratavam como

igual ou aproximadamente igual. Tinham-lhe de alguma maneira certo respeito e não contestavam sua liderança natural quando a coisa mexia com a inteligência racional.

Foi nessa época que muitas conquistas o menino fizera, mas foi também aí que começou um outro dilema que somente seria resolvido na idade adulta, após os trinta anos de idade, exatamente porque fora aspirar outros ares em região distinta daquela em que nascera e, por isso, com outra cultura e outras noções de dominação e liberdade. Mas até chegar lá teria que percorrer o caminho aparentemente traçado, das conquistas e das angústias que estão no destino de qualquer um.

Fizera com certa tranquilidade o exame de admissão e matriculara-se no Ginásio Dr. Augusto Glória, que acabara de ser fundado na cidade e funcionava de forma gratuita. Instalara-se provisoriamente nas dependências do Grupo Escolar Cel. José Braz, porém, questões políticas

fizeram com que saísse dali e se espalhasse por algumas dependências em diferentes locais, até que puderam instalá-lo definitivamente no antigo prédio do Fórum, próximo da Igreja Matriz. Ali, o menino viveu os dois últimos anos de estudos e colheu lições que marcariam sua cultura.

Logo tornou-se presidente do Grêmio Literário que ele mesmo sugerira e obtivera autorização para criar. No Grêmio, fazia reuniões com o apoio dos colegas e obtinha destaque para o grupo que o ajudava. Sem maldades e sem experiências, sem conhecimento de políticas e dessas coisas que os adultos fazem com certa naturalidade quando desejam obter sucesso, o menino programava atividades voltadas para o saber e as artes.

Numa dessas ocasiões, ocorreram alguns fatos curiosos, que bem mostraram a admirável ingenuidade do menino. Vivia-se o período da ditadura militar e as influências do regime eram bastante nítidas no estabelecimento, então sob a

direção de um conhecido advogado plenamente assentado com as ideias do regime militar, conduzindo o Ginásio com disciplina rígida.

O Grêmio Literário programou uma sessão especial em comemoração ao aniversário de fundação da cidade e convidou várias autoridades para participar, sendo que duas delas seriam entrevistadas pelos alunos: o prefeito e o Juiz de Direito. O primeiro, empresário conhecido e político experiente, respondeu com facilidade as perguntas formuladas, mas quando chegou a vez do Juiz, Dr. José, ocorreu de os alunos desejarem que ele respondesse sobre a vida e a obra de Ruy Barbosa, do qual era estudioso reconhecido. Tomado assim de surpresa por não estar preparado para o tema, Dr. José se levanta e diz:

– Admirável ingenuidade desses meninos. Como gostaria de voltar a essa idade das despreocupações que mais tarde vão nos dominar e roubar nossos melhores sonhos.

E quanto pôde, Dr. José discorreu sobre a figura imortalizada como o Águia de Haia, sem entrar em detalhes mais profundos, porém com informações preciosas para os jovens alunos. A sessão daquela noite repercutiu na cidade e foi notícia no jornal local.

Uma jovem professora, de nome Sara, recém-chegada, começou a se destacar entre os alunos. Retornara da capital do Estado onde concluíra os estudos superiores e trazia na bagagem noções de senso crítico e de liberdade que não cabiam muito bem naquele estabelecimento de ensino. Com ela, o menino veio a ter oportunidade de perceber que a história tem mais de uma interpretação. Tornaram-se, os dois, bons amigos, mantendo admiração mútua. Era comum vê-los e outros colegas descendo a rua da Matriz em cativantes conversas, que se estendiam até tarde da noite.

O olhar dos alunos para com Sara não era nem de perto o mesmo olhar com que a viam desde a

Diretoria do colégio. Ali, tinham para com ela grande preocupação, pois era avançada demais em seus conceitos de liberdade. Por isso, vigiavam-na sem que ninguém percebesse.

Chega um instante em que a bomba explode. Ninguém, nenhum dos demais professores, por mais crédito que tivesse com os alunos, era tão admirado quanto Sara, o que gera ciúmes, despeitos, coisas do ser humano ainda preso ao chão do planeta.

Reunidos em sessão fechada no Grêmio Literário, os alunos decidiram convidar Sara para paraninfo da formatura que se aproximava. Conhecendo a situação de Sara, o menino avisou os colegas de que a escolha teria consequências ruins, mas nenhum deles quis mudar a escolha. Informada, a amiga mais que professora ficou contentíssima e... preocupada. Sabia dos riscos que aquela decisão corria. Não precisou mais do que vinte e quatro

horas para que uma ordem emanada da direção do colégio cancelasse a decisão dos alunos.

Revolta geral. Em comissão, os alunos foram até o diretor para demovê-lo da decisão. E exigiram que lhes fosse declinada a razão pela qual a querida professora não podia ser indicada. Nem uma coisa, nem outra. A decisão estava tomada e os motivos eram da competência exclusiva do diretor. O regime ditatorial tinha suas garras espalhadas por todos os cantos e alcançava até mesmo um humilde colégio de uma cidade pouco significativa para o contexto geral da nação. Sim, Sara era considerada subversiva, simplesmente porque defendia ideias de liberdade. Nunca ninguém viu Sara incentivando rebeliões ou coisa parecida, mas não precisava. A jovem professora pensava alto e fazia pensar, essa coisa que nenhum regime totalitário, nenhum poder dominante aceita.

Sara se foi. Não teve tempo sequer de despedir-se dos alunos. Estes é que, inconformados, foram se

encontrar com ela pensando não em despedida, mas em criar um movimento para exigir o seu retorno. Em vão. Sara os dissuadiu, apesar da visível mágoa que a dominava. Ali, naquela localidade em que a submissão era a tônica em momentos graves da vida, nenhum movimento seria capaz de mudar a decisão do diretor. Sara sabia disso e imaginava outras tantas coisas. Então, decidiu retornar à capital e prosseguir os estudos acadêmicos, o que levou os alunos a uma decepção grande. Sentiram-se, como nunca, órfãos.

Grêmio reunido novamente. Era preciso, com urgência, encontrar um substituto para Sara e nenhum nome à altura surgia. Foi quando o menino falou:

– Temos o Sr. Carlos Rocha.

Referia-se a uma figura conhecida, que trabalhara nos bastidores para que o colégio fosse ali instalado e ainda fazia parte do seu conselho e, além do mais,

era o diretor do jornal local e patrão do menino. Uma comissão de alunos foi até a empresa para fazer o convite, mas o Sr. Carlos já estava a par da situação e recusou, dizendo:

– Não vou ser o remédio de nada.

Ficou claro: se tivesse sido escolhido em primeira instância tudo bem, mas como salvador da pátria não queria. Foi um novo golpe desfechado contra aqueles alunos, que se atreveram a escolher uma professora de má reputação entre as lideranças políticas do município. Funcionou, pois ficaram desnorteados.

O fim do ano se aproximava. A data da formatura estava definida há tempos, inclusive o local e tudo o mais. Os alunos ameaçavam retomar o convite a Sara e o diretor, por seu turno, ameaçava os alunos de proibir a formatura se continuassem com aquelas intenções.

O Grêmio se instalara, mais uma vez. Ninguém notou o ar pensativo do menino, mas estava ele diante de Doca, que o olhava como se estivesse falando-lhe alguma coisa. Falava com o olhar, como sempre o fizera. E ele, sem mais demora, levantou-se e deu a solução:

– Vamos convidar o ex-prefeito.

Poucos acreditaram no êxito daquela decisão, mas não havia outra saída. O menino e mais três colegas foram, naquela mesma noite, até a residência do Dr. Nagib e falaram abertamente para ele. Com a ingenuidade comovente de quem pisa em ovos sem perceber que o faz, desfilaram todos os detalhes dos acontecimentos, desde a escolha de Sara até aquele instante, sem nada omitir. O ex-prefeito os olhou com seu olhar não de político, mas de médico e ser humano acostumado às pressões e surpreendeu-os:

– Eu aceito o convite. Não me importo de forma alguma com os outros nem mesmo de ser uma terceira opção. Podem contar comigo.

A notícia se espalhou pelo colégio com rapidez. Contra o ex-prefeito não haveria voz que se levantasse, pelo menos abertamente. Nos bastidores, soube-se que a direção ficara contrariada, pois o médico fazia parte da facção política contrária, que aspirava voltar ao poder, porém um veto ao seu nome seria pior do que aceitá-lo. Sem consciência clara dos fatos, os alunos deram o contragolpe e a formatura estava garantida. É possível que o Sr. Carlos Rocha tenha ficado arrependido da recusa do convite, mas ninguém ficou sabendo.

O menino foi escolhido para orador da turma e escreveu, ele próprio, o seu discurso vazado na segunda pessoa do plural. Mas teve o cuidado de pedir ao Dr. José, o sábio Juiz de Direito admirador de Ruy Barbosa, que o corrigisse do ponto de vista

gramatical, o que se revelou providencial. Foi do menino a penúltima fala para aquela audiência que lotou completamente o salão do Clube Democráticos na cerimônia de formatura, com familiares dos alunos, mas também toda a elite da cidade, formada por empresários, políticos e demais autoridades. Um verdadeiro acontecimento que tomou proporções ainda maiores pela importância política do paraninfo. O só fato de saberem que o Dr. Nagib iria pronunciar um discurso numa festividade pública era suficiente para que ninguém que tivesse uma pontinha de poder sequer na cidade faltasse. E o Dr. Nagib não os decepcionou.

Seu discurso foi longo, sem cansar; claro, sem tergiversar; objetivo, sem enganar. Principiou por agradecer, bastante comovido, o convite feito pelos alunos, pontuando que jamais, sob hipótese alguma, faltaria em nada com as necessidades da juventude, pois o futuro do país estava nas mãos

dela e os mais velhos deveriam ter consciência clara disso, sendo solidários com ela, mesmo ante a necessidade de superar mágoas e decepções.

O menino ouvia com atenção aquele discurso feito por alguém com tanta experiência no trato da coisa pública. Percebeu quando ele afirmou que atenderia aos pedidos inúmeros para retornar à vida pública, o que deve ter feito muitos ali se mexerem incomodados em suas cadeiras. Mas a frase que marcou de fato o menino foi dita pelo paraninfo após contestar aqueles que agem nas sombras para denegrir os que trabalham pelo bem, sem outro interesse que o próprio bem. Foi a frase que também encerrou o discurso:

– Corações de lama só têm lama para atirar.

Muitos anos se passaram e o menino já havia cumprido o seu desejo de voar para outras plagas, outros ambientes, novos desafios. Desembarcou na grande metrópole numa manhã poética de um

início de verão, com o sol despontando à sua frente por detrás de uma interminável cortina de arranha-céus. Um colorido impressionante, o ônibus a deslizar pela pista de asfalto ameaçando romper aquela barreira.

Acomodou-se em seu quarto, mas não encontrou meios de descansar e recuperar as energias da noite passada em claro. Preferiu sair, andar um pouco e nem bem estava fora, sentiu uma sensação agradável que o levava a entender que chegara em sua casa, onde deveria estar. Era Doca, com certeza; ela deveria estar por perto. Outra explicação não havia.

Viu-se em meio a uma multidão de pessoas desconhecidas, num ir e vir permanente, os ônibus e automóveis circulando em velocidade. Estava de fato fora do seu habitat, mas era como se não estivesse, tal a sensação de bem-estar que sentia. Ficou assim a vagar por umas duas horas, até que o cansaço o tomou por completo e então dormiu

longamente, de cujo sono só acordaria mais de três décadas depois. Uma vida ficara para trás, uma outra, nova, começava, e, no entanto, as duas estavam irremediavelmente ligadas.

A pequena cidade ficava cada vez mais distante. Sara saiu do seu radar, nunca mais teve notícias dela. Do Dr. Nagib ficou sabendo do falecimento. Os colegas do ginásio, um a um, tomaram outros rumos, nessa rede invisível que a natureza tece de pessoas e fatos.

O menino engajou-se na Grande Solidariedade, onde mãos e braços se juntavam para mudar a sociedade. A experiência com o chão da vida o estimulou a escrever o segundo livro: “Terra batida, ou como estimular o pequeno a tornar-se grande”. Doca sorriu pela primeira vez ao ver a obra impressa, mas continuou na sua sina de nada dizer em palavras. Nem era preciso. O livro correu distâncias inacreditáveis e levou o menino a seguir por caminhos cada vez mais surpreendentes. Era a

realização de sonhos que não sonhara, a dizer que os projetos da vida nem sempre são aqueles que imaginamos. Deixou-se, assim, levar pelas ondas e percorrer mares que o vento indicava.

Cada vez que o tempo permitia, voltava à terra natal, mas já se sentia ali como um forasteiro. Os laços estavam se distendendo dia a dia. Numa dessas ocasiões, viu Doca sentada no banco da praça Cel. José Braz e ao seu lado aparecia, em dimensões reduzidas, a figura de um antigo afeto. Levantou-se e dirigiu-se à residência de Júlia, com quem dividira promessas e sonhos, mas a quem também acabara por decepcionar depois que deixou claro que seguiria por outras veredas. Júlia o recebeu, casada que estava e na companhia do único filho então. Sentiu claramente que o tempo dos dois era diferente e mesmo sob o olhar de Doca, não teve coragem para pelo menos pedir desculpa pela decepção provocada.

Logo veio o segundo livro: “O paradeiro do corpo, ou de como acreditar sem ver”, livro que resultou de um momento de intensos conflitos na obra da Grande Solidariedade. Mais um filho sem o DNA dos planos conscientemente elaborados. Ele estava certo de que seria assim, sempre, de que não passaria de um escritor factual, impulsionado pelas emoções dos conflitos. Que o fosse, e que conseguisse ser o melhor possível, dentro das circunstâncias e, no fundo, não tinha certeza de que conseguiria sempre. Os conflitos envolvem emoções e as emoções são como o vento do mar, que muda de direção ao sabor do momento. Eis o dilema de uma vida toda.

XII – Esta não lhe pertence

Depois de deixar a fazenda, o menino seguiu em direção à cidade. Pediu que estacionassem o carro em frente a uma residência onde vivera os últimos momentos antes de partir definitivamente para a metrópole. A casa estava vazia e dava sinais de abandono. A pequena varanda empoeirada não o impediu de sentar-se na velha cadeira que ali restava. Devaneios e recordações rapidamente o transportaram ao passado, retardando o tempo.

Estava agora diante de Val e seu simpático pai, sentados ali mesmo, na varanda, no início de uma noite de verão. Havia terminado o namoro com Céu há três meses quando Val deu sinal positivo. Na verdade, não sabia porque Val o fizera se seu coração chorava por outro, mesmo que este outro não correspondesse ao seu afeto. Conversavam os três animadamente quando o pai os convocou para

irem até a cozinha, onde se reuniram em torno da mesa de jantar.

Teve início, então, uma reunião diferente, que ele jamais ouvira falar. Com voz calma e compassada, o pai de Val fez uma prece e na sequência desenrolou uma relação de nomes de pessoas e de famílias, pelas quais ia solicitando, à medida que dizia os nomes, o apoio do invisível, injetando-lhes energias com votos de que continuassem enfrentando as adversidades com paciência e coragem. Todos acompanhavam, contritos e em silêncio.

Foram cerca de quinze a vinte minutos que lhe fizeram um bem tão grande que resolveu falar do assunto tão logo retornaram para a varanda. O pai de Val explicou-lhe como pôde o que fizera e sabendo que ele partiria em breve para a metrópole, deu-lhe o endereço da Grande Solidariedade, incentivando-o a comparecer sem demora àquela instituição. O menino, sem pestanejar, acenou com a cabeça afirmativamente.

O pai recolheu-se aos seus aposentos e deixou os dois, mas o menino já sabia que Val iria pôr um fim a aquele romance antes que se fosse para a metrópole. Por isso, quando ela, um tanto encabulada, expôs a sua decisão, ele não a deixou terminar, confiando-lhe a sua disposição de continuarem amigos. A distância, porém, e o destino incerto se incumbiriam de afastá-los. Val casou-se alguns anos mais tarde, embora não o fizesse com o homem de seus sonhos, construiu seu lar e educou seus filhos. O menino retomou antigo romance. A vida ensina, a ambos, que há desvios e mudanças de rota, ou que há a rota que se sonha e aquela que se vive.

Talvez Val tenha sido apenas o desvio necessário para que o menino descobrisse a Grande Solidariedade. Era de uma beleza que atraía atenções, mas nela havia um outro tipo de belo: o caráter. Parte dele fora moldado pelos pais, com os exemplos do dia a dia. A outra parte, não há dúvida,

vinha de uma herança invisível, pela qual a Grande Solidariedade se interessava. E o menino estava prestes a descobrir.

Findara-se o expediente do dia e o menino tomou o rumo do Bairro do Cambuci, onde o aguardava o primeiro dia de um curso de extensão profissional. Conseguira com sacrifício uma das oito vagas disponíveis entre mais de trinta concorrentes. Estava bastante grato ao Elói, tipógrafo experiente que lhe dera informações importantes acerca de questões que de certa forma decidiriam os vencedores. O menino foi um deles.

Quando entrou no prédio, dirigindo-se ao seu local de atividades, um dos participantes abriu o escaninho ao lado do seu, ali depositando o volume de um livro que se parecia com aquele que ele estava lendo. Entrelharam-se, igualmente surpresos e dali surgiu uma amizade de verão. O menino se interessou em conhecer as razões do colega pelo tema do livro e este não se fez de

rogado, indicando-lhe ao final da rápida conversa o endereço da Grande Solidariedade, onde poderia ter mais informações sobre o assunto.

Os seis meses de duração do curso passaram rápidos, mas quando o menino ingressou na Grande Solidariedade foi como se tivesse convivido com um fantasma. O colega do curso desapareceu para sempre e eles jamais se viram novamente. Por mais que o menino quisesse, por mais que vasculhasse aqui e ali, não obtinha informações sobre o paradeiro daquele a quem era agradecido. Talvez tenha sido apenas mais um desvio do destino. Talvez.

Estava agora diante do prédio, tomando coragem para entrar. Sentia-se bem, mas um pouco acanhado. Uma grande quantidade de pessoas entrava e saía daquele local, fazendo-o parecer um formigueiro. Tomou coragem e ingressou no saguão onde um atendente indicou-lhe uma escada estreita que dava para uma sala no andar superior.

Havia ali cinco mesas, cada uma delas ocupada por indivíduos ambos os sexos, de semblante calmo e sério.

Sentou-se à frente de uma dessas mesas depois que viu a figura serena de Doca pairando um pouco acima do atendente. Ninguém o convidara a sentar-se, mas pareceu-lhe lógico que a presença de Doca ali era mais do que um convite. O atendente deu-lhe boas vindas e foi logo perguntando das razões pelas quais estava ali. Sem demora, o menino respondeu sobre a curiosidade que nutria pela Grande Solidariedade e o atendente, um tanto surpreso, mas sem nada dizer preencheu um pedaço de papel impresso, indicando-lhe dia e horário para comparecer.

Desceu pela mesma escada que havia subido e viu-se novamente no saguão de entrada. Foi quando notou uma porta que dava para uma livraria. Atraído por esse mundo da literatura, começou a olhar os títulos dispostos nas prateleiras, sem saber

direito como atender sua ânsia de conhecimento daquele tema, ou dos muitos temas que a Grande Solidariedade oferece, como viria a descobrir mais tarde.

Depois demais de quarenta minutos, o menino saiu da livraria carregando uma sacola com cerca de dez exemplares de obras diferentes e o fato se repetiria nas semanas seguintes, e nas outras, indefinidamente. Sentiu-se invadido por uma sensação de que encontrara o lugar definitivo, sem perceber que na vida nada é definitivo. Nada.

Por muitos anos, aquele se tornou o seu segundo endereço na metrópole. Noites seguidas, ali compareceu e porque sua sede de saber era grande, alistou-se entre os colaboradores enquanto frequentava os diversos cursos. Conheceu Anízio, Roldão, Luiz, Henrique, Felipe, Antonio, Lúcia, Gertrudes, Jamil, Alice, Dora, Felícia e tantos e tantos outros indivíduos que se tornariam parte de sua história. Muitos, é verdade, entraram e saíram

de sua vida como brisas leves e passageiras, enquanto outros permaneceriam para sempre. Foi ali que descobriu que a vida, de fato, é a arte do reencontro, como diria o bom poeta. O reencontro de seres em seus conflitos, angústias e sonhos, sob o comando da mãe natureza, misteriosa e ao mesmo tempo bela.

XIII – Água de beber, vinho de provar

O menino dividia o tempo entre a casa onde morava, o trabalho profissional e o curso ginásial. Na garbosa cidade era um tempo suficiente para sobrar tempo para sonhar. Então, escrevia crônicas e poesias, empurrado pelo novo romance que lhe enchia de inspiração. Bebia nas águas do vazio do golpe militar que empurrara para longe inteligências destemidas, aquele vazio que fazia frutificar arte literária modernista, que unia arquitetura e poesia. A juventude tolhida falava em verso e prosa das angústias da alma, deixando no ar uma tristeza indisfarçada.

O menino admirava sem entender o jogo da vida. Na ingenuidade do período, era puro sonho e nenhuma acuidade perceptiva. Escrevia na linha daquela juventude engajada, mas não percebia nada além das meras palavras que, belas e

sorradeiras, empurravam a realidade da liberdade oprimida.

O espaço para os textos se limitava aos seus cadernos pessoais, mas a inspiração vinha de Silma, a jovem da Rua do Popó. O jornal ao qual dedicava quase toda a semana não tinha espaço para seus lamentos literários. Então, resolveu juntar os textos num volume, que pacientemente editou. Escreveu, imprimiu, encadernou e entregou nas mãos da jovem que o encantava. Um exemplar único, que dizia de águas a banhar o oceano dos sonhos, e de vinhos que adormeciam consciências, coisas lindas e ingênuas num mundo de seres brutais e insanos. Ninguém soube, apenas Silma.

Doca aprovara o livro. Disso não tinha dúvidas. Durante o tempo em que escreveu os textos, mais o tempo que levou para editar o volume, a mendiga não deu nenhum sinal de vida, mas quando, cheio de afeto, entregou a Silma o exemplar, viu Doca com um sorriso de canto de boca olhando à

distância, como quem se alia a alguma coisa com que concorda.

Tempos depois, já na metrópole, viu Doca tremendamente triste numa tarde de sexta-feira. E sabia das razões, embora tudo tivesse terminado para sempre. Para sempre? Naquele momento, sim. Os conflitos com Silma se agravavam dia a dia. O encontro tornara-se desencontro até que a situação atingiu o seu ponto máximo de ebulição. Foi quando ficou claro que Silma não sabia mais onde estava o livro, nem há quanto tempo havia sumido, ou se sumira de fato, pois parecia que ela perdera o interesse pelo livro e o relegara ao esquecimento. Então, o menino partiu.

A dor, porém, não se resumia a Silma. Era, na verdade, consequência de uma sucessão de separações e perdas na Grande Solidariedade. Uma das primeiras foi o afastamento de Anízio, o seu mestre e amigo, aquele que o influenciara ajudando-o a compreender os caminhos da obra e

do conhecimento. Aquele que o recebera de braços abertos na Grande Solidariedade, que o acolhera como a um filho e o ajudara a tornar mais forte. Os mestres costumam ser vistos como mitos e estes não são humanos. Quando Anízio mostrou suas fraquezas e por elas foi conduzido ao cadafalso pelo julgamento dos homens, o choque foi de tal ordem que deixou desorientados muitos dos admiradores confessos, ao mesmo tempo em que ficaram confusos os puritanos. Mas é neste momento que a realidade humana do mestre ressurge e obriga a que o vejam nessa dimensão. Anízio, abandonado, definhou e quando seu corpo foi levado ao túmulo poucos amigos havia na despedida. A ingratidão humana anula o afeto e aumenta a dor, quando não atira ao esquecimento sem o perdão ou remete à distância sem qualquer registro e abandona ao leu para apodrecer no lodo da incompreensão.

Depois, foi a vez de Clóvis, que dividia com o menino o barulho da prensa tipográfica.

Encontraram-se num desses desvios do destino e de tal maneira somaram seus projetos dentro da Grande Solidariedade que pareciam irmãos de sangue separados no parto. Longos anos, boas lutas, colheita farta.

Semelhante amizade só mesmo a que o menino tivera na juventude, quando dividia com o colega Silvio tudo o que dois jovens podem quando se juntam afetivamente. Mas Silvio, um dia, jogou-se no rio dos ciúmes, deixando-se levar pela correnteza da ingratidão, sem nunca mais dar sinal de vida.

Clóvis vinha de algum tempo demonstrando certo distanciamento, que o menino atribuía a fatores do dia a dia, sem maiores consequências, mas havia algo profundo que o menino não percebia, ou talvez não quisesse perceber. Ciúmes, intrigas, disputas políticas, tudo isso se reunia para formar o quadro do arrefecimento da afetividade.

Nessas ocasiões, o menino esperava algum sinal de Doca, mas como ela não aparecia, julgava que era ele mesmo quem via coisas onde não havia nada. Ela só deu sinal de vida no momento em que a realidade se tornou inevitável e os caminhos do menino e de Clóvis se separaram. Nunca a viu tão séria como naquele dia. Era como se o repreendesse por não saber contornar os problemas e superar os conflitos. Ele o sentira fortemente, mas não atinava com a existência de razões justificáveis para que a amizade chegasse ao ponto da ruptura. Doca parecia dizer que os amigos, um a um, iam desaparecendo e ele não aprendia a lutar pelo que é importante. Sentiu o golpe como jamais antes havia sentido.

Andres foi mais um desses. E a amizade com Andres vinha também dos tempos iniciais do ingresso na Grande Solidariedade. Não formaram imediatamente um par de amigos, mas o menino admirava a capacidade oratória de Andres, junto ao

seu conhecimento geral. Por isso, sempre que Andres aparecia na tribuna para a aula do dia, o menino via crescer seu entusiasmo e o gosto pelos temas. Juntaram-se pelos projetos e a amizade se estabeleceu, fazendo-os inseparáveis em muitos momentos da caminhada. O distanciamento entre eles ocorreu em razão do modo de pensar e de agir de ambos, e aqui foi o menino que decidiu separar-se, mas o fez ao peso da dor, uma vez que na sua permanente ingenuidade acreditava que aquela amizade era também para sempre. Quando os dois lados não cedem, ambos adoecem. Na vida, nunca há um vencedor definitivo.

A partida de Silma fez somarem-se inúmeras dores menores a uma dor imensa, porque nada é mais doloroso do que cortar a própria carne. Sentia-se naquele momento totalmente entregue à inação. Dera-lhe água e vinho, e o afeto por complemento, mas Silma não considerava suficiente. E ele não entendia porque, por mais que se esforçasse. Ou

talvez não quisesse entender, pois há coisas na vida que não dependem senão da vontade interior.

O vazio deixado por Silma foi espaço preenchido por Telma, que apareceu por interesse na Grande Solidariedade e descobriu afinidades inesperadas, cedendo à oportunidade de um promissor afeto. Aqui, porém, é preciso parar para retomar mais à frente.

Os desencontros doloridos que o menino viveu serviram como experiências educadoras e no mínimo ensinavam que em qualquer instância da vida, independente dos princípios mais sublimes que adornam as instituições, existem os indivíduos que são antes de tudo seres humanos feitos do barro, que amolece, das angústias, que causam dor, e dos sonhos, que empurram para frente e fazem esquecer todo o resto. Destruir o sonho é como retirar a liberdade: causa asfixia e leva à morte.

A filiação do menino às atividades sociais na Grande Solidariedade abriu para ele a oportunidade de novas percepções do universo. Muitos gostam da comodidade e da segurança. O menino queria expandir seus horizontes, conhecer novas terras, ampliar as relações. Avesso aos conflitos do poder, estava sem o saber no centro do poder, porque ter poder quase sempre é uma questão de ser e não necessariamente de querer.

Sua dedicação à Grande Solidariedade era completada pela desenvoltura com que escrevia, fator pelo qual recebia reconhecimento público. Tudo lhe conferia um poder do qual jamais faria uso pessoal, mas infundia temor naqueles que não apenas se dedicam à obra, mas desejam também chegar aos postos mais elevados do comando. O homem é o poder e talvez por isso não entenda muito bem que possa haver outros homens para quem o poder não é fonte de felicidade, senão de angústia.

O menino se viu de repente frente a uma onda imensa que ameaçava engoli-lo depois que publicou, em nome da Grande Solidariedade, um texto informativo com orientações especiais para a melhoria da própria obra. Salvou-o do naufrágio a figura especial do Olindo, já então inteligência reconhecida e respeitada naquele meio. Fê-lo espontaneamente, sem mesmo imaginar que o fazia, apenas por ter reconhecido no trabalho do menino, que nem mesmo tivera oportunidade de encontrar pessoalmente, uma contribuição importante à Grande Solidariedade. Depois que publicou a elogiosa crônica, a onda principiou a diminuir e foi se desfazendo lenta e naturalmente, até desaparecer por completo sob a espuma branca da serenidade.

A leitura do *best seller* “Fernão Capelo Gaivota” fez bem ao menino que, assim, não deu muita atenção às críticas que o livro recebera após o lançamento, porque foi este livro que abriu os seus olhos para o

fato que atinge aqueles que não se contentam com a cultura herdada. Se já vinha abandonando a ingênua postura de acreditar que o mal não é objetivo a ser planejado por ninguém, com a façanha daquela gaivota de subir mais alto que as aves do seu bando e realizar atos que nenhuma delas imaginaria, entendeu, enfim, que ciúmes, invejas e despeitos são características fortes dos seres humanos num mundo de conflitos, como o planeta Terra. Esses sentimentos comandam as mentes empobrecidas e as levam a contrapor-se aos indivíduos bem-sucedidos, mesmo quando não têm nenhuma razão objetiva para tal e nem mesmo sofrem prejuízo algum. O simples fato do destaque de alguém próximo pode ser tormentoso para quem não se sente forte o suficiente para também se destacar meritariamente.

A vida fortalece e enfraquece, e o menino estava entendendo melhor essas coisas da psicologia humana, mas, no íntimo, tomou a decisão de seguir

em frente sem gastar tempo com preocupações desse gênero.

O cartaz exposto no saguão da sede da Grande Solidariedade convidava para a palestra sobre a filosofia de Leão de Sagres no domingo à noite. Alegrou-se, duplamente. Estava com o tempo livre naquele horário e poderia conhecer de perto o escritor que um dia lera, casualmente, em sua adolescência. Refere-se à obra “Aquele que ninguém quis”, cujo enredo, com sinceridade, não se lembrava bem, mas tratava-se de um autor de grande projeção nacional e ele, agora, teria oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.

No salão principal, sentara-se ao seu lado um desconhecido que aparentava mais ou menos cinquenta anos de idade. Cumprimentaram-se, cordialmente. O silêncio geral foi quebrado pela voz mansa e linear do escritor, de mais de sessenta anos, também apresentado como professor. Em pé, diante do microfone preso ao pedestal, depositou

ele um conjunto de folhas de papel datilografadas que começou a ler, uma por uma, abrindo espaço aqui e ali para comentários complementares, com o que prendia a atenção da seleta plateia.

Ao final da palestra de pouco mais de uma hora de duração, o menino disse a si mesmo: não há dúvida, o escritor faz jus à sua fama. Percebera que naquele pequeno período de tempo conhecera mais do filósofo do que nas leituras que até ali havia feito. O escritor desceu aos meandros do pensamento que dominava a época em que o filósofo vivera, mas também subira aos céus ao analisar com segurança a contribuição do filósofo, especialmente à obra da Grande Solidariedade.

Perguntou-se se Doca estaria por ali, mas não recebeu nenhum sinal dela. Pensou que talvez não devesse estar mesmo, pois em vida não fora dada a esses momentos filosóficos, afinal, era mendiga. Logo, porém, envergonhou-se de assim pensar ao perceber o terrível preconceito que felizmente

apenas pensara. Logo com ela, que o protegia espontaneamente há tanto tempo. Sentiu-se então menos que mendigo. Saiu dessas divagações despertado pelo fato de ver, naquele instante, o homem que se sentara ao seu lado durante a palestra conversando animadamente com o escritor, como se conhecessem de longa data. Mas os dois desapareceram pela porta do corredor que dava para uma outra escada de saída.

Voltou a vê-los logo depois, no Café da Esquina, sentados à mesa. Sorriam. Levou consigo essa imagem ao dirigir-se à sua residência.

XIV – O Cine Brasil e a amizade de papelão

A rua do Popó fica quase na esquina da rua do Buraco, a rua do Sarmento dá na rua da Paciência que vai dar no Cine Brasil, onde a história cinematográfica escreveu bons capítulos na vida do menino.

Foi D. Maura, a mãe do Zinha, quem deu o dinheiro para que os dois fossem assistir pela primeira vez ao seriado do Zorro. Zinha precisava de um companheiro e o menino precisava do dinheiro que a mãe de Zinha tinha. Feita a conjugação dos interesses, lá foram os dois ao Cine Brasil, fato que se repetiria algumas outras vezes, mas apenas quando D. Maura cedia aos insistentes pedidos do filho e arrefecia a sua própria mesquinhez.

Tão logo o menino passou a ganhar o primeiro salário, ele mesmo dispensou o dinheiro de D.

Maura, que vinha sempre acompanhado de muitos compromissos e obrigações como pagamento, ou, como a mãe do amigo dizia, retribuição. Uma troca humilhante que atormentava sempre o menino. Agora com o dinheiro que ganhava podia desfrutar de outras companhias, sem a obrigação de acompanhar o amigo rico. Não que se sentisse mal na companhia do Zinha, absolutamente, e fazia questão de deixar isso claro para si mesmo, como se devesse justificar a todo momento o seu comportamento. O que pesava sobre ele era uma certa vergonha de estar sempre a dever obrigação a alguém.

O dinheiro ganho pelo trabalho profissional era também uma espécie de liberdade que adquiria, a liberdade da escolha, da decisão. Logo, a liberdade é um estado de espírito e um sentimento indefinível. Que ambiguidade, percebeu o menino, pois o sentimento dependia do dinheiro e este do trabalho, e o trabalho da oportunidade. Quem não

tem oportunidade pode não ter trabalho, dinheiro e honra.

O menino, portanto, deixou de frequentar a casa da rua da Matriz por duas razões. A primeira, foi que não pretendia ficar sob o jugo de alguém que, ao fazer alguma coisa por ele, impunha unilateralmente retribuição. A segunda foi por conta da liberdade que o salário proporcionava. Pensava que quando pudesse ajudar alguém tentaria não pedir nada em troca, nem deixar a impressão de que o outro lhe devia alguma coisa. Mais tarde descobriu que uma terceira razão poderia ser somada às outras duas. A falta de afinidade entre ele e Zinha, não dessas afinidades específicas, mas daquelas que resultam da formação cultural. Zinha era afável, mas fora educado sob a marca da diferença de classe. E disso não podia e não sabia se distanciar para encurtar as distâncias entre os dois. Zinha tinha o leme e comandava a embarcação. O menino nem

marinheiro era. A liderança natural que já se prenunciava no menino ficava obrigatoriamente contida e o menino já era suficientemente orgulhoso de si para se contentar em seguir um líder de tão poucos recursos culturais e tantas dificuldades que a saúde fraca impunha.

O Cine Brasil ficou tão importante para a cidade e seus habitantes, que o antigo prédio da época das orquestras e do cinema mudo foi totalmente reformado. O menino, com ou sem a aprovação de Doca, mas provavelmente sob o olhar dela, costumava assistir as sessões das quartas-feiras à noite e dos domingos à tarde.

Um dia chegou à cidade, vindo da zona rural, um novo aluno no ginásio. À sua simpatia cativante juntava uma ingenuidade caipira, que fazia rir os colegas, sempre prontos a caçoar. Chamava-se Seba e nunca tinha visto um filme, sequer sabia o que era cinema. O menino cuidou de coletar com os colegas o dinheiro necessário para levá-lo ao Cine

Brasil na sessão do domingo à tarde, invariavelmente programada para filmes de aventuras, do agrado da garotada.

O cinema imita o movimento da vida e as imagens têm uma relação afetiva com o espectador. Prova disso foi o que ocorreu naquela tarde com o Seba. Quando o filme atingiu o clímax com o mocinho perseguindo o bandido, Seba pôs-se de pé, pulava e gritava com tamanho estardalhaço que a plateia, tomada de surpresa, não conteve o riso estrondoso. Mas Seba não se incomodou com o alvoroço que causou, sequer sentiu qualquer vergonha pelo comportamento e nem tinha porque o fazer. Era sua primeira experiência com a sétima arte, da qual se tornou aficionado e mais tarde, por uma dessas ironias do destino, virou diretor e produtor de grande conceito. Ali, porém, em sua primeira relação com a arte do real, deixou-se levar docilmente pelas pulsões interiores que o

conduziram aos comportamentos que a massa não compreende e não aprova.

XV – Um plano de última hora

Que forças ocultas me puxam, empurram e às vezes emperram, perguntava-se o menino na manhã de uma segunda-feira, logo após entrar no ônibus que o levaria de volta à cidade natal. Não estava infeliz nem feliz ao abandonar Juiz de Fora apenas um ano depois de ter se mudado para lá, mas carecia de explicações sobre essas decisões que as pessoas tomam sem que as examinem com cuidado. De repente, aquilo que fazia deixou de ter sentido, sem que ele tivesse movido qualquer força para que acontecesse. Simplesmente deixou de gostar do curso de Contabilidade, do trabalho profissional e da própria cidade, assim, aos pouquinhos, lentamente. Era como se o fogo se apagasse por falta de lenha e quando os últimos resquícios de fumaça emanaram, lá estava ele, tomando o caminho de volta.

As amizades feitas permaneceriam, assim como as lembranças do professor José, um ex-padre de 60 anos, engraçadíssimo, que gostava de repetir que na vida só não há solução para duas coisas, a morte e a burrice. Foi um dos que deixaram a batina e constituíram família, ganhando a vida como professor. Antonio José e os outros amigos continuariam a fazer parte do rol daqueles com quem se encontraria muitas outras vezes, repetindo as reuniões que tanto encantaram o menino e despertaram nele a curiosidade para os fenômenos que Doca, quando viva, dizia ser do diabo.

A tipografia e o jornal da cidade foram seu destino. Um breve retorno, pois não ficaria ali mais que doze meses, aproximadamente. Quando se completaram oito meses de seu retorno, Edson, um amigo que trabalhava na mesma empresa, confidenciou-lhe o plano de mudar-se para a grande metrópole e o fez com tal ênfase que

despertou nele o desejo de o acompanhar. Um outro amigo, de nome Roque, se juntou aos dois e dessa forma quando o verão já havia dado sua cara o trio tomou o Cometa com o mesmo destino, mas residências diferentes. Edson não se adaptou na grande cidade, trocando-a por outra mais próxima de Minas Gerais, e Roque, que vinha de uma família de açougueiros e ele mesmo desenvolvera essa profissão, depois de algum tempo e um romance tempestuoso, do qual nasceu um filho, não foi mais visto pelo menino.

A metrópole oferece oportunidades a todos aqueles que procuram um lugar ao sol, mas assim como um rio caudaloso pode também engolir os desavisados, fazendo-os desaparecer para sempre. O menino percebeu logo, especialmente com Roque que, dos três, era o menos preparado para enfrentar os desafios de uma cidade em que as pessoas percorrem distâncias imensas diariamente, tornando a todos anônimos passantes de suas ruas

e avenidas. E quando o ser não possui bases culturais firmes, chegar na metrópole pode ser o começo de um grande desastre para os projetos de vida que o ser alimenta.

Ao contrário de Roque, Edson era o mais preparado intelectualmente. Dotado de um raciocínio rápido e de uma visão quase irônica da sociedade, parecia tolhido para vencer na metrópole, mas alguma coisa deu errado com ele ou não lhe foi assim coincidente com o que esperava encontrar. Sua partida pouco mais de um ano após à chegada acabou por inclui-lo na relação quase imensa de pessoas que passaram na vida do menino como cometas cujos rastros não tardam em também desaparecer no espaço.

Em pouco tempo, o menino se viu diante de uma realidade inextricável, baldados os esforços para compreender a si e à vida. Numa sexta-feira depois que as atividades profissionais haviam terminado, andava só pelo centro da cidade, visitando algumas

livrarias à procura de livros para preencher o fim de semana. Havia uma, bem em frente à Faculdade de Direito, com muitas bancas de oferta. Ali ficou por uns bons quarenta minutos fazendo o que ninguém faz, ou seja, pensando enquanto observava as dezenas de títulos expostos. Quem o visse ficaria deveras intrigado, sem saber se o menino pensava nos livros ou viajava no tempo. Vendedores se aproximavam para oferecer ajuda, mas logo se afastavam intrigados. O menino a ninguém ouvia. Sua mente divagava na filosofia barata das coisas comuns, das migalhas do dia a dia, tais como o dinheiro curto e os desejos longos, o ônibus a enfrentar e a casa distante e tantas coisas miúdas que os bons pensadores não se dispõem a percorrer. Num átimo de segundo, sentiu um como que roçar de vento em suas costas, como se alguém tivesse passado por ali na rapidez de um velocista. Foi o bastante para o despertar do torpor, tanto que olhou para trás tentando compreender o que

havia ocorrido e, intrigado, nada percebeu de anormal. As pessoas e tudo o mais continuavam como estavam.

Tudo mudou, porém, quando o menino girou a cabeça para a mesma direção em que estava antes da sensação do vento inexistente e deu de cara com Doca, como se ela fosse uma pessoa entre todas as que ali estavam, e parecia que ela tinha em mãos um livro sobre o qual o seu olhar pairava, em êxtase. Mas assim como surgiu, Doca desapareceu, sem que ninguém percebesse, nem ele mesmo, que ficou com aquela sensação de alguém que se frustra por não segurar nas mãos o pássaro que havia prendido.

Depois de tentar reencontrar com os olhos o vulto de Doca, sem sucesso, restou-lhe se situar novamente naquele local, não sem uma certa desconfiança de que pudesse estar sendo observado. Ninguém, senão os vendedores da loja, tinha percebido a sua presença ali. Olhou no relógio

Mondaine que trazia preso ao pulso esquerdo e se assustou com a hora. Estava próximo do encerramento das atividades da loja, logo, precisava correr para escolher e adquirir os livros para aquele fim de semana. Foi quando percebeu que estava ali, ao alcance de suas mãos, um exemplar encadernado do livro que procurava há muito tempo. Tomou-o com exagerado cuidado, abriu a página de rosto e leu para si mesmo: “Eles existem, ou de como o Universo nos surpreende”. O belo exemplar custou o mesmo que custaria se adquirisse, como o fazia regularmente nas sextas-feiras, cinco títulos diferentes, mas permitiu-lhe algo que muitos outros livros juntos jamais permitiriam, ou seja, conhecer as origens da Grande Solidariedade.

Encantou-se. No ônibus que o conduzia à sua residência lia como quem sorve lentamente o néctar da vida, palavra por palavra, frase por frase. Foi despertado desse estado de quase torpor pelo

chamado do motorista, que lhe avisava: moço, este é o seu ponto. Ergueu os olhos, levantou-se, sorriu e agradeceu.

Olhou novamente no relógio e acreditou que pelo adiantado da hora não encontraria mais ninguém no apartamento, onde dividia um dos quartos com o Dênis, um advogado e funcionário da Secretaria de Transportes. Com certeza, pensou, nem mesmo o Aldrovando e o Rubens, o primeiro também advogado e o segundo um matemático, ambos funcionários da mesma secretaria, estariam ainda ali. Todos os três costumavam pelo fim da tarde de sexta-feira tomar o rumo da região de Presidente Prudente, onde residiam com suas famílias, podendo retornar à metrópole no fim da tarde de domingo ou na segunda-feira pela manhã, a depender de suas decisões.

Procurava no bolso da calça as chaves da porta de entrada, quando deu de cara com D. Maria José, pronta para sair:

– Tem comida no fogão e a mesa está arrumada, disse ela, completando: – Volto amanhã à tarde.

D. Maria José cozinhava maravilhosamente. Era também funcionária da Secretaria de Transportes e trabalhava como servente. Um dia alugou um apartamento quase em frente ao prédio daquela autarquia e separou dois quartos para hóspedes, a quem servia também a comida. Saía cedo para o trabalho, depois de servir o café, voltava duas horas antes do almoço, combinada que estava com o seu condescendente chefe de seção que, em compensação, almoçava sem pagar todos os dias na casa dela. O marido, taxista, também saía cedo e retornava apenas noite alta. Tinha um casal de filhos, já adultos, a moça casada e o rapaz ainda solteiro e sem muito juízo, além de um filho adotivo, de doze anos, de nome Daniel. Enquanto o outro passava semanas sem aparecer, Daniel ficava em casa quando não estava no colégio. Sua presença podia ser notada a qualquer momento,

falante que era. Virou motivo de brincadeiras constantes dos adultos, principalmente à noite, quando todos se reuniam em torno da mesa de jantar. D. Maria José, sempre atenta para que os hóspedes não fossem perturbados, em volta do fogão onde cozinhava, advertia:

– Cala boca, Daniel.

Ele obedecia por no máximo cinco minutos e logo retomava a direção das conversas. E D. Maria José lá do fogão voltava a gritar:

– Cala a boca, Daniel.

A cena repetida dias seguidos fazia a alegria dos adultos. Certa noite, D. Maria José cuidava do término do jantar enquanto Daniel ouvia calado a conversa dos adultos. Estava ele pensativo, perdido em alguma preocupação quando, de repente ouviu-se o grito da mãe:

– Cala boca, Daniel.

Com voz chorosa, do alto de sua surpresa Daniel responde:

– Mas eu não tô falando nada.

Rubens, com ar de deboche e jeito cínico de Fernandel, aquele ator cômico francês de grande sucesso no cinema, exclama:

– Mas vai falar!

Nem mesmo Daniel se conteve e caiu na risada geral, deixando D. Maria José visivelmente constrangida.

A pensão de D. Maria José tornara-se conhecida nos arredores e muitos interessados esperavam por uma vaga. A localização do apartamento era boa, a comida excelente e servida também a quem não era hóspede, bastando que o interessado se inscrevesse previamente, de tal maneira que D. Maria José achou de elevar os preços da hospedagem depois que alguém lhe ensinou a

máxima mercadológica da oferta e demanda. Os três outros hóspedes tinham condições financeiras para arcar com os reajustes, mas o menino começou a ficar em situação delicada. D. Maria José, que o tratava muito bem e com afetuoso carinho, não quis saber. Agastado, tomou a decisão de buscar outra moradia e a encontrou rapidamente, de modo que só teve de comunicar à senhora que iria se mudar. Ao ouvir do menino a sua decisão, D. Maria José deixou visível uma desconhecida prepotência, que ao menino mostrou-se decepcionante surpresa.

– Onde você vai encontrar lugar melhor do que este? – perguntou a mulher.

O menino aceitou a oferta de um colega de profissão, que residia com sua irmã e o marido dela em uma casa recém construída num bairro novo, porém, distante. Precisavam melhorar a renda familiar e tinham um quarto para alugar. Mudou-se ele para lá, mas não ficou por muito tempo, pois

estava muito interessado na Grande Solidariedade e o tema não era do agrado dos novos anfitriões. Foi então que após seis meses tomou a decisão de ter sua própria residência.

Desde o evento da livraria, quando adquiriu o livro pelo qual tomou imenso gosto, que não via Doca e sequer sentia sua presença invisível. Foi dar-se conta disso quando do momento em que o aborrecimento da saída da pensão de D. Maria José, mas principalmente porque ela não quis mais falar com ele, não o recebendo nunca e sequer para uma visita. Ficou magoado, mas não teve alternativa senão seguir em frente.

A última lembrança que teve da pensão foi no evento dos evangélicos. Estava o menino estudando com atenção o livro da Grande Solidariedade, exatamente no capítulo das vidas sucessivas, quando, num domingo pela manhã chegou um casal com um exemplar da bíblia

debaixo do braço, interessado na conversão dos moradores daquela casa.

D. Maria José espertamente os introduziu na sala, onde o menino lia sossegadamente, e os apresentou a ele saindo em seguida. Sem mencionar nada do assunto do livro, o menino passou a ouvir as razões que todo evangélico daquela linha de pensamento utiliza para conquistar novos adeptos. Pareceram-lhe ilógicos, mas ele não queria incomodá-los nem tirá-los da sua plácida ingenuidade. A certa altura da conversa, a insistência do casal para com ele foi tal que resolveu contra argumentar e pela primeira vez utilizaria os novos valores que a Grande Solidariedade oferecia.

O casal o convidava a alistar-se no exército daqueles que seriam salvos por Deus no final dos tempos e poderia, assim, gozar da felicidade eterna. Mas eram poucos e o tempo para a decisão curto. Os que aderissem teriam o privilégio de herdar a

Terra e viver na paz definitiva, num tempo em que até os animais seriam totalmente dóceis. O menino então perguntou:

– Como fica o caso do Cara de Cavalo?

– Quem? – quis saber o marido.

– O bandido que foi morto esta semana pela polícia do Rio de Janeiro.

E resumiu a história do famoso criminoso de apenas vinte e três anos de idade. Cara de Cavalo nascera numa favela, era filho de mãe prostituta segundo consta, não teve oportunidade de frequentar uma escola. Aos sete anos já fazia parte de uma gang de marginais e aos dezesseis cometia diversos crimes. Aí teve início uma jornada de violência tão grande que sua fama extrapolou rapidamente os limites da favela, até que, um dia, em uma das conhecidas avenidas da cidade, ante um cerco comandado por um famoso detetive, de nome Le Coq, acabou por assassiná-lo em plena luz do dia. A polícia prometeu

caçar aquele bandido onde quer que estivesse, para vingar o companheiro morto, e após algumas semanas o encontrou e matou em Cabo Frio, dando-lhe mais de cinquenta tiros.

– A pergunta é: o que acontecerá com a alma do Cara de Cavalo? – quis saber o menino.

– No final dos tempos – respondeu o marido – Deus vai levantar todos aqueles que não puderam ouvir a Palavra do Senhor e perguntar: você quer seguir o caminho do bem ou o do mal? Quem escolher o do bem será salvo.

– Neste caso, eu também escolherei o caminho do bem – disse prontamente o menino.

Mal concluiu a frase e o homem interveio:

– Mas você não será perguntado, porque está recebendo a Palavra do Senhor. Sua decisão terá de ser agora.

Colocado assim contra a parede, o menino não teve outra saída senão mostrar o livro da Grande Solidariedade e defender os argumentos contrários que a obra oferecia, mas o homem, que já havia percebido a presença daquele exemplar nas mãos do menino, arrematou:

– Este livro foi escrito pelo diabo.

Dizendo isso, o casal se levantou sinalizando que o diálogo havia terminado. Restou ao menino acompanhar os dois em silêncio constrangedor até a porta de saída e vê-los desaparecer na primeira esquina.

Doca, a um canto da sala, olhava o menino com sua placidez marmórea, desaparecendo antes mesmo que sua presença fosse por ele percebida ou que ele se lembrasse daquele tempo em que ela também imaginava o diabo por entre as paredes da casa caiada de amarelo.

Fato semelhante ocorreria alguns anos mais tarde, quando o menino retornava para casa após o expediente profissional, mas desta vez seria protagonizado por dois jovens americanos que estagiavam no Brasil divulgando a religião dos mórmons. Tão logo entrou em sua casa, foi avisado pela irmã que haviam dois homens desejosos de conversar com ele. Apesar de cansado, o menino aquiesceu sem saber de fato quem eram e o que queriam, mas quando os viu suas dúvidas desapareceram. Assim que os dois visitantes sentaram no sofá, deram início à tentativa de conversão do menino, oferecendo-lhe um exemplar do Livro dos Mórmons, pelo qual estavam dispostos a cobrar uma quantia bem razoável. Instintivamente, o menino dirigiu-se à estante de livros que mantinha na sala e de lá retirou um exemplar novinho do livro da Grande Solidariedade, deixando claro que receberia de bom grado o Livro dos Mórmons, mas oferecia em

troca algo semelhante. Surpresos, mas não menos insatisfeitos, de um só gesto os jovens de camisa branca e calças escuras recolocaram o Livro dos Mórmons em sua pasta, retirando-se sem mesmo se despedirem.

O curto período de tempo que passou hospedado na casa do amigo de profissão, depois que deixou a pensão de D. Maria José, teve um desfecho mais ou menos semelhante. Tendo o menino ouvido a notícia de que um conhecido líder da Grande Solidariedade estaria num famoso programa de televisão na noite do dia seguinte, obteve dos anfitriões a autorização para o assistir a entrevista, marcada para horário bastante avançado. Mas teve o dissabor de descobrir que aquilo havia desgostado muitíssimo o amigo e o casal, que comungavam da ideia de que a vida é resultado apenas do acaso da matéria. Dali para frente, foi sentindo-se excluído de tudo o que ocorria naquela casa. Por fim, pagou o que devia e mudou-se. Seu

destino era, agora, um pequeno sobrado localizado ao final de uma rua no antigo bairro do Chora Menino. Mas o que ele não sabia era que o destino lhe reservava, ali, duas enormes surpresas e um longo silêncio que ninguém saberia dizer se terminaria algum dia.

XVI – Tudo acaba onde não termina

Emil subiu as escadas que davam para o mezanino onde o menino cuidava da administração da livraria. Estava acompanhado de um senhor de cerca de cinquenta anos de idade, no qual o menino reconheceu a mesma pessoa que vira abraçar o escritor após a palestra sobre filosofia no salão da Grande Solidariedade, ocorrida dias antes. Depois de apresentá-lo ao menino, Emil leu as correspondências que estavam sobre a mesa, à espera de aprovação, fez algumas breves modificações, aguardou que fossem corrigidas na máquina de escrever e assinou-as após. Inteirou-se das providências tomadas em relação a assuntos tratados no dia anterior, despediu-se, dirigindo-se à saída depois de prometer retornar no dia seguinte.

Quem apareceu de fato na noite posterior foi o amigo do escritor que Emil apresentara ao menino,

Gorge de Olvedo. Chegou com seu andar firme e compassado, cumprimentou a todos com certa bonomia e olhou o menino como se o conhecesse de longa data. O que nenhum dos dois sabia é que ali teria início uma amizade que se estenderia por muitos anos, unindo-os em inúmeras atividades e projetos dentro da Grande Solidariedade. As pouco mais de duas décadas de idade que separavam o menino e o novo amigo não seriam jamais empecilho para que trocassem experiências enriquecedoras. Em pouco tempo, o relacionamento de ambos era o de dois seres que se conheciam desde a infância, quiçá antes dela.

Tempos depois, Gorge revelaria ao menino que foi levado a procurá-lo no dia seguinte por duas razões: a afinidade que percebeu existir entre os dois e o desagrado para com Emil que, segundo Gorge, parecia uma autoridade despótica ao exigir a correção das cartas só porque não havia gostado de uma ou outra palavra de somenos importância. Ao

encerrar o expediente, o menino e Gorge foram até a cafeteria próxima para uma ligeira refeição. Depois, cada um seguiu para sua residência sob a promessa de voltarem a conversar mais à frente.

Ao chegar em casa naquela noite, o menino foi até a estante da sala à procura do exemplar de um livro escrito por Gorge que ele sabia possuir, mas jamais havia sequer folheado. Com a brochura nas mãos, sentou-se e ali ficou, pensativo, considerando que a vida sempre reserva surpresas e que possivelmente essas surpresas não seriam privilégio apenas dele, mas deveriam ocorrer com todas as pessoas, independente de quaisquer outras questões. Cansado e desejando ir para cama, fez menção de levantar-se quando viu a figura de Doca de corpo inteiro à sua frente, a não mais do que dois metros de distância. Quedou-se surpreso, não com o aparecimento da antiga mendiga, mas com o pedaço de papel que Doca segurava com as duas mãos, no qual estava escrito: “arte do reencontro”.

E como era comum ocorrer, após cumprir seu objetivo Doca esvaneceu-se tão suavemente como surgira, feito a fumaça de uma fogueira junina em fim de noite, com a diferença de que o desaparecimento dela não deixou rastros nem cheiro.

O menino tomou um banho quente e foi deitar-se quando a imagem de Doca, ressurgindo agora apenas em sua tela mental, o levou a notar o raro sorriso que ela naquela noite apresentara e ele sequer havia percebido. Sim, Doca não só mostrara o papel com a frase, mas tinha um sorriso de satisfação no rosto, como quem dizia também que uma jornada nova e boa estava em seu início, ao que ele ironizou: sim, toda boa coisa vem acompanhada de seu contrário. O sono chegou e levou a alma do menino embora sob a promessa de liberá-la antes do sol nascer.

Gorge ligou dois dias depois perguntando se Emil havia deixado um pacote para ele. O menino

confirmou. Menos de uma hora depois lá estava Gorge, satisfeito com a encomenda e notadamente esperando que a curiosidade do menino sobre o conteúdo do embrulho fosse por ele manifestada, mas o menino tinha outros interesses e frustrou Gorge. Dirigiram-se então novamente à cafeteria, onde Gorge, depois de pedir um “pingado” na xícara grande, abriu a encomenda e expôs o seu conteúdo: eram quibes árabes, feitos pela mãe de Emil, que Gorge adorava comer. Dividiram entre si o conteúdo, em meio a comentários variados sobre a Grande Solidariedade e as inúmeras instituições a que dera origem, mas especialmente aos conflitos que entre elas se estabeleciam. O detalhe dos quibes chamou a atenção do menino. Dias antes, Gorge havia demonstrado grande descontentamento com Emil, mas, agora, estava feliz com o amigo por conta dos quibes que ele enviara. Que ambiguidade, pensou.

Na ocasião o segundo livro do menino estava em fase de conclusão e Gorge já havia publicado mais de dez. Tinha experiência de sobra para ser seu conselheiro. O menino aceitou o convite de Gorge para tomarem uma sopa na casa deste, na noite do dia seguinte, e levou consigo os originais. Lá conheceu Jucema, a simpática e discreta esposa. Juntos leram calmamente os originais datilografados do livro e o menino anotava pacientemente as observações que Gorge ia fazendo. Quando concluíram o trabalho, Gorge surpreendeu ao confessar que guardava, inacabado, há muito tempo os originais de outro livro. Dizendo isso, tirou da gaveta uma pasta e colocou-a em suas mãos. O título da capa dizia: “Um homem inigualável, ou caridade e educação”. Que estilo! – admirou-se o menino, com uma ponta de inveja, após concluir a leitura do primeiro capítulo.

– O que falta para terminar o livro? – Perguntou.

– Hum, não sei, alguns retoques, respondeu Gorge.

Esta não era toda a verdade. De fato, Gorge precisava passar a limpo uma série de informações antes de concluir o texto e remeter para seu editor, ou seja, a checagem dos fatos era necessária e a demanda de tempo para tal seria considerável. Foi o que fez com que Gorge deixasse na gaveta por tanto tempo um livro que lhe parecia bem caro. Dada a insistência do menino para que ele o concluísse, Gorge sentiu-se compelido a retomar a escritura do livro, de tal modo que ambos, o livro do menino e o dele, foram publicados alguns meses depois e tiveram surpreendente destaque na imprensa especializada. O menino logo descobriu que deveria deixar de lado alguns planos para sua carreira literária, o que Gorge já havia feito há alguns bons anos atrás. A razão para isso foi uma descoberta inusitada: os livros que ambos sonharam escrever teimavam em ficar apenas nos planos e os que não pensaram publicar foram os que de fato escreveram.

Gorge se encheu de tanta atenção com o menino que dizia-lhe tê-lo tomado por filho:

– Filho espiritual, fazia questão de enfatizar.

Com amplo espaço na Grande Solidariedade, Gorge gozava de amizades antigas e firmes com personalidades que faziam parte da intelectualidade pensante do país. A primeira delas foi o escritor que o menino tanto admirava. Gorge aproveitou então a oportunidade da bienal do livro programada para aquele mês para apresentar os dois, dizendo ao seu antigo amigo:

– Esse é o meu filho mais novo.

O escritor riu um riso repleto de afeto, abraçando com grande ternura o menino que, na sua timidez, escondia o rosto enrubescido pela vergonha. Na semana seguinte, Gorge o levou ao Centro de Convenções Rebouças, onde um grande evento reunia escritores e diretores ligados à Grande Solidariedade e o menino, sempre revelando

constrangimento, cumprimentou pela primeira vez vários deles, alguns dos quais se tornariam íntimos pelo resto do tempo. A amizade entre o menino e Gorge ia assim se tornando cada vez mais firme, estreitando os laços cujas pontas pareciam conduzir ao mais distante passado, misterioso e desafiador ao mesmo tempo. Seis meses depois desses acontecimentos, o menino mostrou a Gorge os originais de um novo livro, para o qual solicitou dois favores: uma apreciação crítica e, caso entendesse positivo, um prefácio. Gorge não tardou a dar ao menino algumas sugestões de mudanças no estilo, mas surpreendeu-o com o prefácio já pronto, que entregou no mesmo instante das sugestões. Orgulhoso de sua façanha, ao mesmo tempo em que queria demonstrar apreço à atenção que recebia de Gorge, o menino fez as mudanças sugeridas no texto e encaminhou os originais do novo livro à editora. Quando, portanto, o livro foi lançado em sessão de

autógrafos, um grande número de admiradores acorreu ao local. O menino percebeu que já não podia mais esconder-se por trás de sua timidez, em virtude da projeção do seu nome junto aos leitores da Grande Solidariedade.

Entre os raios luminosos emanados das conquistas alcançadas há sempre as imperceptíveis sombras dos fatos que se projetam, à espera do momento propício para eclodir. As experiências humanas podem ser saboreadas no frescor das maçãs recém-colhidas ou enfrentadas na madrugada escura das surpresas desagradáveis. Os desígnios naturais são quase sempre insondáveis. Uma dura sentença, porém, estava assinada pelo juiz da vida e ao menino não restava outra coisa senão cumpri-la. Foi assim que poucos dias após o lançamento do livro prefaciado por Gorge, o automóvel em que o menino seguia para a cidade de Sorocaba, interior paulista, envolveu-se num acidente de grandes proporções, deixando o menino entre a vida e a

morte. Braços anônimos conseguiram retirá-lo de entre as ferragens e rapidamente transportá-lo para o hospital mais próximo, onde deu entrada em estado crítico. Foram dias seguidos de angústias vividas pelos amigos e familiares, diante das incertezas e diagnósticos inconclusivos, até que finalmente o menino emitiu sinais positivos, enchendo de esperanças a todos. Trinta e cinco dias depois do acidente, recebeu ele autorização para transferência para a capital, onde seguiria com o tratamento. Outro diagnóstico, porém, faria retornar as apreensões quanto ao futuro do menino: sua memória se apagara. Ele não se lembrava de nada, nem quem era, o que ocorrera, sequer o próprio nome podia pronunciar.

O quadro não surpreendeu os médicos, que informavam ser comum a amnésia pós-traumática, especialmente após acidentes automobilísticos de graves proporções como o que o menino sofrera. Em vão, porém, os clínicos esperaram por uma

recuperação rápida e então deram outro diagnóstico: amnésia dissociativa global, devido à extensão da perda das lembranças. Ainda assim, esperavam os clínicos que a memória retornasse aos poucos, renovando as esperanças. Nesse quadro, o menino recebeu alta do hospital e retornou ao seu lar. Os meses passavam, no entanto, sem que qualquer sinal de recuperação surgisse no cenário e à medida que a situação se estendia as visitas escasseavam, levando junto as expectativas de retomada da vida normal pelo menino. Após três anos vivendo nessas condições, somente Gorge mantinha-se fiel ao amigo, visitando-o quase que diariamente e sempre reafirmando sua convicção de que o menino iria se recuperar. Mais ninguém aparecia. A saúde física estava plenamente recuperada, mas o menino era incapaz de fazer qualquer atividade que o ajudasse na cura total. Passava a maior parte do tempo olhando para um ponto qualquer do espaço. Era

como se houvesse nascido após o acidente, totalmente desprovido de qualquer conhecimento, do mais básico ao mais complexo. A insistência de Gorge e sua fiel presença junto ao amigo parecia dar ao menino a única demonstração de satisfação que apresentava. Nos dias em que não aparecia, o menino emitia claros sinais de tristeza. Mas Gorge parece ter feito descobertas inesperadas, especialmente quando começou a ver a figura de uma mulher junto ao menino. A princípio, a aparição se dava de forma pouco definida, mas com o passar do tempo Gorge pôde precisar com clareza a cor marmórea de sua tez, os pequenos olhos azuis e o vestido de tecido claro que escondia um corpo magro e bem delineado. Gorge notou que a mulher vinha sempre em horários regulares e postava-se ao lado do menino como o faria uma sentinela. Se sabia da presença de Gorge ali, não o demonstrava. Foram baldados seus esforços para fazê-la falar algo, uma palavra qualquer que esclarecesse a

situação ou que desse alguma esperança. Gorge fazia perguntas mentalmente, sem obter resposta. Houve um dia que, impaciente, falou em voz alta, demonstrando grande contrariedade pela mudez daquela figura feminina, outra vez sem sucesso. A mulher aparecia e desaparecia em silêncio e sempre da mesma forma, como uma nuvem leve que se desfaz ao sopro do vento brando.

Completaram-se longos quinze anos nessa situação até que um dia o inesperado aconteceu. Gorge lia frente ao menino um livro qualquer e de vez em quando lançava um olhar furtivo sobre ele quando, de repente, percebeu a chegada da mulher em um horário que não era comum. E mais, viu que ela trazia nos lábios um leve e discreto sorriso. A surpresa foi de tal magnitude que Gorge deu um salto da cadeira onde estava acomodado, a ponto de o livro escapar de suas mãos e provocar um estrondo no assoalho de madeira, levando o menino a assustar-se.

– Eu estava certo, eu estava certo – gritava Gorge repetidamente, anunciando para si mesmo que finalmente o dia da liberdade havia chegado.

O susto do menino com o barulho da queda do livro ao chão parece ter provocado efeitos imediatos em seu cérebro, porque ele se virou para o ponto onde a mulher estava e exclamou com inaudita felicidade:

– Doca!

Ato seguinte, voltou-se para o amigo que estava em estado de intensa euforia e pronunciou seu nome:

– Gorge.

A forte emoção daquele momento marcava a atmosfera do quarto quando sobreveio um acontecimento inesperado: o menino foi vítima de um desmaio repentino e quedou-se estirado sobre o leito como se retornasse ao estado anterior. Gorge arregalou os olhos e estancou sua euforia,

substituindo-a imediatamente por um estado de terrível apreensão. O silêncio voltou a dominar o ambiente. Gorge, porém, estranhou que Doca não demonstrava nenhum abalo emocional diante da situação do menino e aquilo lhe soou positivo. Ela continuava ali, visível a ele e bastante serena. E mais, o olhar dela parecia querer dizer que Gorge deveria retomar o controle de suas emoções, ao que ele obedeceu e foi aos poucos envolvido por uma sensação agradável de paz. Então, acomodou-se novamente na cadeira sem tirar os olhos do menino, que permanecia estirado e desacordado sobre o leito. O cansaço logo dominou Gorge e o fez adormecer profundamente. Acordou não se sabe quanto tempo depois com alguém lhe tocando os ombros e pronunciando seu nome: – Gorge, Gorge. Era o menino.

XVII – O documento

Duas décadas depois desses acontecimentos, numa noite temperada pela primavera paulistana, o menino já alquebrado pelo tempo tomou do celular e apertou uma das teclas. Foi o suficiente para digitar no aplicativo que se abriu um aviso endereçado ao filho mais velho: “Se o sol aparecer, vou embora”. Era a senha combinada e o filho soube naquele instante que nada mais poderia fazer para evitar que o pai retornasse à cidade natal e findasse ali seus dias junto às recordações do passado. Por isso, pelas nove horas da manhã seguinte, sem demonstrar qualquer preocupação com tempo e temperatura, o filho dirigiu-se à residência do pai e sequer esboçou qualquer surpresa pela sua ausência. Cuidou apenas de pegar a chave que trouxera no bolso, colocá-la na fechadura do criado mudo, girar e de dentro da gaveta retirar o envelope a ele endereçado. Em

seguida, sentou-se na poltrona situada ao lado da cama, onde o velho pai costumava passar horas lendo os livros da Grande Solidariedade, e calmamente movimentou seus olhos sobre o texto escrito de próprio punho naquele papel já um pouco amarelado. Dizia assim:

“Nasci velho. Desde muito cedo me vi inclinado para a convivência com os adultos, talvez porque sentisse-me mais forte com as experiências do outro. Foi assim, filho, que concordei que você me tratasse por menino, mesmo quando eu já não mais tivesse a idade dos meninos. Percebi que era preciso fazer o contraponto e conviver com a ambiguidade nesta permeável duplicidade da vida.

Nasci também para subir montanhas. Não sei se em algum momento do passado descí demais. Compreendi, depois de muitas idas e vindas, que a visão de cima compensa os prejuízos do olhar

linear. Quando desejei permanecer em cima e estender indefinidamente o prazer que as alturas provocam, a mão do invisível apontou o caminho de volta.

Nasci incompleto para viver da angústia da procura. Juro que até este instante não tenho certeza do que encontrei, mas me sinto tremendamente mais leve. Parece que deposei numa esquina qualquer o excesso de bagagem que me fazia pesado demais. A voz do inaudível me garantiu que há sempre alguém disposto a utilizar aquilo que já não serve mais para outrem.

O mais importante, filho, é aquele ponto luminoso na linha do horizonte dos sonhos. Inalcançável e, no entanto, de atração irresistível. Todas as vezes que o perdi de vista, extraviei-me, mas sempre que o segui mantive as esperanças. Significa que não cheguei, mas que preciso prosseguir, mesmo sabendo que o ponto luminoso está além de um imenso e caudaloso rio que é preciso atravessar.

Disse você que sou um menino, omitindo o meu verdadeiro nome. Fez bem, pois mesmo tendo recuperado a memória depois do longo período vivendo no vazio das lembranças, há uma só coisa da qual não consigo me recordar ainda: o meu nome. E na única vez que estive às margens daquele rio caudaloso disposto a atravessá-lo, a voz que Doca jamais usou soou, previdente, dizendo: menino de algodão. Retrocedi, para não me desmanchar nas águas ainda desconhecidas.

Paro aqui para prosseguir mais adiante, na incerteza que sobrevém à única garantia que me consola: a imortalidade. Espero, quando lá chegar, ao menos compreender o silêncio de Doca, aquela que se fez mendiga para doar afeto. Não sei porque, mas sinto que a minha incompletude só se desfará quando a materialidade daquela voz fizer vibrar os tímpanos de minha alma.

Filho, muito obrigado. E, se me permite, um último conselho: faça brilhar seus raios luminosos nas

noites da solidão humana; não dispute espaço com o astro-rei, porque ele não foi feito para competir. Nem você.”

* * *

Caro leitor. O desfecho dessa história você já leu no primeiro capítulo. Leia-o de novo, caso necessite recordar, mas, por favor, não o faça apenas por curiosidade. Sobre o que ocorreu durante os quinze anos de silêncio memorial será preciso aguardar. E sobre os últimos vinte anos da vida do menino, quem sabe nos encontremos um dia desses para uma boa conversa. Até lá.

FIM